



XVIII EPP

Encontro Paranaense de Psicologia

*Decolonizar saberes, resgatar
a história e cultivar o futuro ancestral*

12 A 15 DE FEVEREIRO DE 2025

**Universidade Estadual de Maringá
e Teatro Calil Haddad (Maringá-PR)**







XVIII EPP

Encontro Paranaense de Psicologia

*Decolonizar saberes, resgatar
a história e cultivar o futuro ancestral*



Conselho
Regional de
Psicologia
do Paraná

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Encontro Paranaense de Psicologia (18. : 2025 : Maringá, PR)
Anais do XVIII EPP [livro eletrônico] : descolonizar saberes, resgatar
a história e cultivar o futuro ancestral. -- 1. ed. --
Maringá, PR : Conselho Regional de Psicologia
8ª Região (CRP-PR), 2025.
PDF

Vários autores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88355-07-7

1. Psicologia - Congressos I. Título.

25-273807

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

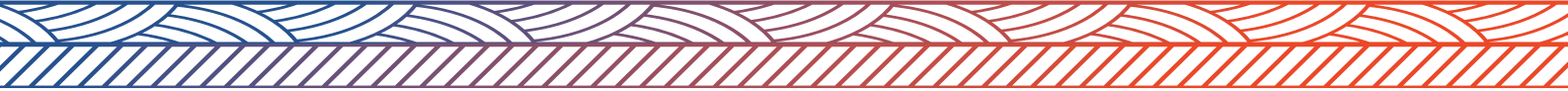


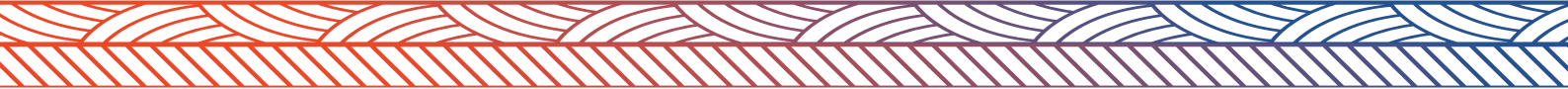
Anais

XVIII ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOLOGIA

ANAIS – XVIII ENCONTRO PARANAENSE
DE PSICOLOGIA (EPP)

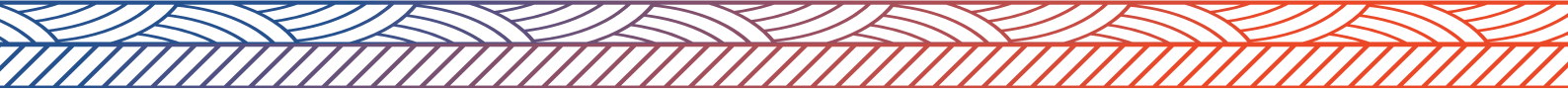
Curitiba
2025





>> Sumário

Comissão Organizadora	08
Comissão Científica	08
Sobre o EPP	09
Programação Científica	10
Comunicação Oral	11
Mesas-Redondas	116
Oficinas	126
Pôsteres	134
Apresentações Culturais e Artísticas.....	158
Agradecimentos	169



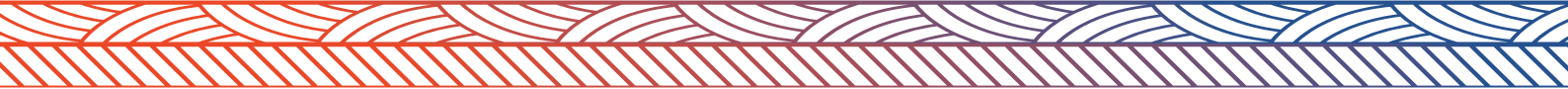
>> Comissão Organizadora

Psic. Pamela Cristina Salles da Silva (CRP-08/20935) | Presidenta do XVII EPP
Alec Bineck Lessa | Designer do CRP-PR
Psic. Ana Ligia Bragueto (CRP-08/08334)
Psic. Andrey Santos Souza (CRP-08/30587)
Psic. Angelo Horst (CRP-08/17007)
Psic. Cláudia Barbosa (CRP-08/05631)
Psic. Cláudia Cibeles Bitdinger Cobalchini (CRP-08/07915)
Ellen Nemitz | Jornalista do CRP-PR
Psic. Fábio José Orsini Lopes (CRP-08/09877)
Psic. Gabe Martignago Soares (CRP-08/38313)
Karina Fernanda Pereira | Assist. Administrativo Financeiro do CRP-PR
Psic. Karla Lucélia Losse Mendes (CRP-08/29641)
Psic. Marli Nunes dos Santos Alves (CRP-08/39048)
Adm. Maurício Cardoso da Silva (CRA-PR 22.261)
Samuel Oliveira de Castro | Assessor de TI do CRP-PR
Psic. Sérgio Bezerra Pinto Junior (CRP-08/26037)
Psic. Vanelise Masqueti Valério Antoniassi (CRP-08/25684)

>> Comissão Científica

Psic. Alayde Maria Pinto Digiovanni (CRP-08/01490)
Psic. Andressa Pires Martins (CRP-08/16324)
Psic. Cláudia Barbosa (CRP-08/05631)
Psic. Cláudia Cibeles Bitdinger Cobalchini (CRP-08/07915)
Psic. Jefferson Olivatto da Silva (CRP-08/13918)
Psic. João Batista Martins (CRP-08/09111)
Psic. Karla Lucélia Losse Mendes (CRP-08/29641)
Psic. Mariane Ranzani Cisson Evangelista (CRP-08/17722)
Psic. Marilda Gonçalves Dias Facci (CRP-08/02619)
Psic. Sonia Maria Shima Barroco (CRP-08/02852)





>> Sobre o EPP

Em sua 18ª edição, o Encontro Paranaense de Psicologia (EPP) convida a categoria profissional para juntos reafirmarmos o compromisso das pessoas profissionais de Psicologia e da própria ciência psicológica com a população brasileira. No contínuo esforço para consolidar práticas dialógicas e antirracistas, o CRP-PR consolida a fundamental defesa da Psicologia com o compromisso ético-político de transformação social. Isso deve ser feito em consonância com as perspectivas decoloniais e de direitos humanos, com atenção aos aspectos socioambientais e culturais, fortalecendo as políticas públicas e fomentando o apoio à categoria profissional no seu fazer cotidiano. O tema **“Decolonizar Saberes, Resgatar a História e Cultivar o Futuro Ancestral”** nos chama a reavaliar e transformar a prática da Psicologia. Nos lembra da importância de integrar os conhecimentos e as experiências de todos os povos, promovendo uma prática mais justa, inclusiva e culturalmente rica. Como pessoas profissionais da Psicologia, temos a oportunidade e a responsabilidade de atualizar e transformar a profissão, promovendo uma Psicologia que verdadeiramente respeite e valorize a diversidade humana em todas as suas formas. Que este Encontro seja um espaço de aprendizado, troca de experiências e construção de novas práticas que honrem o passado, valorizem o presente e construam um futuro mais equitativo e inclusivo para todas as pessoas.





PROGRAMAÇÃO **CIENTÍFICA**





COMUNICAÇÃO ORAL



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

1. Arteterapia como Cultivo do Futuro Ancestral em Clínicas de Reabilitação

Autor(es)/Apresentador(es):

Anne Paim Zandoná | apaulapaimz@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Silvana Batista Moreira Lopes | profsil07@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)

Palavras-chave: Arteterapia; Expressão Criativa; Psicologia.

Resumo: A exposição oral apresenta uma intervenção arteterapêutica desenvolvida durante o estágio de Psicologia em uma clínica de reabilitação voltada para adictos e pessoas com transtornos emocionais. Alinhada à proposta Cultivar o Futuro Ancestral, a intervenção integrou práticas culturais e terapêuticas como meio de promover a saúde mental, o resgate cultural e o fortalecimento do bem-estar emocional. O objetivo foi criar um espaço seguro e acolhedor, livre de julgamentos, onde participantes maiores de 18 anos, independentemente do gênero, pudessem expressar suas emoções, ressignificar suas experiências e fortalecer a autoestima. A metodologia baseou-se nos princípios da grupoterapia e na arteterapia de Natalie Rogers, utilizando atividades como pintura livre, expressão corporal e reflexões coletivas. As demandas foram identificadas por meio da observação direta e dos feedbacks dos participantes, que, no início, apresentaram resistência ao processo criativo. Com o avanço das atividades, percebeu-se uma maior entrega emocional, envolvimento nas práticas e relatos positivos dos participantes sobre os impactos terapêuticos, evidenciando alívio emocional e construção de vínculos grupais. Apesar das limitações, como a escassez de materiais artísticos, a arteterapia mostrou-se eficaz ao unir tradição e inovação. Conclui-se que essa prática representa um caminho significativo para o cultivo do futuro ancestral, resgatando a expressão criativa como um saber transformador e oferecendo novas perspectivas para o bem-estar emocional e a continuidade cultural no contexto das intervenções psicológicas.

2. A prática interventiva da Psicologia Escolar: um relato de experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Luiza Nogueira de Alcântara Pereira | malunogueira1307@gmail.com
Vitória Pinheiro Lourenço

Orientador/Co-autor:

Vitória Pinheiro Lourenço | vitoria.pinheiro@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Patrícia Vaz de Lessa | patricia.lessa@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Marilucia Ricieri | mariluciaricieri@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Psicologia Escolar e Educacional; Psicologia Histórico-Cultural; Educação Básica.

Resumo: A Psicologia Escolar define-se como um campo de atuação profissional que visa auxiliar no desenvolvimento, aprendizagem e identificar como as relações são criadas e estabelecidas dentro do ambiente escolar. O referencial teórico utilizado para esse trabalho foi a Psicologia Escolar Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural, em que todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social. O estágio foi realizado em uma Escola Municipal no norte do Paraná, com alunos do 5º ano, e teve como objetivo a promoção da sociabilidade, auxiliando na percepção de temáticas presentes na vida escolar infantil e servindo como potencializador para os alunos valorizarem suas individualidades, sentindo-se pertencentes a sociedade que compõem. Temas como respeito, bullying, sentimentos e autoestima foram trabalhados com a turma, a fim de trabalhar com as demandas trazidas e a sociabilidade dos alunos. A metodologia foi composta por uma fase de observação-participante e outra fase de intervenção, as quais duraram dois meses cada. A partir disso, utilizou-se dinâmicas de grupo para proporcionar momentos de cooperação entre os alunos, as quais abordaram a criatividade, reflexão, autopercepção e percepção do outro. Em decorrência do trabalho realizado, pôde-se observar que os alunos, em sua maioria, participaram de forma engajada e motivada, visto que as atividades proporcionaram um espaço seguro para compartilharem experiências e sentimentos. Obtivemos também um feedback da gestão, de que houve melhoria no comportamento dos alunos, desde o início da intervenção. Vale ressaltar que não foi possível abordar todos os marcadores sociais que atravessam a vida de cada um, devido ao limite de tempo. Logo, é pertinente salientar a importância da presença e do trabalho do psicólogo no ambiente escolar, de modo contínuo, a fim de melhorar a qualidade de vida das crianças, fortalecendo, assim, o vínculo escola-aluno.

3. Atuação intersetorial junto ao coletivo de mulheres no CREAS: potencializando histórias e mobilizando reesignificações

Autor(es)/Apresentador(es):

Andressa Pires Martins Santana | andressapiresmartins@hotmail.com

Palavras-chave: Grupo; Mulheres; CREAS.

Resumo: O Centro de Referência Especializado de Assistência Social é uma unidade pública de atendimento para pessoas e famílias que vivenciam situações de risco pessoal e social por violações de direitos e/ou situações de violência. De acordo com as Orientações Técnicas de Referência (MDS, 2011), do ponto de vista metodológico faz-se importante compreender o trabalho social no CREAS a partir de três principais dimensões: Acolhida, Acompanhamento Especializado e Articulação em Rede. Atuando de forma complementar, estas dimensões devem organizar e orientar o trabalho social especializado desenvolvido junto às famílias. A postura acolhedora, de respeito à dignidade e não discriminação deve permear todo o trabalho social desenvolvido, em absolutamente todos os momentos de atendimento e acompanhamento. É importante compreender que a acolhida se materializa também por meio da organização de um ambiente receptivo, bem como a atuação com compromisso, equidade e atitude ética de profissionais. Nesse sentido, a equipe precisa estar preparada para acolher todas as pessoas usuárias considerando a complexidade de cada situação, suas singularidades e demandas. No que tange ao Acompanhamento Especializado, compreende-se os atendimentos continuados, junto a diversificadas possibilidades para seu desenvolvimento, segundo as demandas e especificidades de cada situação, seja por meio de visitas domiciliares, atendimentos individuais, familiares e/ou em grupo. Neste sentido, foi planejado o grupo de mulheres no CREAS de Paiçandu, que desde o ano de 2015 tem reunido mulheres com suas crianças, com a finalidade de proporcionar um espaço de escuta qualificada, respeito, empatia e reflexão, além de mediar o suporte social, emocional e jurídico-social às famílias e aos indivíduos acompanhados, por meio do diálogo e intervenção conjunta com a equipe técnica de referência, visando troca de informações, autoconhecimento, reesignificação, autonomia, empoderamento para o enfrentamento e construção de novas possibilidades de interação familiares e sociais.

4. A goiaba, o pêssego e o vínculo terapêutico

Autor(es)/Apresentador(es):

Angelo Yano Dezoti | angeloy.dezoti00@uel.br

Orientador/Co-autor:

Maíra Bonafé Sei | mairabonafe@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Psicanálise; Atendimento Infantil; Vínculo.

Resumo: A relação entre terapeuta e paciente é um assunto de intenso debate quando se pensa na prática psicológica. As diferentes teorias diferem quanto ao modo de se pensar essa relação, portanto, busca-se, através desse trabalho, aprofundar o debate quanto ao benefício do laço na construção do espaço terapêutico. A partir de um atendimento infantil em uma clínica escola, chegou-se a esse relato de experiência. Durante o processo terapêutico, o dizer de uma criança de seis anos chama a atenção: “estou com fome”. Diante disso, o terapeuta, que tinha levado uma goiaba e um pêssego, oferece uma das frutas para ele, que come satisfatoriamente. Depois de comer a goiaba, ele diz “estava tão gostosa, e o pêssego?”, após isso, o terapeuta dá também o pêssego ao seu paciente, que se anima. Pensando nesse breve corte apresentado, e levando em consideração que o atendimento foi feito baseado na teoria psicanalítica, surgem algumas inquietações quanto à prática clínica. Pode-se, assim, questionar: “será que foi correto?”, “como fica a relação transferencial?”, “o lugar distanciado do analista foi desrespeitado”, ou qualquer outra contestação possível. Diante disso, esse relato tem como objetivo sustentar uma prática baseada no laço, na incorporação do outro em si. Ao comer as frutas do terapeuta, uma prática ancestral é reeditada, o compartilhamento da comida. Através disso há, então, a possibilidade de fortalecer o vínculo existente e inclusive de ter mais conhecimento sobre a vida dele, que a partir disso relata que não há tempo de comer em casa. Também é possível pensar como o espaço terapêutico é nutritivo, podendo criar sementes para a dispersão de novas formas de se pensar a vida em conjunto e também, a própria prática psicológica.

5. Relato de Experiência: Oficina de Projeto de Vida no SCFV de Cambé-PR

Autor(es)/Apresentador(es):

Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto | segattolivia@gmail.com
Ana Clara Ramazotti Totti

Orientador/Co-autor:

Ana Clara Ramazotti Totti | ana.clara.totti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Beatriz Silva Roque | beatrizroque@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Luiza Takahara Bortoliero | luiza.takahara@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Valéria Queiroz Furtado | valeriauel@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Idosos; Projeto de Vida; Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência do estágio obrigatório do quarto ano da graduação de Psicologia-UEL, ainda em andamento. O campo deste estágio é um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de Cambé. O SCFV é uma iniciativa da Proteção Básica do Sistema Único de Assistência Social, e consiste em um serviço preventivo e protetivo, que busca enfrentar vulnerabilidades sociais que podem enfraquecer os vínculos familiares e comunitários. No processo de envelhecimento, os sujeitos se deparam com uma redução de papéis sociais e ocupacionais, de modo a desestruturar seu senso de identidade para uma convivência social participativa. Diante desse cenário, as estagiárias propuseram e desenvolveram uma oficina de projeto de vida, visando construir e retomar os projetos pessoais dos participantes. A formulação de projetos de vida está alinhada a perspectivas relacionadas ao futuro, à estruturação da própria rotina com base em objetivos pessoais e diminuição do tempo ocioso, aspectos relacionados à melhora de qualidade de vida e autoestima, cujos efeitos são positivos na saúde mental dos sujeitos. As oficinas foram organizadas em seis encontros, contando com a presença de 15 usuários do SCFV, com idades que variam de 64 a 82 anos. Nota-se, ao decorrer da atividade, o desenvolvimento de vínculos entre os idosos, debates sobre seus projetos pessoais e construção de um espaço seguro de partilha sobre suas vivências nessa etapa da vida. Como resultado os participantes estão traçando alguns projetos de vida, como natação, caminhadas, aulas de teatro, dança e participação em bailes, além da reflexão coletiva sobre os caminhos necessários para que sejam colocados em prática. Concluindo, a Oficina de Projeto de Vida tem apresentado efeitos promotores de saúde mental, relacionados à retomada de projetos pessoais, além da construção do espaço seguro de trocas de experiência e fortalecimento de vínculos entre os usuários.

6. Círculos de Construção da Paz: a ancestralidade na resolução de conflitos no âmbito do judiciário

Autor(es)/Apresentador(es):

Amanda Rocha | amandac.rocha3@gmail.com

Palavras-chave: Círculos de construção de paz; Justiça restaurativa; Sistema de justiça.

Resumo: A metodologia dos Círculos de Construção de Paz, desenvolvida por Kay Pranis, tem suas raízes nas tradições indígenas norte-americanas, que utilizam círculos como prática ancestral para resolver conflitos, tomar decisões e fortalecer comunidades. Tais práticas também foram identificadas em diversas comunidades originárias em todo o mundo, inclusive no Brasil. Kay Pranis adaptou esses princípios tradicionais para contextos modernos, promovendo sua aplicação em diferentes esferas sociais, como escolas, comunidades, sistemas de justiça e organizações. Essa abordagem se alinha aos princípios centrais da Justiça Restaurativa de Howard Zehr, que prioriza a reparação do dano, o fortalecimento dos laços comunitários e a promoção de responsabilidade coletiva. Desta forma, o objetivo deste trabalho se pauta no relato de experiência acerca da prática de círculos de construção da paz no contexto do sistema de justiça em casos de adolescentes em conflito com a Lei. Utilizando a metodologia dos círculos de construção da paz a partir da perspectiva da Justiça Restaurativa, compreendendo que o dano gerado por um conflito atinge não somente o ofensor e a(as) vítima(s), mas toda a comunidade em que ele ocorreu. Da mesma forma em que, apenas a pena e/ou acordo jurídico podem não trazer o senso de justiça que aquele indivíduo e/ou comunidade esperava. Contudo, através de tal metodologia, a comunidade é capaz de se fortalecer e se comprometer na construção de uma resolução justa traduzindo seus valores em ações práticas e colaborativas. Os resultados observados nas ações realizadas pela CEMSU nos fazem refletir sobre a importância do resgate deste meio de resolução de conflito ancestral e sua eficácia, desde seu surgimento nas comunidades originárias até os dias de hoje, além de demonstrar que a conexão entre os indivíduos e sua comunidade é extremamente poderosa e transformadora.

7. Tecendo saberes e construindo novas práticas sustentáveis e lúdicas na infância

Autor(es)/Apresentador(es):

Ellen Cristina Aparecida de Azevedo | ellen.cristina@uel.br
Helena Tenan de Souza Lima

Orientador/Co-autor:

Helena Tenan de Souza Lima | helenatenan.souza@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Lívia Eduarda Lemos Alexandre | livia.eduarda.lemos@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Samuel Bello Strass | samuel.bello.strass@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Valéria Queiroz Furtado | valeriau@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ludicidade; Formação de professores.

Resumo: A educação infantil é o fundamento de todas as fases da educação escolar, e tem como objetivo principal garantir o desenvolvimento integral da criança. Neste contexto, o papel que o educador deve assumir é o de mediador, dando sentido ao que é aprendido no contexto escolar e fornecendo à criança subsídios para que esta possa conhecer e participar do meio sócio-cultural. Essa visão do processo educativo deve ser abordada na formação inicial e continuada dos docentes, de forma a construir uma atuação crítica e reflexiva. No que diz respeito às propostas pedagógicas, é estabelecido que estas devam garantir o ensino de práticas que promovam novas maneiras de interação social, e que estejam engajadas com o processo de aprendizagem lúdica e sustentável, possibilitando à criança se conscientizar sobre a importância de participar, desde pequena, da preservação do meio ambiente. Levando em consideração esses aspectos, este trabalho tem como objetivo apresentar a atuação no contexto da ação extensionista, voltada para a formação continuada de professores para a Educação Ambiental e lúdica no contexto da educação infantil à luz da Base Nacional Comum Curricular e o aporte da Teoria Histórico-Cultural. Trata-se do projeto “Tecendo saberes e construindo novas práticas sustentáveis e lúdicas na infância”, voltado a atender 12 municípios da região metropolitana de Londrina. Com o projeto ainda em andamento, foram desenvolvidas atividades voltadas à formação dos bolsistas para a atuação na formação dos professores, elaboração de materiais – voltados a auxiliar no processo de aprendizagem e de divulgação – e visita aos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) dos municípios atendidos. Objetiva-se, com a formação continuada dos professores, o preparo para a elaboração de jogos e atividades com o uso de materiais recicláveis e para a contação de histórias.

8. Neolinguagem: a língua portuguesa e o sofrimento psíquico da pessoa trans não binária, uma análise de conteúdo junto a relatos pessoais de uma boyceta não binária

Autor(es)/Apresentador(es):

Beti Clarão Anderman Mazalotti | beticlarao@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Carla Regina Françoia | carrefran@me.com
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Palavras-chave: Trans não binária; Saúde trans; Linguagem não binária.

Resumo: O texto explora como a neolinguagem (linguagem não binária) melhora a qualidade de vida das pessoas trans não binárias no Brasil. O autor destaca que a língua portuguesa impõe uma estrutura binária de gênero que exclui essas identidades, refletindo uma herança colonial europeia. A linguagem, ao adotar pronomes não binários, passa a reconhecer e respeitar pessoas trans não binárias, reduzindo o sofrimento psíquico causado pela dificuldade de serem validadas em seus pronomes e identidades. O conceito de dois gêneros é uma construção europeia, que invalida outras identidades de gênero, como as de povos indígenas e de outras culturas ao redor do mundo, como as identidades muxe e hijra, no México e na Índia, por exemplo. A saúde mental das pessoas trans não binárias é prejudicada pela falta de respeito às suas identidades de gênero, sendo a neolinguagem uma forma de inclusão e validação. A introdução dessa linguagem nas escolas e universidades é uma medida eficaz contra a exclusão social e redutora de sofrimento psíquico. Também é abordada no texto a resistência e as violências transfóbicas que a neolinguagem sofre, especialmente entre grupos de extrema direita. A utilização da neolinguagem é uma questão de saúde e não algo negociável. Por fim, o texto se apoia nas teorias de estudiosos como Paul B. Preciado e Kaio Lemos, que discutem a construção social do gênero e a necessidade de repensar a linguagem como um meio de inclusão. O autor propõe que a utilização da neolinguagem e o reconhecimento das identidades trans não binárias contribuem para a criação de um ambiente social mais diverso e acolhedor para todes.

9. Círculo restaurativo como prática de prevenção e responsabilização à violência doméstica: projeto além do horizonte e projeto paz para elas

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Paula Hey | maria.paula100@uel.br

Orientador/Co-autor:

Larissa Bernardelli Silva Ribas | larissa.bernardelli@gmail.com
PITAGORAS

Palavras-chave: Violência doméstica; Círculos restaurativos; Lei Maria da Penha.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da importância da discussão sobre violência doméstica no Brasil, e especialmente sobre práticas de prevenção e enfrentamento a este tipo de violência. Além disso, o trabalho busca valorizar a prática da justiça restaurativa como instrumento de empoderamento feminino e na responsabilização do homem no enfrentamento da violência doméstica e familiar, alternativa ao sistema tradicional de justiça penal, que muitas vezes está limitado apenas a punições retributivas. Em contrapartida, a prática restaurativa busca promover o diálogo, a reflexão e a responsabilização dos autores de violência doméstica, enfrentando as consequências de seus atos de maneira construtiva e reflexiva. Por fim, destacamos o reconhecimento dos projetos realizados no Conselho da Comunidade do Fórum Estadual de Cambé, o Projeto “Além do Horizonte” e o Projeto “Paz Para Elas”. Projetos que promovem a restauração social e demonstram a eficácia da justiça restaurativa como modelo alternativo de penas de detenção e de reestruturação da vida familiar, tanto na vida das mulheres em situação de violência, quanto na vida dos autores de violência.

10. O Papel do Coletivo Uni(Di)versidade na Valorização de Conhecimentos Locais e Inclusivos

Autor(es)/Apresentador(es):

Anne Paim Zandoná | apaulapaimz@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Yana Linhares | yanaalinhaires96@gmail.com
Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG)

Palavras-chave: Coletivo; Resistência; Descolonização.

Resumo: O Coletivo Uni(Di)versidade apresenta uma iniciativa inovadora que busca valorizar saberes locais e inclusivos na Psicologia, alinhando-se à proposta de descolonização de conhecimentos, conforme discutido por Aníbal Quijano e Boaventura de Sousa Santos. Composto por estudantes do curso de Psicologia, o coletivo promove diálogos críticos sobre paradigmas dominantes, desconstruindo narrativas hegemônicas e dando visibilidade aos saberes marginalizados. A metodologia envolve a realização de palestras, rodas de conversa, postagens educativas e eventos temáticos que abordam representatividade, identidade cultural e práticas ancestrais. Inspirados na crítica de Quijano ao domínio do conhecimento ocidental, as ações desafiam a centralidade das teorias eurocêntricas na Psicologia. Em sintonia com Boaventura de Sousa Santos, o coletivo valoriza a ecologia dos saberes, reconhecendo a importância de conhecimentos afrodescendentes, indígenas e de outros grupos historicamente silenciados. As discussões propostas pelo coletivo incentivam a construção de uma Psicologia mais inclusiva e ética, que promova a equidade epistemológica e integre práticas locais na sua atuação. Além de fortalecer a valorização dos saberes ancestrais, essas ações fomentam a resistência cultural e a transformação social, oferecendo uma Psicologia que dialoga com a realidade plural e diversa da sociedade contemporânea.

11. Processos de subjetivação em primeiro plano: cinema e estratégias formativas de mulheres no Clube Lesbos

Autor(es)/Apresentador(es):

Juliana Cassé | ju.casse@gmail.com

Palavras-chave: Subjetivação; Cinema; Educação.

Resumo: Coletivos feministas são espaços virtuais e/ou físicos nos quais mulheres se articulam para refletir sobre condições materiais de vida e pautar estratégias combativas às mais diversas formas de opressão. Dentre as principais características de um coletivo feminista, têm-se a configuração de um espaço aberto e horizontalizado de partilha – promovendo um rompimento com as sociabilidades tradicionalmente propostas pelo neoliberalismo. O objetivo desta pesquisa foi investigar os processos de subjetivação engendrados a partir dos encontros promovidos pelo coletivo “Clube Lesbos”. O Clube é um lugar de conexão entre mulheres trans ou cis, lésbicas e bissexuais, que apoia a arte produzida por diretoras, artistas LGBTQ+. De acordo com as fundadoras, o propósito do grupo é “dar visibilidade para a produção cultural da comunidade”. Para isso, as participantes organizam clubes de leitura e cinema gratuitos, em diferentes regiões do país. Considerando que os audiovisuais de artistas LGBTQ+ concorrem efetivamente para desestabilizar as referências hegemônicas sobre “sexualidades” e mulheres”, efetuei registros por escrito das reuniões virtuais em cujas agendas incluíam: as percepções sobre as produções cinematográficas, os contextos de produção e os possíveis efeitos da obra sobre a comunidade. Informações obtidas por meio de um formulário virtual, respondido pelas integrantes do Clube também auxiliaram na compreensão sobre as estratégias formativas e os processos de subjetivação operados. Como resultado, além da produção da Dissertação de Mestrado, validei a hipótese que sustentou boa parte de minha escrita acadêmica até o presente momento: coletivos feministas que se propõem à reflexão por meio da arte (seja literária e/ou cinematográfica) viabilizam o desenvolvimento de formas de existência mais solidárias, criativas e libertárias. Os sujeitos políticos nestes espaços de interlocução propõem a criação de novas formas de vida, assentadas na luta por justiça social e pelo direito de bem viver.

12. Reconhecendo os micro-lugares na formação profissional e cidadã da psicóloga: um Relato de Experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Mayara Yukari Ogata¹ | yukarimayara@gmail.com
Nathalia Cristina de Lima²

Orientador/Co-autor:

Nathalia Cristina de Lima² | nathalia.cristinalima@uel.br |
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Melina Duarte Gagliardi³ | melina.duarte.gagliardi@uel.br |
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Milena Emiliani de Oliveira⁴ | milena.emiliani@uel.br |
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Roberth Miniguine Tavanti⁵ | roberth.tavanti@uel.br |
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Micro-lugares; Prática psicológica; Cotidiano.

Resumo: A prática acadêmica, influenciada pela lógica cartesiana e positivista, tende a desvalorizar o diálogo, privilegiando entrevistas estruturadas nas grades curriculares universitárias, o que resulta no distanciamento do outro. Diante disso, surge a necessidade de repensar o cotidiano como espaço de inserção dos sujeitos como protagonistas na construção do conhecimento. Introduce-se, assim, o conceito de micro-lugares como uma tentativa de resgatar a perspectiva da Psicologia Social Crítica, que valoriza a conversa na construção de uma prática horizontal da Psicologia, em sua dimensão profissional e cidadã. O objetivo deste trabalho, portanto, é refletir sobre os micro-lugares enquanto espaços de produção de novas narrativas e subjetividades, a partir das vivências proporcionadas pelo Estágio Básico em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Utilizou-se como referência uma das apresentações do projeto Freestyle D Rua, realizado no mês de setembro de 2024 no Colégio Augusto Mungo Genez, na zona sul de Londrina. Através do uso de rimas improvisadas, uma batalha de MCs e o som do DJ Damião Millianos em uma quadra de uma escola periférica, com a participação dos/as estudantes, foi possível identificar os micro-lugares como espaços de resistência e de construção de sonhos. O uso da rima pelos/as adolescentes, como forma de expressão, traduz o desejo de reivindicar seus espaços e suas subjetividades em um contexto que frequentemente os marginaliza, evidenciado, em uma das rimas, construída coletivamente com os/as estudantes, que a periferia não é apenas sofrimento, mas também é feita de sonhos e potências. Com isso, compreende-se que as quadras de esportes em escolas públicas ou em outros espaços como centros comunitários e/ou Centro de Referência em Assistência Social – para além de espaços “fechados” – podem ser vistos como micro-lugares capazes de potencializar a formação profissional e cidadã de futuras psicólogas, contribuindo para uma prática fundamentada na construção coletiva..

¹ Graduanda em Psicologia [Apresentadora]; ² Graduanda em Psicologia [Apresentadora]; ³ Graduanda em Psicologia; ⁴ Graduanda em Psicologia; ⁵ Psicólogo Social e Docente do curso de Psicologia.

13. Experiências de um grupo de gestão autônoma da medicação e redução de danos

Autor(es)/Apresentador(es):

Joana Schenatz Trautwein | joana.st@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Altieres Edemar Frei - altieresfrei@gmail.com | Psicólogo clínico, atualmente cursando estágio de pós-doutorado com pesquisa “Esquizoanálise como Dobra da Psicanálise” (UFPR), docente temporário da Escola de Saúde Pública na Residência Multiprofissional em Saúde Mental

Palavras-chave: Gestão autônoma da medicação, Redução de danos, Antimanicomialidade.

Resumo: A experiência descrita envolve a criação coletiva de um grupo de gestão autônoma da medicação (GAM) e redução de danos (RD) em um CAPS Regionalizado de um município no Paraná. O grupo surgiu da experiência como residente de saúde mental, motivado pela inquietação frente aos discursos proibicionistas sobre o uso de drogas proscritas e da medicamentação do sofrimento, refletida nas altas taxas de prescrição de psicofármacos. Assim, o grupo GAM-RD foi criado para promover acolhimento, compartilhamento de experiências e cuidado mútuo entre pessoas que usam drogas, prescritas ou não. O grupo se reuniu por 10 encontros de 1h30, com a participação de 8 pessoas acompanhadas no CAPS. Como metodologia, foram utilizados disparadores do Guia GAM, articulados com noções da redução de danos e da educação para a autonomia, abordando temas de interesse dos participantes. Entre as discussões, destacaram-se alguns incômodos com as relações hierárquicas de poder nos serviços de saúde e a experiência comum de silenciamento durante as crises, frequentemente resultando em internações psiquiátricas. Essas vivências explicitaram a persistência de relações manicoloniais na saúde mental, com frequente hierarquização dos saberes e exclusão dos usuários. Os estigmas e as violências apareceram como determinantes no sofrimento e no sentido do consumo de drogas, levando a um diálogo sobre o exercício de direitos e o enfrentamento das violações como estratégias de cuidado. Aos poucos, o grupo tornou-se um espaço de troca protagonizado pelas experiências e saberes dos participantes, gerando uma ajuda mútua e afetiva entre pares. Em conclusão, destacou-se o potencial da GAM-RD como estratégia antimanicomial de atuação frente aos efeitos da medica(menta)lização e da guerra às (pessoas que usam) drogas, apostando no cuidado coletivo como maneira de ampliar o protagonismo e o exercício de direitos das pessoas que usam drogas e, como efeito, tensionar as relações de saber-poder nas instituições de saúde.

14. Saúde mental em perspectiva: cuidado de si por professoras na educação infantil

Autor(es)/Apresentador(es):

Daniela De Maman | danielademamam@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Altieres Edemar Frei - altieresfrei@gmail.com | Psicólogo clínico, atualmente cursando estágio de pós-doutoramento com pesquisa “Esquizoanálise como Dobra da Psicanálise” (UFPR), docente temporário da Escola de Saúde Pública na Residência Multiprofissional em Saúde Mental

Palavras-chave: Saúde mental; Docência; Cuidado de si.

Resumo: O professor da Educação infantil, no seu trabalho educativo, atua no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, proporcionando ambientes de aprendizagem que ajudam a desenvolver habilidades como pensamento lógico, concentração, memória e linguagem e relações interpessoais. O objetivo é fomentar reflexões sobre a complexidade do trabalho dos professores de Educação Infantil e compreender as relações entre a saúde e o trabalho de professoras atuantes na modalidade de ensino da Educação Infantil a pelo menos cinco anos no cargo de professora em turmas de crianças do berçário ao maternal III. O caminho metodológico em que se pautou este estudo é composto por concepções teóricas e técnicas de um trabalho de pesquisa exploratório, que busca compreender realidades circunscritas nas experiências vivenciadas pelo grupo de professoras pesquisado e, também, apoia-se no potencial interpretativo do pesquisador, enquanto sujeito participativo. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e pesquisa institucional da Unioeste. Os resultados apontam para a existência de fatores estressores que interferem na qualidade de vida pessoal e profissional das professoras demandando atenção para com a saúde mental e trabalho educativo. Portanto, a pesquisa sobre as implicações do contexto laboral nas condições de saúde das professoras deflagra que o estresse ocupacional se mostra potencializador de estímulos, que no contexto do trabalho educativo favorece o aparecimento de reações negativas, de adoecimento, de afastamento e medicalização. Tais enfrentamentos vivenciados pelas professoras, gera interferência em sua atuação profissional afetando a qualidade de suas atividades laborais na educação.

15. O memorial de vítimas de feminicídio do lesfem: qual o lugar dado para as mulheres mortas?

Autor(es)/Apresentador(es):

Julia Borchardt | juliaborchardtpsi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Adriana Barin de Azevedo | adriabarin@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Feminicídio; Memorial; Narrativa.

Resumo: Propõe-se apresentar os resultados parciais da pesquisa que tem como temática geral a compreensão de como as mulheres vítimas de feminicídio convocam a Psicologia a fazer e pensar algo, tendo como base três experiências de Memoriais de mulheres vítimas de feminicídio. Objetivos: apresentar brevemente a compreensão do Memorial de Vítimas do Laboratório de Estudos de Feminicídio (LESFEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) (UEL) e a posterior participação na construção do Memorial. Método: Pesquisa cartográfica, documental e bibliográfica. **Discussão:** Os principais resultados obtidos se referem ao estudo e acompanhamento do Memorial do LESFEM e a compreensão da proposta de produção de “suplemento biográfico” apresentada pela psicóloga belga Vinciane Despret. O Memorial é publicado de maneira online em um site e contém informações sobre as vítimas de feminicídio do Paraná, com a intenção e a defesa de narrar quem foram essas mulheres. A proposta do Memorial é a de superar a referência quantitativa ao feminicídio, recuperando, mesmo que minimamente a história da vida das mulheres mortas. Levantamos a hipótese de que o Memorial de Vítimas do LESFEM apresenta uma proposta de estudo e defesa da importância de falar sobre a identidade e história dessas mulheres mortas, quais relações interpessoais tinham, qual cargo profissional ocupavam, seus desejos, etc. Ao fornecer as informações sobre quem foram essas mulheres, entendemos que está sendo ofertado um prolongamento de existência para elas, portanto, a estratégia de “suplemento biográfico”. **Conclusão:** Sendo assim, a partir da inserção e participação na escrita dos textos para serem publicados no site, compreendemos que existe uma preocupação ética e política sobre o conteúdo e o modo de escrita das narrativas, afastando-se de uma escrita sensacionalista, reducionista, passiva, que privilegia o tipo de morte e o autor do crime.

16. Existem obstáculos para o estudo do Feminismo na Psicologia? Um estudo de caso na Análise do Comportamento

Autor(es)/Apresentador(es):

Yana Linhares | yanaalinhaires96@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Carolina Laurenti | claurenti@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Feminismo; Psicologia; Análise do Comportamento.

Resumo: O Feminismo é um movimento social caracterizado por questionar opressões de gênero, classe e etnia presentes na sociedade, estando suas discussões presentes na academia desde as décadas de 1970 e 1980. No contexto acadêmico, as mulheres começaram a questionar desigualdades de gênero presentes no conhecimento produzido, trazendo temas antes ignorados pela ciência. Em relação à Psicologia, estudos indicavam uma resistência da área em relação aos questionamentos do movimento feminista, como se as questões de gênero não pudessem ser consideradas uma categoria analítica. Além disso, segundo a literatura, a Psicologia ainda poderia trazer concepções binárias, essencialistas, biologicistas e hierárquicas quando se trata de gênero, minimizando aspectos culturais envolvidos no fenômeno. Considerando esse cenário, este estudo teve como objetivo investigar se ainda existem obstáculos para estudar o Feminismo na Psicologia. Para isso, foi realizado um estudo de caso sobre os estudos do Feminismo no contexto da Análise do Comportamento, com uma entrevista semiestruturada com 14 mulheres autoras dos capítulos do livro Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento, de modo a entender se elas encontraram obstáculos para esse estudo no contexto da teoria. Foram citados obstáculos como o preconceito em relação ao tema, dificuldades em publicar em periódicos, falta de literatura para embasar seus estudos, questionamentos constantes em relação à relevância ou veracidade do tema, dificuldades em estudar algo que se diferencia das tradições da pesquisa analítico-comportamental, entre outras barreiras. Muitas mulheres só conseguiram permanecer nos seus estudos por conta do apoio de outras que também se dedicavam ao tema, oferecendo uma rede de apoio e uma comunidade verbal para discutir sobre o Feminismo. Conclui-se, dessa forma, que os estudos sobre o Feminismo ainda são um desafio no contexto da Psicologia, sendo necessário estudar cada vez mais o tema para que se torne uma prática aceita e incentivada nos estudos psicológicos.

17. Abordagem programada para a população em situação de rua: valorizando narrativas através do vínculo

Autor(es)/Apresentador(es):

Vitor Donegá | vitor.dutra.donega@gmail.com
Kathia Regina Galdino de Godoy

Orientador/Co-autor:

Kathia Regina Galdino de Godoy | kathia.godoy@londrina.pr.gov.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: População de rua; Assistência social; Vínculo.

Resumo: O Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) é um serviço público voltado ao atendimento de pessoas em situação de rua, dentro da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social. Em 2022, o Brasil registrou cerca de 236.400 pessoas vivendo nas ruas, com um aumento significativo nos últimos anos (Brasil, 2023). A situação de rua, embora crescente, não é recente, e a criação de políticas públicas para esse grupo tem sido lenta (Costa, 2022). A Psicologia no SEAS contribui para o processo de superação da situação de rua, facilitando o acesso à rede de serviços e benefícios assistenciais. O objetivo do trabalho é apresentar a metodologia de “abordagem programada”, que envolve ações planejadas e sistemáticas em locais frequentados por pessoas em situação de rua, com foco na busca ativa e contato com familiares, além de possibilitar o retorno às suas cidades de origem. Durante os atendimentos, as equipes identificam situações de extrema vulnerabilidade, criando vínculos e ouvindo as histórias de vida dos usuários, que revelam suas experiências e narrativas que os levaram à rua. A Psicologia busca, principalmente, estabelecer uma relação de confiança com o usuário, para que, após a construção desse vínculo, sejam feitos os encaminhamentos necessários. Essa abordagem sistemática permite a promoção de autonomia e validação das experiências dos usuários, acolhendo suas demandas de forma horizontal. O compromisso ético e político da Psicologia é essencial para enfrentar as desigualdades sociais e garantir os direitos humanos das pessoas em situação de rua, ajudando na superação das condições de vulnerabilidade e promovendo a inclusão social.

18. Grupo de adolescentes na atenção básica: uma estratégia de intervenção em saúde mental

Autor(es)/Apresentador(es):

José Felipe de Azevedo Neto | felipe.azevedo@uel.br
Humberto Junior Garcia de Lima

Orientador/Co-autor:

Humberto Junior Garcia de Lima | humberto.junior@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Poliana Rodrigues Prado | polyprado54@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Meyre Eiras de Barros Pinto | meyre@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Adolescência; Grupo de adolescentes; Atenção básica.

Resumo: O Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) é um serviço público voltado ao atendimento de pessoas em situação de rua, dentro da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social. Em 2022, o Brasil registrou cerca de 236.400 pessoas vivendo nas ruas, com um aumento significativo nos últimos anos (Brasil, 2023). A situação de rua, embora crescente, não é recente, e a criação de políticas públicas para esse grupo tem sido lenta (Costa, 2022). A Psicologia no SEAS contribui para o processo de superação da situação de rua, facilitando o acesso à rede de serviços e benefícios assistenciais. O objetivo do trabalho é apresentar a metodologia de “abordagem programada”, que envolve ações planejadas e sistemáticas em locais frequentados por pessoas em situação de rua, com foco na busca ativa e contato com familiares, além de possibilitar o retorno às suas cidades de origem. Durante os atendimentos, as equipes identificam situações de extrema vulnerabilidade, criando vínculos e ouvindo as histórias de vida dos usuários, que revelam suas experiências e narrativas que os levaram à rua. A Psicologia busca, principalmente, estabelecer uma relação de confiança com o usuário, para que, após a construção desse vínculo, sejam feitos os encaminhamentos necessários. Essa abordagem sistemática permite a promoção de autonomia e validação das experiências dos usuários, acolhendo suas demandas de forma horizontal. O compromisso ético e político da Psicologia é essencial para enfrentar as desigualdades sociais e garantir os direitos humanos das pessoas em situação de rua, ajudando na superação das condições de vulnerabilidade e promovendo a inclusão social.

19. Acessibilidade na Avaliação Psicológica: como as práticas deveriam ser mais inclusivas para psicólogas PcDs

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Júlia Boletti | maria.julia.boletti@uel.br

Orientador/Co-autor:

Julia de Grande Almeida | julia.grande.almeida@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Katya Luciane de Oliveira | katya@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Inclusão; Adaptação.

Resumo: A palavra “incluir” significa dar espaço para a expressão das diferenças, ou seja, um espaço no qual a pessoa se encaixe perfeitamente, sem precisar se esticar e ou se espremer. Ela está relacionada em uma perspectiva de incluir todos, sem levar em consideração as diferenças e condições físicas. Ao olharmos para a psicologia, especificamente, para a Avaliação Psicológica, nota-se que os instrumentos utilizados por psicólogos no Brasil, são comumente usados no formato tradicional como lápis, papel, imagens, pranchas entre outras coisas. Tal prática dificulta a sua utilização por pessoas com deficiência (PcDs), pois esse formato é limitado para um público (pessoas não deficientes), dificultando ainda mais o processo de inclusão, principalmente, nas Instituições de Ensino Superior (IES). Nesse sentido, foi objetivo estabelecer ações de acessibilidade para uma graduanda de psicologia cega que cursava a disciplina “Avaliação Psicológica I”, para tanto, tais ações foram organizadas em um projeto de ensino formado por uma mestranda de psicologia e 3 estudantes de graduação. As adaptações aconteceram em duas frentes: (1) desenvolvimento de áudios books e (2) adequação dos manuais, tarefas e testes trabalhados durante a disciplina. Os áudios books foram desenvolvidos pela mestranda e um aluno de graduação (que também são cantores) e as adaptações dos materiais, pelo restante dos colaboradores. Vale ressaltar que a estudante cega foi juíza de toda e qualquer tomada de decisão, apresentando um papel ativo no projeto, assim, a velocidade dos áudios, o tom de voz, as mudanças dos instrumentos eram realizadas conforme o feedback da aluna, a fim de atender suas necessidades e limitações. Os resultados indicaram que os áudios books foram considerados adequados pela juíza, assim como as adequações dos materiais utilizados durante a disciplina.

20. Repensando o Cuidado Infantil: Reflexões sobre Diagnósticos e Subjetividade no CAPS-I

Autor(es)/Apresentador(es):

Daniela Fernanda Das Neves | daniela.fernanda@uel.br

Orientador/Co-autor:

Natacha Poltronieri Fattori | natacha.fattori@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Roberth Miniguine Tavanti | roberth.tavanti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Diagnósticos; Subjetividade; CAPS-I.

Resumo: A patologização da infância refere-se à expansão do número de categorias diagnósticas nos sistemas classificatórios, como o DSM e o CID-10, gerando questionamentos sobre as fronteiras entre o normal e o patológico. Esse processo amplia o número de comportamentos considerados anormais, promovendo uma psiquiatrização da infância que se fundamenta mais em mal-estares sociais do que em patologias específicas. Tal dinâmica reduz frequentemente a criança a uma identidade social definida pela síndrome diagnóstica, obscurecendo sua singularidade e subjetividade. Nesse sentido, o CAPS Infanto-Juvenil (CAPSi) é um espaço estratégico para o cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes, que acaba por reproduzir, em certa medida, processos de patologização e institucionalização da infância. Neste trabalho, busca-se refletir sobre os impactos do uso predominante de diagnósticos como instrumento de planejamento e orientação das práticas de psicólogos(as) no CAPSi do município de Londrina. A metodologia adotada foi fundamentada na observação participante e na valorização dos diálogos cotidianos com os trabalhadores e usuários no contexto institucional do CAPSi. Os dados obtidos evidenciam a prioridade dada à evolução diagnóstica e ao uso de medicação, enquanto aspectos como a criatividade e a singularidade das crianças são deixados em segundo plano. Essa centralidade nas classificações diagnósticas leva à perpetuação de práticas que reforçam a adaptação e o controle, diminuindo a possibilidade de um cuidado mais humanizado e singular. Tal cenário destaca a urgência de resistir à redução da criança a uma categoria médica. Assim, conclui-se que as práticas realizadas no CAPS-I devem ser repensadas, buscando valorizar a subjetividade e a diversidade das crianças, além de fomentar abordagens inclusivas e romper com perspectivas colonizadoras no cuidado à infância, garantindo atenção integral às suas necessidades.

21. Escuta etnopsicológica e os Kaingang em Maringá (PR)

Autor(es)/Apresentador(es):

Marina Silva | marinasilva.marinasilva@gmail.com

Palavras-chave: Etnopsicologia; Indígenas; Kaingang.

Resumo: Este trabalho relata a experiência de uma psicóloga branca inserida na Associação Indigenista de Maringá. A Assindi, desde 2000, acolhe indígenas Kaingang, oferecendo o Serviço de Casa de Passagem Indígena para aqueles provenientes da Terra Indígena (TI) Ivaí. O público da Instituição são artesãs que, junto com suas famílias, se deslocam de Manoel Ribas (PR), onde está localizada a T.I., para serem acolhidas no abrigo da Associação. Mensalmente, cerca de 50 indígenas, incluindo crianças, adolescentes, adultos e idosos, passam pelo abrigo. As artesãs e suas famílias permanecem, em média, 30 dias no local, com o objetivo de comercializar artesanatos ou arrecadar recursos financeiros para retornar à sua comunidade. Esse período de estadia pode ser ampliado, dependendo de demandas específicas. Há três anos, a psicologia atua na Instituição com uma carga horária de 30 horas semanais, buscando se comprometer com aquilo que os Kaingang dizem, fundamentando-se na etnopsicologia. Essa abordagem exige que a etnopsicóloga abdique de seus próprios pontos de vista, ouvindo os indígenas em seus próprios termos e estabelecendo diálogos. Embora não seja possível pensar sem as próprias referências, é possível, na relação com os indígenas, abrir a mente para compreender novas linguagens (Bairrão, 2017). Os Kaingang não trazem apenas outra cultura, mas também uma forma distinta de se situar no mundo, o psicólogo faz duas coisas: presta atenção e reconhece quem fala, quando quem se ouve é de outra etnia a psicóloga arrisca-se a não fazer nenhuma delas, a escuta etnopsicológica é a identificação de outros modos de comunicação (Bairrão, 2017). Esse trabalho envolve reflexões a partir de fenômenos transferenciais e contratransferenciais presentes no cotidiano, revelando resistências que surgem ao entrar em contato com teorias que desafiam nossas “verdades”, o encontro entre profissional e o sujeito de outra cultura não é sem risco (Ceccarelli, 2016).

22. Acompanhando adolescências: cartografias clínicas

Autor(es)/Apresentador(es):

Emmanuel Maldonado Lima | emmanuelmaldonadolima@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Paula Marques da Silva | paula.marques@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Adolescências; Esquizoanálise; Clínica.

Resumo: A partir de experiências de um estágio de ênfase em Processos Clínicos e Saúde, objetiva-se o relato dessas experiências e dos seus aspectos formativos percebidos pelo estudante. O estágio ocorreu na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com a proposta de atendimento a adolescentes com base em cartografias clínicas e na teoria das linhas, com referência na Esquizoanálise. Além das suas possibilidades com a psicanálise e outras teorias contemporâneas. A escolha por atender adolescentes surge na histórica denegação no pensamento e ação da Psicologia para com eles, possivelmente os minimizando no entre ser criança e ser adulto. No decorrer dos atendimentos, as temáticas invocadas pelos pacientes e estagiário foram variadas, compondo redes móveis e o acompanhamento das linhas tecidas e produtoras destas redes. Dentre estas temáticas-analisadoras, pode-se citar: questões de gênero, como as práticas sociais da masculinidade; o luto e a sustentação da relação entre o vivo, o falecido e o mundo; questões comuns a própria adolescência, seus impasses numa sociedade centralizada no adulto; questões de raça, vivências e pensamentos sobre o racismo; as vivências e processos de escolarização na contemporaneidade; judicialização da vida, dentre outras temáticas e seus nós. Tais temáticas surgiram a partir da fluência das narrativas singulares dos adolescentes, atravessados pelo agenciamento dos desejos e devires em movimento. Neste acompanhamento, se propôs e se efetivaram diferentes atividades, como: a escuta, o caminhar, o brincar, o jogar, o desenhar, o pensar, o contemplar. Sendo todas estas uma aposta na produção de sentidos e de vida com os adolescentes. Enquanto experiências e percepções formativas do estagiário, destacam-se a construção de um campo sensível, uma escuta clínica e um setting clínico que rompe com os sentidos e métodos hegemônicos da Psicologia, em volta da possibilidade de uma clínica ética-política intimamente potente com os direitos humanos.

23. Hip Hop como prática de reflexão: um relato de experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Ligia Maria Nascimento Braga | ligia.maria.nascimento@uel.br

Orientador/Co-autor:

Nicolly Evelin da Silva | nicolly.evelin.silva@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Roberth Miniguine Tavanti | roberth.tavanti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Juliana Baracat | jbbaracat@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Eneida Santiago | esantiago@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Psicologia; Hip Hop; Saúde-mental.

Resumo: Estudos que investigam a interação entre a Cultura Hip Hop e a saúde mental de adolescentes residentes em regiões vulnerabilizadas nas cidades, têm oferecido condições para a estruturação teórica e metodológica de formas de cuidado que consideram a realidade vivida desses sujeitos. O Hip Hop, enquanto expressão cultural vinda das juventudes periféricas, contribui para a consolidação de um espaço de pertencimento, identificação e afirmação das narrativas vindas das periferias. Tendo isso em vista, e reconhecendo as especificidades de cada território, este trabalho apresenta um relato de experiência de estágio em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) - UEL, realizado no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da região sul do município. O estágio, utilizando a Cultura Hip Hop como recurso de intervenção com um grupo de adolescentes, teve como objetivo promover um senso de comunidade entre os participantes através da expressão livre das emoções em conexão com a cultura Hip Hop e da identificação das narrativas e trajetórias de vida destes adolescentes em sua convivência cotidiana. A metodologia de intervenção foi estruturada por observação participante e conversas no cotidiano, as quais tiveram como recurso as quatro vertentes principais da Cultura Hip Hop: rima, discotecagem, grafite e danças urbanas, sendo executado a partir de 8 encontros presenciais, com a média de 6 a 8 participantes por encontro. Como resultado, observamos que os/as participantes criaram entre si sentidos de pertencimento ao grupo e aos territórios em que vivem, usando o Hip Hop como ferramenta para o fortalecimento de vínculos, reconhecimento, acolhimento e valorização de seus relatos e vivências. A Cultura Hip Hop, através de seus diversos elementos, estimula a enunciação de narrativas coletivas e subjetivas, facilitando a identificação de quem as expressa e vive.

24. Impactos do esporte na saúde mental de atletas adolescentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabriel Paz Gubert¹ | gabriel@gubertepaz.com

Orientador/Co-autor:

Abner Wallace De Paula Dos Santos¹ | abnersantos.as123@gmail.com
Faculdade Dinâmica das Cataratas

Diego Luis Dillenburger Dos Santos¹ | diego8_dill@hotmail.com
Faculdade Dinâmica das Cataratas

Leonardo Vinícius Baú¹ | leonardobau131@gmail.com
Faculdade Dinâmica das Cataratas

Miguel Alvez Feiertag¹ | netofeiertag@gmail.com
Faculdade Dinâmicas das Cataratas

Mohamed Saad Dabaji¹ | mohameddabajaa@gmail.com
Faculdade Dinâmica das Cataratas

Elyabe Rodrigues² | elyaberodrigues@gmail.com
Faculdade Dinâmica Das Cataratas

Palavras-chave: Saúde mental; Esporte; Ansiedade; Burnout; Jovens atletas.

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo estudar o impacto do esporte na saúde mental dos atletas, destacando os benefícios físicos e mentais, além de explorar como esses fatores influenciavam o bem-estar e a sociabilidade dos jovens praticantes. O estudo buscou identificar formas de minimizar os impactos negativos, melhorar o desempenho esportivo e promover um ambiente mais saudável. O problema central esteve relacionado ao aumento de questões como ansiedade, estresse e burnout durante os períodos de preparação para competições, especialmente entre os jovens atletas. Esses fatores, combinados com pressões familiares e interpessoais, prejudicam não apenas o desempenho, mas também a saúde mental dos atletas, afetando sua vida esportiva e pessoal. O artigo explorou como a alta exigência física e emocional impacta psicologicamente os jovens atletas, mostrando como esses desafios afetavam sua autoconfiança e rendimento. Além disso, foram discutidos os efeitos de fatores externos, como lesões e pressões sociais, e a importância de fortalecer a coesão e a comunicação entre os membros da equipe. A metodologia utilizada incluiu observação naturalística, aplicação de questionários e apresentação de técnicas de relaxamento e roda de conversa com jovens atletas de handebol do município de Foz do Iguaçu, PR. Estes métodos permitiram identificar que a carga excessiva de treinos, associada a fatores externos, desencadeava sintomas de burnout, afetando tanto o desempenho quanto o bem-estar psicológico dos atletas. Concluiu-se que intervenções focadas no suporte emocional, como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), poderiam melhorar significativamente o desempenho esportivo e reduzir os impactos psicológicos negativos. O fortalecimento desse suporte e a criação de um ambiente esportivo mais equilibrado foram considerados fundamentais para o desenvolvimento saudável dos jovens atletas.

¹ Discente da Faculdade União Dinâmica das Cataratas — UDC; ²Professor da Faculdade União Dinâmica das Cataratas — UDC.

25. Oficina de Memória para o público Idoso: Relato de Experiência de estágio em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

Autor(es)/Apresentador(es):

Beatriz Silva Roque | beatrizroque@gmail.com

Luiza Takahara Bortoliero

Orientador/Co-autor:

Luiza Takahara Bortoliero | luiza.takahara@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Ana Clara Ramazotti Totti | ana.clara.totti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto | segattolivia@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Valéria Queiroz Furtado | valeriauel@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; Idosos; Oficinas.

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência de duas estagiárias do 4º ano de Psicologia na UEL, sendo o campo de estágio curricular obrigatório das autoras um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do município de Cambé (PR), onde foi ofertada, aos idosos(as) usuários(as) do local, a oficina de jogos e memória. Nesse sentido, seu objetivo consistiu na promoção de saúde e bem estar, no fortalecimento de vínculos sociais e na estimulação cognitiva dos(as) idosos(as). Os dados foram observados nos 2 meses de aplicação da oficina, contando com 6 encontros, nos quais participaram 15 idosos, com idades entre 64 e 82 anos. O método utilizado para a realização das oficinas, baseou-se nos pressupostos teóricos da psicologia escolar e educacional, em contextos de educação não formal, sob a perspectiva da teoria sócio-histórica. A partir desta experiência, foi possível considerar o impacto positivo das atividades nos processos cognitivos dos(as) idosos(as), já que o avançar da idade acarreta perdas expressivas na memória. Além disso, notou-se a relevância dessas práticas para a vida dos usuários do serviço, visto que, o processo de envelhecimento é frequentemente marcado pela escassez de redes de apoio, fator que promove maior vulnerabilidade ao adoecimento psíquico. Assim, a partir da oficina, foi possível observar a promoção significativa de bem-estar aos(as) idosos(as), principalmente com a construção e fortalecimento de vínculos, proporcionando maior autonomia e redes de apoio aos usuários. Portanto, conclui-se a importância do desenvolvimento da oficina de jogos e memória com o público idoso, visto que, as atividades realizadas possibilitaram o aprendizado acerca dos efeitos do envelhecimento nos processos cognitivos. Por fim, é valoroso ressaltar a crucialidade das políticas públicas do SUAS para a promoção de um envelhecimento saudável, bem como, para a inclusão dos idosos em sua comunidade.

26. Mecanismos de enfrentamento diante as vulnerabilidades da institucionalização de crianças e adolescentes em contexto brasileiro: um relato de experiência de estágio

Autor(es)/Apresentador(es):

Milena Ferreira Rosa Pereira | mih_ferreira.frp@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Paula Marques da Silva | paulamarques@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Institucionalização; Casa lar; Adolescência.

Resumo: O presente texto concerne a um relato de experiência decorrente do Estágio Curricular Obrigatório da estudante do quinto ano de graduação de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), fundamentado pelos referenciais da análise institucional em contexto clínico. O campo de estágio se deu em um serviço de acolhimento institucional para crianças e adolescentes, o Núcleo Social Evangélico de Londrina -NUSELON-, com secretaria situada na região Norte de Londrina. Os atendimentos psicológicos, ocorreram na secretria do serviço, e destinaram-se à dois adolescentes, ambos com faixa etária de 12 anos e do sexo masculino. Como objetivo principal, almejou-se a criação de espaços que favorecessem a formação de mecanismos subjetivos de enfrentamento diante as violências e vulnerabilidades cotidianas vivenciadas. Perante o exposto, para que as intervenções psicoterapêuticas ocorressem de forma satisfatória, buscou-se compreensão da Política dos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes, suas legislações, estatutos e projeto Político Pedagógico do serviço, aspectos biopsicossociais da adolescência, e os processos de institucionalização de cada adolescente atendido, por meio do PROJUDI, e o PIA- Plano Individual de Acolhimento-. Nesse viés, as psicoterapias baseiam-se numa clínica para além do setting terapêutico tradicional, tomando aspectos socioculturais e artísticos, tais como: cinema, casa-lares, formatura, danças, músicas, artesanatos e brincadeiras, como contextos clínicos, e que a partir disso, abordam e trabalham questões transicionais da adolescência, os impactos e atravessamentos emocionais do processo de institucionalização e da retomada ao núcleo familiar originário, questões relacionadas ao autoconhecimento, gênero, respeito, possibilitando, por meio destes, elaboração de estratégias de autoconhecimento e fortalecimento emocional. Conclui-se que, o manejo psicoterapêutico da clínica ampliada favoreceu a promoção de construção de mecanismos subjetivos de confrontação diante mudanças da adolescência, vulnerabilidades, violências, e atravessamentos correlatos ao acolhimento institucional.

27. Práticas decoloniais extensionistas: relato de experiência de uma oficina de capoeira como instrumento de promoção de saúde para e na sociedade

Autor(es)/Apresentador(es):

Milena Ferreira Rosa Pereira | mih_ferreira.frp@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

João Vitor Sastre Debei | jvsastredebei@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Nara Ferreira Rosa Pereira | nara_ferreira.frp@hotmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Louis Spica de Oliveira Macedo | spicaoliveira@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Capoeira; Psicologia Comunitária; Promoção de Saúde.

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre oficinas de capoeira provenientes de um projeto extensionista do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A oficina ocorre no espaço Associação Ciranda da Cultura, situada em um bairro periférico do município de Londrina (PR), sendo os estudantes da graduação os responsáveis por ministrá-la semanalmente ao público infanto-juvenil. Como objetivo central pretendeu-se criar espaços para construção de vínculos, promoção da saúde física e mental, formação de uma identidade decolonial e prevenção à inserção precoce na criminalidade. A oficina pautou-se nos pressupostos da psicologia comunitária, visando a construção de práticas de caráter contra-hegemônico em contraponto às vulnerabilidades vivenciadas pela população local, sendo estas identificadas no cotidiano do projeto de extensão e também relatadas pelas crianças e adolescentes participantes. Portanto, a oficina de capoeira mapeou e englobou demandas de opressão, violência e desvinculação da autopercepção relacionadas ao processo de exclusão e à exposição a um contexto de criminalidade presente na comunidade. A partir disso, foram ofertadas rodas de capoeira, objetivando a construção de vínculos, a prevenção e a promoção de saúde mental, além do auxílio no reconhecimento e reivindicação identitária dos participantes, a partir da experimentação das práticas culturais ancestrais e decoloniais vinculadas à capoeira. Conclui-se que as contribuições da oficina de capoeira impactam na qualidade de vida dos participantes, proporcionando estratégias e alternativas que vão na contramão dos dispositivos de dominação, com a constituição de espaços de encorajamento, de respeito, de manejo da dor, da raiva, a partir da constituição da expressividade cultural e cidadã da comunidade. Ademais, a experiência vivenciada na participação de estudantes de Psicologia desde o início da graduação em práticas extensionistas vinculadas aos diversos contextos sociais e territoriais, favorece a interdisciplinaridade e conecta teoria e prática na formação profissional.

28. A experiência das psicólogas no SUAS como busca por formação continuada e trocas de experiências

Autor(es)/Apresentador(es):

Emanuelly Jackeliny Pissinati Martins | emanuely.psi@gmail.com
Mariane Ranzani Ciscon-Evangelista

Orientador/Co-autor:

Mariane Ranzani Ciscon-Evangelista | mariciscon@gmail.com
UNICESUMAR
Amanda Costa Azevedo | psicologia.amandaazevedo@gmail.com
UNICESUMAR

Palavras-chave: SUAS; Psicologia; Educação permanente.

Resumo: O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) pode ser considerado um espaço de reparação das injustiças históricas que continuam a afetar a qualidade de vida, as potencialidades e o bem-estar das comunidades dos territórios nos quais se propõe a executar os Serviços tipificados, de acordo com a necessidade daquela população. O SUAS também tem sido um forte empregador da categoria profissional Psicologia, sendo estes profissionais essenciais para a maioria dos serviços. Frequentemente se apresentam desafios como formação voltada à clínica, sobrecargas de trabalhos e pouco espaço para a construção teórico-metodológica específica para atuação em determinados territórios ou serviços, podendo gerar inseguranças, ansiedades e outros fatores que eventualmente impedem ou atrapalham o desenvolvimento do trabalho, ou seja, pode implicar prejuízo às pessoas e famílias usuárias dos serviços. As psicólogas de um município de grande porte do Estado do Paraná, diante destes desafios, propuseram um espaço mensal de reuniões que visam suprir carências da formação continuada e promover aproximação entre profissionais. O primeiro encontro aconteceu, contando com a adesão de quase metade das profissionais da Secretaria. Um calendário de novos encontros foi estabelecido para 2025, considerando temáticas e atividades a serem abordadas. Resultados iniciais mostraram que a troca de experiências fortaleceu as psicólogas tanto técnica quanto emocionalmente. A iniciativa evidenciou a importância de espaços coletivos para superar as dificuldades da prática profissional, melhorando a qualidade do atendimento às famílias. O impacto positivo sugere a necessidade de expandir essas ações para outros territórios. A experiência das psicólogas no SUAS demonstra que iniciativas de formação continuada e troca de experiências são eficazes para enfrentar os desafios da profissão. Inspiradas pelo Mobiliza 2024, as reuniões mensais fortalecem vínculos e aprimoram as práticas, contribuindo para a qualidade dos serviços no SUAS e reafirmando o compromisso com a defesa dos direitos e a promoção de justiça social.

29. Psicologia do esporte e do exercício físico: relato de experiência de estágio com grupos

Autor(es)/Apresentador(es):

Luiz Fernando Granetto | psico.lfgranetto@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Cláudia Barbosa | claudia@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Engajamento; Intervenções Grupais.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência realizado durante a prática de estágio no curso de Psicologia, conduzido por acadêmicos do sexto e sétimo semestre, sob a orientação de um professor responsável. As atividades envolveram grupos semanais com crianças e adolescentes atletas das modalidades de vôlei, futsal, natação e handebol, pertencentes a instituições esportivas do município de Cascavel. As intervenções tiveram como foco o acolhimento e a reflexão sobre a vivência no esporte, abordando a experiência de ser atleta, o processo de tornar-se pai e mãe de atleta e o papel da equipe técnica no desenvolvimento esportivo. As atividades buscaram promover o bem-estar emocional, fortalecer a identidade esportiva e aprimorar as relações interpessoais no contexto esportivo. Além do trabalho com os atletas, foram realizadas intervenções junto aos técnicos, proporcionando espaços para discutir os desafios da gestão emocional, liderança e motivação no esporte. Também foram promovidos encontros com familiares para alinhar expectativas e fortalecer a rede de apoio ao atleta. Os resultados indicaram uma maior compreensão dos aspectos emocionais do esporte, favorecendo o engajamento dos participantes e fortalecendo os vínculos entre atletas, técnicos e familiares. O projeto evidenciou a importância da Psicologia no contexto esportivo, demonstrando que a escuta qualificada e o acolhimento contribuem significativamente para o desenvolvimento integral dos envolvidos.

30. Psicologia no SUAS, Proteção Social Especial, Vulnerabilidade Social

Autor(es)/Apresentador(es):

Julia Gindre Soreano Lopes | julia.gindre.soreano@uel.br
Raquel dos Santos de Almeida

Orientador/Co-autor:

Poliana Rodrigues Prado | polyprado54@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Alana Araceli Placidino Gonçalves | gindre_julia@hotmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Raquel dos Santos de Almeida | almeidaraquel.psi@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Psicologia no SUAS; Proteção Social Especial; Vulnerabilidade Social.

Resumo: O SUAS surgiu no contexto da redemocratização do Brasil, consolidando a Assistência Social como um direito garantido pela Constituição de 1988. Seu objetivo principal é garantir a proteção social a todas as pessoas e suas famílias. A inserção da Psicologia no SUAS foi um marco importante, ampliando a atuação da profissão no país. Contudo, essa inclusão exigiu adaptações para enfrentar as complexidades da atuação frente à vulnerabilidade social. Nesse contexto, o Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas famílias (SPSE-PCDI) configurou-se como um importante campo de atuação para a Psicologia, oferecendo atendimento especializado no domicílio com objetivo de assegurar a proteção social a indivíduos vitimados por violações de direitos. Este Resumo: tem o objetivo de refletir sobre a prática da(o) psicóloga(o) no SPSE-PCDI, discutindo as possibilidades e desafios dessa atuação, com base em um relato de experiências de psicólogas em diferentes regiões de Londrina-PR. A equipe é composta por 16 profissionais, sendo 8 psicólogas(os) e 8 assistentes sociais. A atuação da(o) psicóloga(o) busca garantir a proteção social a um público vulnerabilizado pela dependência de cuidados e estigmatização social. O foco dessa atuação está no fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, na busca pela autonomia e no resgate da subjetividade. O sucesso desse processo depende diretamente do bom funcionamento de outras políticas públicas, essenciais para garantir o acesso a direitos básicos. Entretanto, quando esta engrenagem falha, é na coletividade que encontramos os caminhos para a construção de futuros outros. Ao coletivizar as demandas de cada território, a equipe cria novas possibilidades, formando uma rede de ideias e saberes coletivos. Conclui-se que a atuação da(o) psicóloga(o) no SPSE-PCDI é crucial para garantir direitos a grupos historicamente vulnerabilizados, demonstrando o potencial transformador de uma abordagem integrada e sensível às demandas territoriais.

31. Caminhos para a decolonização da saúde: a dinâmica de grupos com pacientes de dores crônicas e a participação multidisciplinar no SUS como ferramenta do princípio de equidade

Autor(es)/Apresentador(es):

Adrielle Brabo Kalschne | adriellebkalschne@gmail.com
Raquel dos Santos de Almeida

Orientador/Co-autor:

Silvana Batista Moreira Lopes | profsil07@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)

Palavras-chave: Dores crônicas; Abordagem multidisciplinar; Decolonização da saúde.

Resumo: A decolonização da saúde busca integrar conhecimentos e práticas que respeitem a diversidade cultural e garantam equidade no acesso aos serviços de saúde. No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), as dores crônicas são uma demanda significativa. A Portaria Conjunta SAES/SAPS/SECTICS nº 1, de 22 de agosto de 2024, redefina a dor crônica como uma experiência biopsicossocial, envolvendo fatores sensoriais, emocionais e sociais. A formação de grupos para dores crônicas, com uma equipe multidisciplinar, é uma estratégia eficaz para promover cuidados abrangentes e reduzir as filas de espera. Este estudo foi realizado com pacientes atendidos no Centro de Atendimento à Saúde Mental (CASM), em Cascavel, PR, majoritariamente pertencentes a classes sociais baixas e sujeitos com longa espera por tratamento. Os objetivos do estudo incluem melhorar a qualidade de vida dos participantes, facilitar o acesso ao tratamento e integrar avaliações psicológicas ao cuidado clínico. A abordagem multifatorial da dor crônica segue as diretrizes do protocolo do SUS, com ênfase na Atenção Primária e nos aspectos psicossociais. As disciplinas fundamentaram-se nas obras de Guirado (2004) e Bleger (2004), que destacam a importância das dinâmicas grupais. As sessões utilizaram a psicoeducação, metáforas, exercícios experienciais, práticas de atenção plena e investigação para amenizar as experiências dolorosas. Os grupos se reuniam semanalmente em 12 encontros de duas horas, com horário prolongado por psicólogos, estagiários de psicologia e com a participação de médicos e enfermeiros. Questionários foram aplicados para avaliar a dor e seu impacto na qualidade de vida. Os resultados evidenciaram avanços na compreensão e percepção da dor, culminando em estágios terapêuticos mais positivos. Além disso, questões de gênero e desigualdades sociais mostraram-se determinantes relevantes na vivência dos pacientes.

32. Promotoras Legais Populares Perifa (PLPs)

Autor(es)/Apresentador(es):

Cássia Regina Furtado Guimarães | cassia.guimaraes@ufpr.br

Ana Paula Kürten

Helen Cristina Rodrigues Gemin

Orientador/Co-autor:

Ana Paula Kürten | anakurten@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Helen Cristina Rodrigues Gemin | helencgemin@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Flávia Costa Gosch | flaviacgosch@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Palavras-chave: Promotoras Legais Populares; Educação Popular; Direitos das Mulheres.

Resumo: As Promotoras Legais Populares (PLPs) surgiram em 1992, em Porto Alegre, como parte das articulações realizadas durante o encontro do Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher. Desde então, o movimento ampliou-se para diversos estados brasileiros, especialmente em territórios de vulnerabilidade social. Estrutura-se como um processo de formação através de um curso baseado na metodologia da Educação Popular, capacitando mulheres por meio de uma perspectiva feminista e de defesa de direitos, afim de explicitar as desigualdades de gênero existentes, bem como fomentar a possibilidade de estratégias para o enfrentamento de violência e violações através do conhecimento e trabalho coletivo. Em Curitiba, o movimento manifestou-se estabelecendo parceria e dialogicidade com a UFPR, constituindo-se como atividade extensionista em 2012, expandindo-se posteriormente para regiões periféricas através da formação denominada “Perifa”, iniciada em 2023. Cada curso conta 20 encontros temáticos, mediados por facilitadoras (mulheres com referência teórica e prática), abordando diversos temas, como divisão sexual do trabalho, racismo estrutural, direitos das mulheres, saúde mental, violência, entre outros. Como resultados espera-se contribuir para o enfrentamento às desigualdades de gênero nas regiões periféricas, promover o acesso aos direitos sociais e minimizar efetivamente a violência contra as mulheres. Destaca-se também a possibilidade de qualificar a formação das estudantes extensionistas envolvidas, instigando-as à pesquisa a partir de uma temática concreta e de relevância social, e à reflexão crítica quanto aos conteúdos formativos de suas graduações. Para além do conhecimento disseminado, o grupo passa a constituir-se como um espaço seguro, por meio do qual as participantes podem compartilhar e refletir sobre suas próprias vivências como mulheres, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, fortalecimento e encorajamento para articulação de ações coletivas.

33. “Celas” de atendimento psicológico: o plantão psicológico dentro de unidades prisionais

Autor(es)/Apresentador(es):

Luiz Fernando Granetto | psico.lfgranetto@gmail.com

Palavras-chave: Psicologia Jurídico-Social; Plantão Psicológico; Sistema Prisional.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência da prática de estágio em Psicologia Jurídico-Social, realizada em duas instituições penais masculinas e uma unidade feminina na região oeste do Paraná. Os atendimentos foram conduzidos na modalidade de plantão psicológico, abrangendo atendimentos semanais individuais e em grupo, além da realização de oficinas de música e poesia como instrumento terapêutico. As intervenções buscaram oferecer um espaço de escuta e acolhimento, considerando as particularidades do contexto prisional e as necessidades dos apenados. Durante a prática, foram observadas diferenças significativas entre os atendimentos de homens e mulheres, bem como entre as unidades prisionais. Em uma unidade industrial, a estrutura oferecia maior liberdade para o trabalho psicológico, enquanto na unidade estadual o elevado número de apenados gerava uma extensa lista de espera para atendimento. Já na cadeia pública, apesar da infraestrutura precária, houve grande abertura para as intervenções da Psicologia. Os resultados indicaram que o plantão psicológico no ambiente prisional é uma ferramenta essencial para promover apoio emocional, reflexão e estratégias de enfrentamento, mesmo diante das limitações institucionais. A experiência evidenciou a importância da Psicologia no sistema prisional, ressaltando que a escuta qualificada e o uso de abordagens criativas, como a música e a poesia, podem favorecer o bem-estar e o desenvolvimento pessoal dos apenados.

34. Construindo Identidades: A Luta Contra a Subcidadania na Periferia

Autor(es)/Apresentador(es):

Lorena Isabela Carvalho | crastamarana@gmail.com
Jordan Martins dos Santos

Orientador/Co-autor:

Ana Carolina Ramos Machado | aanacramos@gmail.com
Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Jordan Martins dos Santos | jordanmartins928@gmail.com
Professor de Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Adolescência; Interdisciplinaridade; Proteção Social Básica.

Resumo: No que se refere às atividades com famílias na área de política pública, identifica-se a presença das vivências significativa dos adolescentes no âmbito sócio-emocional. É nesse contexto de construção pessoal, que a dimensão cultural, afetiva e histórica se aproximam, objetivando o desenvolvimento da identidade da população atendida na Proteção Social Básica. Assim, a atividade com os adolescentes do PAIF e PAEFI em Tamarana, trouxe como base a descolonização dos saberes, especialmente no contexto da periferia, resgatar identidades e combater as heranças do colonialismo, como apontado por Frantz Fanon. Esse processo de construção do grupo de acompanhamento, teve como estratégia questionar paradigmas dominantes impostos aos adolescentes através de uma lógica eurocêntrica, de que o que resta para eles é a subcidadania. Nas atividades coletivas, tentamos promover uma visão crítica sobre as práticas e epistemicídios que desumanizam seus corpos, jovens, negros e periféricos, através de um estado omissivo em seus territórios. Na periferia, onde a colonialidade ainda se manifesta na precarização da educação e nas limitações de acesso à cultura e lazer, o trabalho do PAIF em descolonizar o olhar dos cidadãos significou propor momentos de reflexão sobre essa realidade. Ao priorizar as vivências e resistências desses adolescentes em seus territórios, abriu-se espaço para uma revolução de pensamento, que vem a colocar as vozes subalternizadas no centro, levando-os para o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, por exemplo. Além de reconhecê-los como produtores legítimos de conhecimento e como agentes de transformação social em suas famílias. Assim, o trabalho com adolescentes no CRAS de Tamarana propôs atividades sobre movimentos de resistência através do fortalecimento de vínculos comunitários, colaborando para superar narrativas que por séculos serviram para oprimir suas vivências.

35. Estratégias de prevenção da reincidência do comportamento agressivo em homens: um estudo sobre a eficácia do grupo reflexivo de Almirante Tamandaré-PR

Autor(es)/Apresentador(es):

Raquel Soares Loof | raquelloof@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Estefani Kovaluki Rodrigues Ferreira | estefanikovaluki05@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Helena Dominoni da Silva Gomes | helenadominoni@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Isabela Mingotti Fonseca | isabela2002fonseca@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Julia Mariana da Silva | silvajulia3829@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Nicole Bianca Schoenau de Souza | nicolebschoenau@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Amanda Aislinn | Amandaaislinn@gmail.com

Faculdade Estácio de Curitiba

Prof^a. M^a. Beatriz Alcici | bialcici@yahoo.com.br

Faculdade Estácio de Curitiba

Palavras-chave: Violência doméstica; Grupos reflexivos; reeducação masculina.

Resumo: O presente estudo investiga a eficácia do Grupo Reflexivo de Almirante Tamandaré-PR como estratégia para reduzir a reincidência do comportamento agressivo em homens autores de violência doméstica. O projeto se baseia na abordagem reflexiva, que visa não apenas a responsabilização judicial, mas também a transformação comportamental dos participantes. Introdução: A violência doméstica contra mulheres é um problema estrutural e persistente. Grupos reflexivos emergem como uma resposta inovadora à necessidade de reeducação dos agressores. Objetivos: Analisar o impacto das intervenções promovidas pelo Grupo Reflexivo, avaliando mudanças na percepção e comportamento dos participantes. Método: A pesquisa qualitativa incluiu a observação dos encontros e análise das interações. O grupo foi composto por homens encaminhados judicialmente, submetidos a seis sessões abordando temas como machismo, relações de gênero e masculinidades. Discussão: Os resultados sugerem que, embora haja resistência inicial, os participantes demonstraram maior compreensão sobre as consequências de seus atos ao longo do processo. A interação com profissionais especializados contribuiu para a desconstrução de crenças machistas, promovendo reflexões sobre masculinidade e violência. Conclusão: O Grupo Reflexivo se mostrou uma ferramenta relevante na redução da reincidência da violência doméstica. Sua continuidade e ampliação podem fortalecer políticas públicas voltadas à reabilitação de agressores e à prevenção da violência de gênero.

36. Plantando sementes de Controle Social no SUS: relato de experiência em um grupo com crianças na Atenção Básica

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Beatriz Mello | psianamello@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Camila Sighinolfi de Moura | camilasiguinolfi.ams@gmail.com
Autarquia Municipal de Saúde de Apucarana (PR)

Palavras-chave: Infância; Participação social; SUS.

Resumo: Na contemporaneidade, podemos observar o esvaziamento dos espaços coletivos e deliberativos, assim como a falta de representatividade nestes, sejam de classe, gênero, raça/cor, idade, entre outros marcadores sociais. A participação popular e o controle social são princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo relevantes e essenciais para a garantia de que a população esteja implicada nos processos de formulação e supervisão das políticas públicas de saúde. Tendo isso em vista, este relato apresenta um recorte de pesquisa desenvolvida em um grupo de crianças de 8 a 10 anos em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de território periférico, marcado por vulnerabilidades socioeconômicas, em um município de médio porte do Estado do Paraná. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Faculdade de Apucarana (FAP), parecer 6.553.126. Durante quatro encontros, nos meses de abril e maio de 2024, foram realizadas atividades que abordaram saúde, política e controle social. As intervenções, construídas coletivamente com as crianças, buscaram fomentar a criticidade, plantando sementes de cidadania e de reconhecimento de seus lugares legítimos de participação. Encontramos solo fértil nas respostas das crianças, que compreendem saúde em seu conceito ampliado, demonstrando ainda opiniões e ideias sobre o que desejam no campo da saúde pública, mesmo que com nuances de tramas conservadoras, assistencialistas e moralistas. O efeito das barreiras socioculturais e da dos discursos capitalistas e punitivistas também deixam suas marcas visíveis, dificultando a percepção de si mesmas como agentes de mudança. Dessa forma, o papel participativo se apresenta em um horizonte distante, somente acessível a partir da maioridade civil, e a partir desta, pelo exercício exclusivo do voto, escolhendo alguém que as represente. As reflexões apontam para a necessidade de resgatar o senso comunitário de participação social, pensando ainda em novas formas decolonizantes de produzir nossos saberes.

37. Perspectivas do interior: tensionamentos entre a psicologia e as ruralidades

Autor(es)/Apresentador(es):

Guilherme Afonso Del Pintor Pereira | guilherme_afonso1@hotmail.com

Palavras-chave: Ruralidades; Saúde Mental; Decolonização.

Resumo: Nota-se, na psicologia brasileira um direcionamento de práticas e epistemologias elaboradas a partir do contexto urbano. Comunidades como a população rural encontram-se às margens de pesquisas e práxis em relação às suas singularidades subjetivas e sociais, apartadas de uma construção de saúde mental localizada. Neste caminho, objetivou-se tensionar a presença da psicologia frente às ruralidades pelos sentidos atribuídos à saúde mental por essa população, num município predominantemente rural no interior do Mato Grosso do Sul. Sendo adotada, a metodologia das Conversas no Cotidiano, mobilizada entre o pesquisador e os moradores da zona rural deste município e a posterior Análise de Práticas Discursivas. Assim, foram utilizadas três categorias de análise afim de entender os sentidos que os participantes atribuíam: ao conceito de cuidado em saúde mental em seus territórios; às terapêuticas disponibilizadas e operacionalizadas; e os desdobramentos afetivos na vida destes em relação aos processos de saúde mental experienciados. Deste modo, evidenciou-se os escassos meios de suporte psicológico disponibilizados à população, bem como a ausência de serviços integrantes da RAPS no município, comprometendo uma articulação especializada em saúde mental na região. Além disso, demonstrou-se a recorrência da vulnerabilidade social e afetiva destes sujeitos no manejo de seus sofrimentos psíquicos, amparados pelo discurso fármaco-psiquiátrico, sendo o sentido de saúde mental atrelado a diagnósticos, medicamentos e internações psiquiátricas. Identificou-se assim, a atribuição de um sentido fortemente manicomial e descontextualizado territorialmente quanto à saúde mental. Concluindo, a necessidade da construção em saúde mental nestes contextos por uma necessária reorganização e implementação da RAPS regionalizada. Articulada à construção de perspectivas terapêuticas implicadas e compartilhadas à singularidade dos processos sociais de subjetivação dos povos rurais, engendrando significados e condições próprias sobre o que é efetivo para se produzir saúde territorializada em conjunto, valorizando e incluindo as bases rurais de produção do ser social que ali habita.

38. A prática dos psicólogos nas unidades básicas de saúde: contribuições do TRE como ferramenta no trabalho com grupos

Autor(es)/Apresentador(es):

Bruna Miguel Savio | bruna.miguel.savio@uel.br
Emanuelle Freiria Souza Primo

Orientador/Co-autor:

Emanuelle Freiria Souza Primo | emanuelle.primo@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Roberth Miniguine Tavanti | roberth.tavanti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: UBS; TRE; Psicologia.

Resumo: Na sociedade contemporânea, as pessoas são confrontadas por inúmeras situações de estresse físico e psicológico que ativam mecanismos de sobrevivência como coração acelerado, aumento da pressão e músculos tensionados liberando hormônios de estresse. Porém, muitas vezes, essas reações não são descarregadas devido a condicionamentos sociais que propagam a contenção desses instintos, o que gera acúmulo de estresse no sistema nervoso. Tendo isso em vista, este trabalho relata uma experiência de estágio em psicologia que tem utilizado a prática de TRE (técnica de redução de estresse) com grupos de usuários/as em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada na zona norte da cidade de Londrina. Composta por uma série de sete exercícios, o TRE evoca a resposta natural do corpo de tremores, que permite a liberação da química do estresse. Vale mencionar que a UBS - Chefe Newton - serviço onde ocorre o estágio situa-se na atenção primária à saúde e desenvolve ações voltadas à promoção e prevenção de doenças de indivíduos e/ou famílias que vivem nos territórios de abrangência desta unidade. Ao acompanhar os trabalhos da equipe multiprofissional do Núcleo de Apoio da Saúde da Família (NASF), sobretudo, as práticas do psicólogo e supervisor de campo, as estagiárias vêm utilizando essa técnica como uma ferramenta para o trabalho com foco na prevenção de doenças e promoção de saúde, possibilitando, desse modo, que os usuários possam relaxar seus músculos de maneira mais consciente. Como resultado, observa-se a partilha de experiências positivas como melhora do sono, diminuição da irritabilidade, entre outros. Em síntese, os grupos na Atenção Primária constituem-se como uma estratégia de socialização, integração, apoio psíquico e troca de saberes voltados ao desenvolvimento da autonomia de usuários/as e como prática de educação em saúde, além de contribuir para mudanças de hábitos e estilos de vida.

39. Arte na promoção de saúde no contexto do trabalho comunitário: protagonismo e coletividade

Autor(es)/Apresentador(es):

Luana Oliveira | luoliveira97@outlook.com.br
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) - Câmpus Londrina

Palavras-chave: Psicologia Comunitária; Pensamento Decolonial; Arte.

Resumo: As oficinas de arte realizadas há dois anos na Associação Ciranda da Cultura, em Londrina-PR, são construídas a partir dos estudos em Psicologia Comunitária, Pensamento Decolonial e Arte. Visto que a Associação é aberta para toda a comunidade, não há qualquer tipo de burocracia para acessar as atividades, portanto as oficinas consideram as demandas que se apresentam em cada sábado. O grupo é aberto, composto majoritariamente por crianças. Os objetivos das oficinas envolvem apresentar a arte como uma possibilidade na promoção de saúde, construindo a partir do vínculo criado nas oficinas, um espaço seguro para a expressão das subjetividades e trocas envolvendo a elaboração de questões biopsicossociais. O trabalho inicia-se em roda, envolvendo a produção artística a partir de pinturas, colagens e outras artes, oportunizando a elaboração, envolvendo principalmente questões raciais, de gênero e território, trazidas pelas crianças, além de escuta e acolhimento. Após a realização das atividades há um momento para compartilhar as reflexões acerca do que foi produzido. Os frutos do trabalho aparecem quando as crianças expressam o que pensam e sentem; no fortalecimento de vínculos, protagonismo e coletividade e quando se sentem confortáveis e com autonomia para ministrar elas mesmas oficinas sobre o que querem ensinar. É importante destacar que na dinâmica de trabalho, as crianças são livres para ir e vir, portanto, para além, da oficina, as trocas acontecem em todo espaço do quintal, incluindo o balanço e a sombra do pé de amora. Embora seja desafiador estabelecer uma organização de forma que seja possível atender todas as crianças, é gratificante observar o envolvimento nas produções artísticas, o que produz, além de saúde, atravessamentos relacionados à inclusão e cidadania, visto que são trabalhados aspectos relacionados também aos direitos sociais.

40. Doação de órgãos: um modo de relação entre mortos e vivos

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Beatriz Seyr Marrafon | anabseyr@gmail.com

Isabela Maria Pulga

Adriana Barin de Azevedo

Palavras-chave: Morte Encefálica; Suplemento biográfico; Vinciane Despret.

Resumo: A busca moderna pela racionalidade, imposta por processos de colonização, encontra limites na morte, evento que desafia a lógica da imortalidade e do domínio sobre a vida. Em uma sociedade que valoriza o individualismo e o sucesso, a morte torna-se símbolo de fracasso, devendo ser evitada a qualquer custo. Assim, a morte encefálica, perda irreversível das funções cerebrais, que viabiliza os transplantes de órgãos ao permitir a retirada destes de um doador falecido, mantendo-os viáveis para serem transplantados em um receptor, transforma o “fracasso” em possibilidade. Neste contexto, torna-se importante conhecer a narrativa dos familiares enlutados sobre as escolhas em relação a doação de órgãos em relação de seus entes falecidos. Nesse sentido, utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa bibliográfica, com estudos orientados pela perspectiva da psicóloga e filósofa Vinciane Despret a respeito das relações mantidas com pessoas mortas. Além disso, levantou-se publicações científicas sobre o tema da doação de órgãos no Brasil. Destaca-se como resultado, após análise do material estudado, a preocupação da família em seguir a vontade do defunto manifestada em vida, para decisão sobre a doação de órgãos. Outros dados analisados foram: a tensão entre a concepção de morte da família e a concepção de morte encefálica, a insatisfação com a equipe hospitalar, a preocupação com o mercado ilegal de órgãos e com possíveis atrasos na liberação do corpo para o velório. Pensar a doação de órgãos como meio de relação entre os vivos e os mortos, sendo, para este, um meio de suplemento biográfico é permitir, conforme Geni Nuñez (2022), romper com a monocultura dos afetos imposta pelo colonialismo, que dita que a forma de nos relacionarmos, inclusive, com os mortos. Essa proposta dá abertura a outros saberes não hegemônicos, resgatando vivências e valorizando a pluralidade de epistemologias, indicando que há outros modos e mundos possíveis.

41. Território: onde a vida se desenrola - A escuta como dispositivo de identificação de potencialidade de vida(s) no SUAS

Autor(es)/Apresentador(es):

Julia Gindre Soreano Lopes | julia.gindre.soreano@uel.br

Alana Araceli Placidino Gonçalves

Orientador/Co-autor:

Alana Araceli Placidino Gonçalves | alana.aapg@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Escuta Territorial, Psicologia Social, Políticas Públicas.

Resumo: A política de assistência social preconiza a busca pela emancipação social das pessoas, expressando como proposta primordial que o posicionamento da(o) profissional responsável pelo acompanhamento das famílias não reforce a dependência destas pelo serviço, mas sim a construção da autonomia das pessoas usuárias, frente a luta e acesso por políticas públicas de direito. O ingresso da psicologia no SUAS é bastante recente, de forma que suas possibilidades de contribuição ainda vêm sendo tecidas. No Serviço de Proteção Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias (SPSE-PCDI), em Londrina, atuam 16 profissionais – 8 psicólogos e 8 assistentes sociais – com o objetivo de acompanhar pessoas em situação de violação de direitos e dependência de cuidados. Este Resumo: apresenta um relato de experiência e propõe uma reflexão sobre a escuta do território na atuação da psicologia no SPSE-PCDI. Assim como cada corpo possui uma forma singular, os territórios também apresentam especificidades e demandas próprias. Escutar de fato quem ali vive, seus atravessamentos e vivências, é o que possibilita que de fato se construa uma aproximação - com esse território/corpo - marcado por conhecimento e efeitos da própria história. A lógica de compartilhamento, como nos ensina Nêgo Bispo, permite um diálogo que alcance a verdade de quem fala, desenrolando uma relação que se produz no hiato entre território e cuidado. A partir dessa escuta se abrem brechas para identificar potencialidades, para além das vulnerabilidades, que fundamentam o “gingar” cotidiano destas vidas. O saber está contido no corpo que ali vive e que se produz a partir das interferências e relações desse espaço. Portanto, acompanhar uma família se guiando através do que se escuta, é de fato saber por onde ela andou e abrir caminhos mais possíveis para se atravessar, coletivamente.

42. Estágio de grupos com foco no desenvolvimento infantil: um relato de experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Christiane Cordeiro Silvestre Dalla Vecchia | christianenevecchia@fag.edu.br
Luiz Fernando Granetto | luizgranetto@fag.edu.br

Orientador/Co-autor:

Cláudia Barbosa | claudia@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)
Luiz Fernando Granetto | luizgranetto@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)
Édina A. do Amaral | edina@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)
Silvana Batista Moreira | profsil07@fag.edu.br
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Intervenções Grupais; Participação Familiar.

Resumo: Este relato de experiência detalha um projeto de desenvolvimento infantil realizado durante um estágio do curso de Psicologia, com orientação de psicólogas e profissionais de educação física. O projeto foca em crianças de 6 a 12 anos com dificuldades cognitivas e motoras, visando aprimorar suas habilidades motoras e cognitivas através de atividades lúdicas e recreativas, além de oferecer suporte educacional aos pais. As intervenções semanais para as crianças incluem jogos cooperativos e exercícios de coordenação adaptados, projetados para estimular o desenvolvimento integral e o bem-estar emocional. Paralelamente, os pais participam de palestras informativas sobre o desenvolvimento humano e a importância do brincar para o crescimento infantil. Ao final de cada sessão, realiza-se a “matroginástica”, uma atividade de interação física e lúdica conjunta que fortalece o vínculo entre pais e filhos. Os resultados do projeto mostraram melhorias significativas na coordenação motora e na concentração das crianças, bem como um aumento na autoestima e no engajamento nas atividades propostas. As palestras e a matroginástica contribuíram para criar um ambiente de apoio e aprendizado mútuo, destacando a importância da participação familiar no processo de desenvolvimento infantil. Concluindo, o projeto evidenciou que a integração de atividades lúdicas com a participação ativa dos pais é essencial para promover a saúde psicológica e o desenvolvimento global das crianças com dificuldades.

43. Processos coloniais e infidelidade feminina: notas a partir de atendimentos clínicos

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Paula Müller de Andrade | anamullerdeandrade@gmail.com

Corina de Carvalho Cellarius

Isadora Balbinotti de Lourenço

Orientador/Co-autor:

Corina de Carvalho Cellarius | cellarius_corina@outlook.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Isadora Balbinotti de Lourenço | isadorabalbinotti@gmail.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Palavras-chave: Gênero; Infidelidade feminina; Processos coloniais.

Resumo: O presente trabalho discute o gênero enquanto um marcador central nas relações conjugais atravessadas pela infidelidade feminina, contribuindo para a perpetuação da lógica colonial. Apresentamos o relato de experiência de atendimentos clínicos realizados no Núcleo Maria da Penha, projeto de extensão universitária que oferece atendimento psicojurídico a mulheres em situação de violência. No núcleo, fazemos supervisões semanais e registro em prontuários. Os prontuários foram analisados através da análise clínica qualitativa de conteúdo, que revelou a performatividade de gênero como um processo temporal em que normas regulatórias do sexo se materializam nos corpos e reforçam o imperativo heterossexual. Isso leva mulheres a performarem modelos de recato e devoção. Além disso, a concepção cultural de fidelidade feminina articula-se ao dispositivo amoroso, fortalecendo a dependência psicológica delas. Essa dinâmica é enraizada em processos coloniais que geram subalternidade e apagam saberes e modos de vida dos grupos dominados, naturalizando uma concepção de fidelidade como parte das competências atribuídas à “verdadeira mulher”. Ao falharem em corresponder ao ideal de devoção imposto, as mulheres são frequentemente colocadas em posição de vulnerabilidade, sujeitas à violação de seus direitos. Os resultados deste trabalho destacam a necessidade de uma escuta ampliada e de uma prática clínica política, decolonial e sensível às questões de gênero. As discussões nele realizadas visam contribuir para uma compreensão da fidelidade como reflexo de estruturas coloniais que perpetuam desigualdades e violências, apontando caminhos para a construção de uma psicologia crítica, decolonial e gendrada, capaz de reconhecer e resistir às normas sociais que subalternizam às mulheres.

44. Experimentações (trans)formadoras de um devir docente

Autor(es)/Apresentador(es):

Bárbara Anzolin | bah.anzolin@gmail.com

Palavras-chave: Docência; Psicologia; Formação crítica.

Resumo: O convite aqui é para uma reflexão sobre a construção de um fazer ou fazeres docentes no curso de psicologia da UNIPAR Sede, de uma professora mulher cis, lésbica, branca. A perspectiva teórica que me orienta, o Construcionismo Social, que vem sendo apresentado como uma leitura social crítica na psicologia, pós-estruturalista, que dialoga com os estudos foucaultianos (RASERA; JAPUR, 2005; SOUZA, 2014). No diálogo com os estudos em psicologia social crítica, localizo também os estudos sobre gêneros e sexualidades pós-estruturalistas e estudos descoloniais, que orientam meu posicionamento profissional e os modos como penso a psicologia enquanto ciência e profissão (FOUCAULT 1987/2015; ALVES *et al*, 2020). É um posicionamento que se alinha à busca de (re)inventar psicologias, que denunciem e enfrentem machismos, racismos, lgbtfobias, explorações, normatizações, silenciamentos e outros tipos de violências (PERES, 2013; BORGES, 2014), buscando contribuir com a construção de modos de vida mais vivíveis, com uma sociedade mais acolhedora das diferenças (CASALI; GONÇALVES, 2018). Para as reflexões do fazer docente, apoio-me nos processos dialógicos, nas propostas da poética social de John Shotter e nos momentos marcantes, discutidos por Emerson Rasera. Considerando que somos afetadas o tempo todo, tomo de empréstimo a proposição dos Momentos Marcantes, para apresentar 3 momentos poéticos/marcantes que vivi no decorrer da minha construção docente. Com eles, consigo identificar, pontuar e analisar alguns efeitos reflexivos, transformadores, que me orientam até hoje na prática docente, dialogando com aquilo que julgo importante neste fazer profissional. Faço isso no intuito de compartilhar as reflexões, no diálogo com leitoras e leitores, talvez como um convite à reflexividade para as inúmeras possibilidades de fazeres profissionais.

45. O mapa corporal no resgate das trajetórias de trabalho da população em situação de rua

Autor(es)/Apresentador(es):

Laura Chiconelli Vanzo¹ | lauracvanzo@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Thainara Granero de Melo² | thainaragm@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Palavras-chave: Mapa Corporal; Trajetórias; População em Situação de Rua.

Resumo: Este Resumo: relata uma experiência de estágio em Psicologia com coletivos sociais de Economia Solidária em um Serviço de Acolhimento Institucional para Adultos e Famílias em Situação de Rua (PSR), de São José dos Pinhais. Compreender a relação entre o trabalho e a População em Situação de Rua demanda atentar-se às complexidades e interseccionalidades que afetam cotidianamente essa população, especialmente as violências sócio historicamente construídas pelo capitalismo colonial. Entendendo que a construção de outras trajetórias de vida pode encontrar nas formas de trabalho pautadas na coletividade, em alternativa à economia capitalista, mecanismos para a emancipação política da PSR, o estágio teve como objetivo fortalecer o processo organizativo do grupo de Economia Solidária desenvolvido dentro do serviço. Para tanto, buscou-se resgatar as trajetórias de trabalho vivenciadas pelos usuários do serviço, a fim de valorizar suas narrativas de vida para que a proposta de trabalho se estruturasse horizontalmente, de acordo com as vivências pessoais e de trabalho ali pontuadas. O Mapa Corporal Narrado foi escolhido como recurso metodológico, construído com 10 usuários do serviço durante 2 encontros. Trata-se de uma técnica de origem sul-africana, desenvolvida no contexto das práticas de saúde em resistência aos métodos coloniais. Especificamente, envolve uma representação gráfica do contorno do corpo da pessoa, composto por desenhos, palavras, pinturas e colagens que representem marcas de sua trajetória de vida, em complemento à narrativa oral. Por meio dos mapas desenhados/narrados, identificou-se que o resgate histórico e simbólico das experiências dos sujeitos contribuiu para estimular os participantes a reconhecer a diversidade das experiências de vida que compunham o grupo e ressignificá-las no presente, de modo a compor os processos de trabalho coletivo. Ademais, a técnica permitiu valorizar os saberes e vivências singulares de trabalho de cada usuário, constantemente marginalizadas pelos estigmas associados à situação de rua.

¹ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba; ² Docente do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

46. Relato de experiência do Projeto Grades em Transgressão: Novos Horizontes de Inclusão e Inovação Social para Mulheres

Autor(es)/Apresentador(es):

Jeniffer Seles de Oliveira | jeniffer.selesdeoliveira@uel.br

Orientador/Co-autor:

Margarida de Cássia Campos | mcassiacampos@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Privação de Liberdade Feminina; Oficinas Pedagógicas; Projeto de Extensão Universitária.

Resumo: O Projeto Grades em Transgressão: Novos Horizontes de Inclusão e Inovação Social para Mulheres (GET) é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina (UEL) (UEL), voltado para mulheres em situação de privação de liberdade (PPLs) na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, financiado pelo Fundo Paraná pelo Programa Universidade Sem Fronteiras (USF), vinculado a Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) do Governo do Estado. Através da contextualização histórica e da análise crítica do sistema de justiça criminal, compreende-se a consolidação da pena de encarceramento, no período pós-abolição da escravidão, como forma de manter as desigualdades sociais e sustentar o sistema capitalista, edificado a partir do colonialismo e racismo. Foram também analisados os atravessamentos de classe, gênero e raça no contexto de atuação do Projeto GET. Nesse sentido, teve-se por objetivo desenvolver oficinas a partir da dinâmica de funcionamento daquele espaço, contornando as limitações materiais e a rotina já consolidada, que consistia na ausência de atividades fora das celas. Este cotidiano constituía um dos fatores que intensificava a angústia das PPLs. Foi relatado que as atividades quinzenais do Projeto GET aliviaram a rotina de ociosidade e precariedade, marcada pela dificuldade no acesso à atenção biopsicossocial, atividades físicas, educacionais, laborais ou lazer. Ao longo das oficinas, construiu-se uma relação de confiança e respeito, com o cuidado para que aquele espaço não fosse mais uma imposição dentro de um contexto de controle e retirada da autonomia. Nesse processo dialógico, estabeleceram-se temas a serem abordados com cautela, considerando os impactos emocionais e a ausência de um suporte psicológico estabelecido na unidade, tal como as limitações do Projeto GET. Assim, foi se tecendo um espaço de humanização e expressão da subjetividade, por meio da palavra horizontalizada, produção artísticas e atividades desportivas, apesar do ocasional atravessamento de conflitos interpessoais e institucionais.

47. A oferta de oficinas de memória e saúde mental em um Centro de Convivência do Idoso: um relato de experiência de estágio

Autor(es)/Apresentador(es):

Rafaela Prescinotti Vivan | rafa.vivan@icloud.com
Milena Ferreira Rosa Pereira | mih_ferreira.frp@hotmail.com.br
Rafaela Prescinotti Vivan

Orientador/Co-autor:

Milena Ferreira Rosa Pereira | mih_ferreira.frp@hotmail.com.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Valéria Queiroz Furtado | valeriau@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Psicologia Escolar e Educacional; Centro De Convivência do Idoso; Oficinas.

Resumo: O presente trabalho tangencia um relato de experiência oriundo do estágio curricular Obrigatório das estudantes de graduação do 5º ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), pautado pelos referenciais da psicologia escolar e educacional em contextos não formais. O trabalho ocorreu em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (SCFV), com aproximadamente 13 idosas com faixa etária entre 65 a 82 anos, situado na região Oeste do município de Londrina (PR). Como objetivo principal, visou-se a promoção de novos espaços de aprendizagens, saúde e criação de vínculos aos usuários do serviço a partir da oferta de duas oficinas, uma de jogos e memória e outra de saúde mental. Diante disso, para que o trabalho ocorresse de modo apropriado, buscou-se a compreensão dos aspectos envolvidos no processo de envelhecimento e senescência em seu contexto biopsicossocial. Portanto, a oficina de jogos e memória investigou e abarcou o impacto do envelhecer sobre a memória e atenção, e a partir disso, elaborou estratégias com jogos diversos para prevenção e enfrentamento ante as perdas naturais das funções cognitivas comuns à idade. Por outro lado, a oficina de saúde mental buscou discutir e instruir sobre temáticas importantes para a terceira idade, como saúde e doença, ansiedade, distúrbios do sono, depressão, déficits cognitivos e o papel imprescindível da psicoterapia nesse processo. Como resultado, destaca-se que tanto a oficina de memória quanto a de saúde mental contribuíram significativamente para a qualidade de vida dos participantes, oferecendo ferramentas e recursos para uma vida mais ativa e saudável. A primeira, promovendo um espaço de estímulo e prevenção contra o declínio cognitivo, e a segunda, proporcionando conhecimentos e estratégias para cuidar da saúde mental, fomentando o bem-estar emocional e social.

48. Saúde Mental e Gênero: Relato de experiência sobre o adoecimento psicológico de mulheres no contexto do CAPS Ibiporã

Autor(es)/Apresentador(es):

Luiza Takahara Bortoliero | luiza.takahara@uel.br

Maria Luiza Duarte de Matos

Orientador/Co-autor:

Maria Luiza Duarte de Matos | maria.luiza.duarte@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Roberth Miniguine Tavanti | roberth.tavanti@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Gênero; Saúde Mental; CAPS.

Resumo: Entre as profundas desigualdades sociais presentes nos países de herança colonial, como o Brasil, pode-se destacar a desigualdade de gênero como um fator que intensifica vulnerabilidades a certos adoecimentos às mulheres, sobretudo às mulheres negras. Tais adoecimentos são atravessados pelas ideias culturais do patriarcado, que expõem as mulheres à violências, assim como, as posicionam como cuidadoras de filhos e familiares e, conseqüentemente, à extrema sobrecarga. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre a intrínseca relação do gênero e as formas de adoecimento psicológico, a partir das práticas vivenciadas pelas autoras, em seus estágios curriculares obrigatórios no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Ibiporã-PR. O método utilizado para a elaboração deste trabalho consiste no relato de experiência, realizando uma apresentação crítica das práticas observadas e vivenciadas pelas autoras; como exemplo os acolhimentos, visitas domiciliares, oficinas e reuniões de equipe. Assim, busca-se promover uma discussão crítica sobre saúde mental e gênero e informações das práticas acompanhadas. A partir das informações obtidas, percebeu-se que muitas mulheres atendidas no CAPS I chegam ao serviço como acompanhantes de familiares e, posteriormente, retornam como pacientes, frequentemente apresentando quadros de ansiedade e depressão, diretamente relacionados à sobrecarga de responsabilidades domésticas e de cuidado. Os ideais sexistas que posicionam à mulher o papel do cuidado, dificultam a adesão de Planos Terapêuticos, devido à ausência de tempo para se dedicarem a si mesmas. Conclui-se, portanto, a necessidade de promover e ampliar estratégias já utilizadas que antecipam o adoecimento, como grupos voltados às cuidadoras e famílias, proporcionando uma medida preventiva sobre os impactos da sobrecarga, antes que essas mulheres se tornem usuárias em quadros mais graves. Ratifica-se o compromisso das políticas e práticas psicossociais na promoção da equidade, tanto no cuidado individual, como no fortalecimento de rede de apoio aos usuários.

49. Novas roupagens para velhas histórias: um estudo sobre a interdição de um hospital psiquiátrico no interior do Paraná

Autor(es)/Apresentador(es):

Raísa Uchoa | ra124688@uem.br

Nicolý Castilho Greb

Orientador/Co-autor:

Maria Luíza Duarte de Matos | maria.luiza.duarte@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Nicolý Castilho Greb | ra124251@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Daniele de Andrade Ferrazza | daFerrazza@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Paradigma psiquiátrico; Luta Antimanicomial; Manicômios.

Resumo: No Brasil do século XIX, práticas higienistas incentivaram o isolamento de pessoas em sofrimento psíquico, resultando na proliferação de manicômios marcados por condições violentas e desumanas. Durante a ditadura militar, abusos em instituições psiquiátricas foram amplamente combatidos pelo movimento da Luta Antimanicomial. Com a redemocratização e criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1988, a Reforma Psiquiátrica Brasileira promoveu o cuidado em liberdade e possibilitou a implantação da Rede de Atenção Psicossocial (AMARANTE, 2007). Contudo, muitos hospitais psiquiátricos ainda existentes seguem operando sob uma lógica manicomial, como apontado pelo relatório do Conselho Federal de Psicologia (2020). O manicômio de Maringá, foco deste estudo, foi citado 108 vezes neste relatório. O objetivo deste estudo foi compreender a trajetória histórica de constituição e implementação do hospital psiquiátrico de Maringá até o seu fechamento. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira tratou de uma revisão da literatura sobre o confinamento da loucura e a psiquiatrização da vida. A segunda contemplou a realização de entrevistas com duas pessoas: uma militante da Luta Antimanicomial e uma conselheira municipal de Maringá. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados nas categorias temáticas: 1) Trajetória histórica do manicômio maringaense; 2) Entraves, desafios e estratégias para a constituição do movimento antimanicomial em Maringá; 3) SUS, Reforma Psiquiátrica, Políticas públicas e controle social como aliados na luta antimanicomial. O Hospital Psiquiátrico de Maringá foi fundado em 1966, atendendo as demandas higienistas de uma cidade planejada (CAMPOS, 2004), e até 2022 (ano de sua interdição) operava em condições degradantes, violava direitos humanos, possuía inadequações estruturais e havia registros de mortes e violência contra internos. Apesar disso, movimentações políticas municipais tentam reabri-lo, propondo promover a reforma de sua infraestrutura, sem considerar que a lógica excludente do manicômio evidencia sua incapacidade de promover saúde, autonomia e cuidado em liberdade.

50. Rodas de conversa entre estudantes bissexuais: relato de experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Clara Ramazotti Totti | ana.clara.totti@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Flávia Fernandes de Carvalhaes - fcarvalhaes@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Gênero; Bissexualidade; Psicologia.

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência de uma iniciação científica em andamento, que vem analisando aspectos relacionados às vivências de estudantes bissexuais de uma universidade pública no interior do Paraná. A bissexualidade é caracterizada pela atração romântico-sexual pelo próprio gênero e outro além do seu e/ou por pessoas independentemente de seu gênero. A cultura ocidental situa enquanto norma socialmente construída a hétero e monossexualidade, de modo que vivências não balizadas por essas referências são localizadas como desviantes, sendo comumente estigmatizadas. Assim, pessoas bissexuais são consideradas desviantes da heteronorma e monodissidentes por sentirem atração por mais de um gênero, sofrendo cotidianamente os efeitos psicossociais da bifo-bia, marcados pelo não-lugar socialmente construído da bissexualidade no imaginário coletivo. A coleta de dados desta pesquisa vem se articulando através de rodas de conversa realizadas em um serviço de bem estar à comunidade acadêmica, que têm possibilitado debates sobre potências e dificuldades que envolvem as vivências de participantes bissexuais. Os resultados parciais evidenciam a escassez de debates teóricos sobre a bissexualidade na psicologia brasileira e de espaços acolhedores para essa população que se articulem sem julgamentos, questionamentos e/ou outras expressões de violência bifóbica. Nota-se nos relatos a sensação de apagamento histórico vivenciado por esses sujeitos e a falta de representatividade social, cujos efeitos são diversos, como dificuldades relacionadas à compreensão da própria sexualidade e a percepção de invalidação externa das próprias experiências. Ademais, observa-se como as redes de apoio construídas por esses sujeitos têm efeitos positivos na saúde mental e na construção de modos de resistência no cotidiano, que possibilitam vivenciar em alguns momentos a própria sexualidade com certa fluidez, desestabilizando, ainda que parcialmente, a heteronorma. Assim, nota-se a relevância de estudos sobre a bissexualidade e da promoção de espaços seguros de questionamento e subversão do não-lugar imposto à essa população.

51. O Sonho da Árvore Encantada: um relato de experiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Flavia Bortoleto Gonçalves | bortoletof@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Emmanuel Maldonado Lima | emmanuel.psico@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Maria Paula Hey | maria.paula100@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Jefferson Olivatto da Silva | jeffolivattosilva@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Educação Infantil; Estudos Étnicos-raciais; Antirracismo.

Resumo: O presente trabalho trata-se do relato de experiência da construção da fábula “O Sonho da Árvore Encantada”, ação que fez parte do projeto de extensão “O protagonismo das professoras da infância e as relações étnico-raciais: proposições lúdicas a partir de jogos, brinquedos, brincadeira e hora do conto”, que acontece no Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da Universidade Estadual de Londrina (UEL) (LAPEE-UEL). O livro objetiva uma estratégia lúdica de construção de uma educação afirmativa e antirracista, amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). É destinado a crianças de 4 e 5 anos, ofertando às professoras do ensino infantil uma alternativa de material didático que resgata a ancestralidade africana a partir de um mito de origem. Após pesquisa sobre o tema no acervo do Laboratório, utilizamos como método a construção coletiva a partir de desenhos, divididos entre cenários e personagens, sendo feitos e coloridos à mão. Assim, os elementos foram digitalizados, editados e diagramados conforme o enredo. As ilustrações compõem parte essencial da história, complementando a curta escrita de cada página, favorecendo o entendimento das crianças a qual o livro se destina. Discutir sobre antirracismo na infância permite a construção de uma lógica de enfrentamento baseada na prevenção. De forma lúdica, formas de identificação subversivas à realidade racista possibilitam o desenvolvimento infantil a partir da subjetivação afirmativa. A fins de conclusão, para além do contato com a manualidade e criatividade, o desenvolvimento do livro permitiu a ampliação dos conhecimentos da temática negra por parte dos integrantes do projeto. Do mesmo modo, a extensão deste para a comunidade visa a ampliação da discussão, que quando de maneira lúdica, é capaz de englobar a aprendizagem de crianças e, assim, contemplar a lei n. 10.639 de 2003 e n. 11.645 de 2008.

52. Promovendo a (auto)reflexão acerca da masculinidade hegemônica

Autor(es)/Apresentador(es):

Andriadni Brandt¹ | andriadni27@gmail.com

Maria Eduarda Kalckmann Winkert

Orientador/Co-autor:

Maria Eduarda Kalckmann Winkert¹ | dudakalckmann@hotmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Vinicius Gabriel Barros David¹ | vinicius.gabriel1706@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Maria Eduarda Yumi Tanaka Openheimer | maeduardayumi@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Aline Queiroz² | aline.atendimentopsico@gmail.com
Universidade Guarulhos

Marcos Rodrigo Gonzalez³ | Marcos.gonzales@descomplica.com.br
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica; Auto Reflexão; Papel social masculino.

Resumo: Existem as masculinidades hegemônicas, que são definidas como “um padrão de práticas que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell, 2013). A identidade masculina é construída no processo de socialização dos homens, que têm sobre si projeções e expectativas relacionadas à masculinidades hegemônicas, com características essenciais que atestam a masculinidade, como a necessidade de ser forte, independente e a censura implícita de sentir e de falar sobre suas emoções (Cuschinir; Mardegan, 2001 *apud* Musskopf, 2015). Diante desta problemática, foi realizado um projeto de 5 encontros com alunos homens do Centro Universitário União das Américas Descomplica, com objetivo geral: promover a reflexão acerca dos processos de construção da masculinidade e seus impactos na identidade masculina; objetivo específico: desmistificar o papel social masculino. O projeto reuniu 10 participantes, em sua maioria jovens brancos cisgêneros e heterossexuais. A avaliação de eficácia do projeto foi obtida por formulário anônimo na plataforma Google Forms, com questões fechadas e abertas. Os resultados demonstraram que os participantes reconhecem a influência das construções sociais sobre suas identidades, enfrentando dificuldades para expressar emoções devido às expectativas sociais, pois nos ideais de masculinidade hegemônica não há espaço para expressão, portanto, existe o constrangimento e o “medo de não serem aceitos dentro dessa mesma masculinidade que os molda” (Rice *et al.*, 2020 *apud* Matiello, 2021). As pré-concepções de masculinidade do grupo eram similares, com ideais hegemônicos de imagem, força, proteção, necessidade de prover etc., demonstrando que há modelos ideais de masculinidades e que esse público se empenha para se encaixar. Os resultados encontrados evidenciam que o público-alvo iniciou o processo de desconstrução de concepções hegemônicas da masculinidade e compreendeu que essas concepções causam pressão, relatando alívio ao compartilhar experiências e reflexões, demonstrando um resultado positivo.

¹ Acadêmicos do Curso de psicologia do Centro Universitário União das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná; ²Mentora, Psicóloga, Cascavel, Paraná; ³Especialista em Psicanálise Clínica, docente do Curso de psicologia do Centro Universitário União das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná.
E-mail: marcos.gonzales@descomplica.com.br

52. A conscientização racial por meio da disseminação de informações antirracistas: um relato de experiência extensionista

Autor(es)/Apresentador(es):

Marília Gabriela Mendes da Rocha | mariliamendesrocha@hotmail.com

Maria Eduarda Rocha da Silva

Orientador/Co-autor:

Maria Eduarda Rocha da Silva | mariaersrocha@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Pedro Bisacchi Lima | pedrobisacchilima@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Sylvia Mara Pires de Freitas | smpfreitas@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Nilson Lucas Dias Gabriel | nldgabriel@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Psicologia; Letramento racial; Inclusão.

Resumo: Considerando a pequena, mas crescente, presença das pessoas pretas no curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), e visando construir um letramento racial na comunidade interna e externa da universidade, o projeto extensionista “Consciência Racial: disseminar informações para o combate ao racismo” nasce como uma ramificação do Coletivo Negro de Psicologia da UEM (CONEPsi-UEM). Composto por quinze pessoas graduandas em Psicologia e orientado por dois professores do departamento do curso, o propósito do projeto é divulgar informações e materiais com temática racial, buscando desmistificar estigmas, discriminações e preconceitos. Suas ações se dão por meio da divulgação de conteúdos de forma digital e de atividades práticas, como palestras. A metodologia envolve o levantamento, compilação, estudo e divulgação, em meio virtual e físico, de materiais nas seguintes categorias: literatura, esporte, música, cinema e curiosidades. Todas as discussões elaboradas perpassam pela temática da raça. Dessa maneira, este trabalho visa apresentar e descrever as atividades desse projeto extensionista, a partir do relato de experiências, focando na atividade de divulgação e em palestras sobre a relação do mercado de trabalho e as populações marginalizadas, realizadas em um colégio público do município de Maringá-PR. Por meio das divulgações percebe que as redes sociais favorecem uma educação informal sobre questões raciais e as palestras favoreceram a conscientização de pessoas alunas a respeito das desigualdades presentes no mercado de trabalho, assim como o interesse acerca das políticas afirmativas existentes atualmente. Desse modo, considera-se a importância das discussões sobre a temática racial em diversos espaços e assuntos, visto que ao apresentar as formas de reparação das desigualdades promovidas pelas políticas públicas, pode-se promover a justiça social e recontar a história de diversas populações que, por muito tempo, foram marginalizadas.

53. Vozes Abafadas: grupo de apoio para famílias de pessoas com deficiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Eduarda Kalckmann Winkert¹ | dudakalckmann@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Andriadni Brandt¹ | andriadni27@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Vinicius Gabriel Barros David¹ | vinicius.gabriel1706@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Maria Eduarda Yumi Tanaka Openheimer¹ | maeduardayumi@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Jessica Gaspar da Costa³ | jessica.costa@descomplica.com.br
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Ana Cristina da Silva Alves² | psi.anacristinasalves@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Lissia Pinheiro Shataloff⁴

Palavras-chave: Cuidadores, Pessoas com Deficiência, Grupo de Apoio.

Resumo: Cuidadores de pessoas com deficiência podem se distanciar de si e criar internamente um papel resumido ao cuidado, anulando sonhos, desejos e sua saúde, negligenciando o autocuidado (Guerra *et al.*, 2015 *apud* Silva, 2020). Isso evidencia a necessidade de promover intervenções, como grupos de apoio, que propiciam suporte e acolhimento para os cuidadores, trocando vivências e dialogando acerca de suas dificuldades (Campos, 2005; Almeida, 2010 *apud* Teixeira; Oliveira, 2024; Vieira; Júnior, 2021 *apud* Silva *et al.*, 2023). Objetivo geral: promover um espaço de apoio e escuta ativa para familiares que cuidam de pessoas com deficiência. Objetivo específico: formar um grupo de apoio com familiares cuidadores de usuários da APAE. O projeto foi realizado na APAE, Foz do Iguaçu, com um grupo de quatro mulheres mães cuidadoras de pessoas com deficiência. Durante 4 encontros, foram abordados temas como autocuidado, redes de apoio, luto pelo filho ideal e sonhos e metas. Os resultados, obtidos por um questionário final e dados qualitativos dos encontros, indicaram que as participantes se sentiram acolhidas e que o projeto obteve sucesso em promover novas reflexões e fazê-las lembrarem de si; foi possível confirmar na prática a sobrecarga diária das cuidadoras e o consequente apagamento de suas subjetividades, dificultando a compreensão de que são sujeitos individuais que possuem suas próprias necessidades, emoções e desejos. Diversos estudos apontam que as mulheres são as que mais assumem o papel de cuidadora de familiares (Garbelini *et al.*, 2022), o que foi visto também neste projeto. O grupo propiciou o início do processo da compreensão da importância de olharem mais para si, demonstrando que a participação em grupos específicos pode ser uma intervenção relevante para cuidadores, auxiliando-os no enfrentamento de dificuldades, troca de experiências e crescimento mútuo (Câmara *et al.*, 2016).

¹Acadêmicos do Curso de Psicologia do Centro Universitário União das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná; ²Mentora, psicóloga clínica e facilitadora de grupos, Foz do Iguaçu, Paraná. União das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná; ³Especialista em neuropsicologia e avaliação psicológica, docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná. E-mail: jessica.costa@descomplica.com.br; ⁴Mestre, docente e coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário União das Américas Descomplica, Foz do Iguaçu, Paraná. E-mail: lissia.shataloff@descomplica.com.br.

54. Acessibilidade e Autoestima: uma perspectiva de pessoas com deficiência física

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Eduarda Kalckmann Winkert | dudakalckmann@hotmail.com
Andriadni Brandt

Orientador/Co-autor:

Angelita Venson de Bruns | angevenson@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica
Andriadni Brandt | andriadni27@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica
Agnes Elis Rahmeier Mafra | agneselis24@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica
Lucas Renato Rampim Latrônico | lucaslatronico23@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica
Leonardo Celoto de Assis | leonardo.celoto@gmail.com
Centro Universitário Descomplica Uniamérica

Palavras-chave: Pessoa Com Deficiência Física; Acessibilidade; Autoestima.

Resumo: Devido a construção histórica da (in)capacidade das pessoas com deficiência, elas ainda são estigmatizadas, vivenciando um preconceito denominado “capacitismo”. Pode ser devido ao capacitismo estrutural que apesar da Lei Brasileira de Inclusão, ainda existem diversos locais que não são acessíveis à pessoas com deficiência. A relação dessas pessoas com seu meio com barreiras que impedem sua plena participação social pode interferir na “noção do eu”, composto por percepções que o indivíduo tem de si, se formando a partir das experiências de cada sujeito (Rogers; Kinget, 1977). Esse construto também está relacionado com a autoestima, pois a autoestima é o julgamento e a valoração que o sujeito faz de si Rosenberg (1983). Objetivo geral: investigar a relação das barreiras arquitetônicas e urbanísticas com a autoestima da pessoa com deficiência física. Objetivo específico: relacionar a acessibilidade de Foz do Iguaçu e Curitiba com o nível de autoestima das pessoas com deficiência física residentes dessas cidades. Esta é uma pesquisa quantitativa com 47 participantes, com critérios de inclusão: pessoas adultas de ambos os gêneros, com alguma deficiência física que utilizem cadeira de rodas, residentes de Foz do Iguaçu e Curitiba. A coleta de dados, realizada pelo forms, incluiu um questionário sobre acessibilidade e a Escala de Autoestima de Rosenberg. A análise mostrou acessibilidade inadequada em ambas as cidades, apesar disso, os níveis de autoestima foram satisfatórios. Este resultado leva à hipótese que a sociedade neoliberal, com seu ideal de superação da deficiência, compele esses sujeitos à aquisição de resiliência para sobreviver ao ambiente hostil às diferenças corporais. Ressalta-se que não buscou-se invalidar os altos níveis de autoestima, mas provocar uma reflexão acerca da pressão neoliberal do meio, evidenciando a opressão advinda especialmente da exclusão das pessoas com deficiência pela falta de acessibilidade, não cabendo exigir que desenvolvam resiliência para sustentarem suas existências.

55. O corpo em movimento: uma proposta de escuta, acolhimento e práxis com mulheres na ocupação flores do campo em Londrina

Autor(es)/Apresentador(es):

Livia Maria Camilo dos Santos | limac62@hotmail.com

Palavras-chave: Sofrimento ético político; Afetividade; Beleza.

Resumo: O presente trabalho teve início em agosto de 2024 e se refere a ações realizadas na ocupação Flores do Campo, em Londrina, voltadas às mulheres da comunidade. A prática proposta neste trabalho tem como objetivo realizar um acolhimento breve e uma escuta atenta das mulheres que buscam ser ouvidas, pautando-se em uma abordagem dialética e crítica. Este modelo é articulado com uma visão histórica e social ampla, com um compromisso ético-político claro voltado às classes populares empobrecidas (VASCONCELOS, 1986 *apud* BENELLI, 2023, p. 170). Essa prática pode ser compreendida como uma clínica ampliada. Os encontros têm se realizado principalmente por meio de visitas domiciliares, nas quais é possível ouvir partes significativas de suas histórias de vida. Frases recorrentes como “Eu nunca contei isso pra ninguém”; “Aqui dá pra lembrar que nós existimos”; e “Eu nunca fui mulher, sempre fui empregada dele” revelam questões que se entrelaçam no corpo do trabalho. Essas expressões estão relacionadas, sobretudo, à sobrecarga que recai sobre os ombros das mulheres, que muitas vezes criam os filhos sozinhas, assumem toda a responsabilidade educativa e escolar e ainda precisam garantir o sustento da casa. Outra direção desse trabalho consiste na realização de eventos pontuais, como o “Dia da Beleza”, ocorrido em dezembro de 2024. Nesse evento, proporcionou-se às mulheres da comunidade um momento de autoestima, reconhecendo que muitas enfrentam desafios diários, como a falta de itens básicos de higiene, como shampoo e condicionador. Esse tipo de ação tem se mostrado uma forma de fortalecer os afetos de alegria, contribuindo para o aumento da potência de ação do corpo e de pensar da mente. A proposta metodológica baseia-se no reconhecimento do sujeito para além de um processo de marginalização e precariedade, fundamentando-se no sofrimento éticopolítico (SAWAIA, 2001), na psicologia sócio-histórica de Vigotski e na filosofia espinosana. Ela propõe uma prática cotidiana, na qual o afeto é trazido para o centro das relações entre os sujeitos. Ao ampliar a potência do corpo por meio do autocuidado, como no “Dia da Beleza”, e permitir que a mulher se veja no espelho sob uma nova perspectiva, ela também reflete positivamente em sua alma. Nesse processo, mente e corpo são compreendidos como uma relação simultânea e inseparável e é nesse ponto que reside a aposta numa práxis em psicologia calcada na materialidade, no cotidiano e na concepção do psiquismo enquanto uma construção dialética entre corpo e mente, razão e emoção; objetividade e subjetividade.

56. Sustentabilidade e a Conta  o de Histórias Afro-brasileiras, Africanas e Indígenas

Autor(es)/Apresentador(es):

Jefferson Silva | jeffolivattosilva@uel.br

Sophia Maria Donatto Jachstet

Orientador/Co-autor:

Eloisa Miranda Lima | eloisa.miranda@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Luiz Henrique dos Reis Souza | luiz.henrique.reis@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Sophia Maria Donatto Jachstet | sophia.donatoo@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Vivian Yuki Manchini Ogawa | vivian.yuki.ogawa@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Daniel Yukio Oliveira Miasato | Danielmiasato@edu.unifil.br

Centro Universitário Filadélfia (UniFil Londrina)

Palavras-chave: Educa  o Infantil; Educa  o   tnico-Racial; Valores Civilizatórios.

Resumo: Em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, este projeto financiado pela Itaipu Parquetec, propõe a implementa  o e avalia  o de uma forma  o continuada, que articula a sustentabilidade, fortalecendo a rela  o entre universidade e secretarias municipais da região. Partindo da premissa de que a sustentabilidade se configura como um processo dinâmico de constru  o de práticas sociais e econômicas que visam promover o bem-estar e a justiça social, o projeto se fundamenta na metodologia inovadora das Constela  es de Aprendizagem (SILVA, 2018; SILVA; ALMEIDA; DIAS, 2023). Para tanto a realiza  o ocorrerá em quatro módulos formativos (Mitos de Origem, Reinos, Valores Civilizatórios e Resistências), cada um com 25 horas de atividades presenciais e práticas pedagógicas a serem desenvolvidas pelos cursistas. A equipe interdisciplinar e interinstitucional do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da UEL (Lapee-UEL), composta por bolsistas de gradua  o, estudantes voluntários de extensão e pós-graduandos em áreas afins,    responsável pela condu  o do projeto, como a confec  o de materiais didáticos, ferramentas lúdicas, a promo  o de encontros e reuniões com autores e profissionais da área que posteriormente serão utilizados como ferramentas na forma  o das professoras da rede de ensino infantil do Paraná. Para garantir a abrangência e representatividade do projeto, seis municípios da Região Metropolitana de Londrina inseridos na Bacia Hidrográfica do Baixo Tibagi foram selecionados, considerando suas heterogeneidades populacionais, étnico-raciais, números de escolas e distribui  o geográfica. As seis cidades selecionadas (Apucarana, Arapongas, Ibitop  r  , Jataizinho, Porecatu e Sertaneja) com aproximadamente 69 CMEIs. A forma  o será realizada de forma virtual, com acompanhamento por meio de visitas técnicas ao longo de sua execu  o. Essa flexibilidade permite a participa  o de um número maior de cursistas, além de facilitar o acesso    informa  o e ao conhecimento para uma educa  o sustentável, antirracista e afirmativa.

57. O protagonismo das professoras da infância e as relações étnico-raciais: Proposições lúdicas a partir dos jogos, brinquedos, brincadeiras e hora do conto

Autor(es)/Apresentador(es):

Jefferson Silva | jeffolivattosilva@uel.br

Daniel Yukio Oliveira Miasato

Orientador/Co-autor:

Luiz Henrique dos Reis Souza | luiz.henrique.reis@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Eloisa Miranda Lima | eloisa.miranda@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Sophia Maria Donatto Jachstet | sophia.donatto@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Vivian Yuki Manchini Ogawa | vivian.yuki.ogawa@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Daniel Yukio Oliveira Miasato | danielmiasato@edu.unifil.br
Centro Universitário Filadélfia | UniFil Londrina

Palavras-chave: Histórias Infantis; Educação Étnico-Racial; Valores Civilizatórios.

Resumo: O protagonismo das professoras da infância e as relações étnico-raciais: Proposições lúdicas a partir dos jogos, brinquedos, brincadeiras e hora do conto. Este projeto tem como escopo promover, implementar e avaliar as contribuições, de um programa de formação continuada e fortalecimento do protagonismo das professoras paranaenses, de crianças pré-escolares, para a educação das relações étnico-raciais, por meio de práticas lúdicas em municípios com baixo índice de desenvolvimento humano municipal IDH-M (IPARDES, 2019) do estado do Paraná/Brasil. em busca da interpretação dos dados quali-quantitativos coletados propõe-se a correlação entre o protagonismo feminino, a diversidade étnico-racial, as atitudes antirracistas e as práticas lúdicas, configurando seu foco de intersecção para a prática pedagógica docente na pré-escola. os dados são compostos de elementos sobre a formação inicial e continuada por meio de formulários (Google Forms) e a trajetória de aprendizagem por portfólios digitais relativos à intervenção pedagógica em módulos, com enfoque na matricentralidade africana e afro-brasileira. O desenvolvimento dos módulos do programa de formação será orientado por quatro áreas temáticas: Mitos de origem, reinos, valores civilizatórios e resistências, nas quais serão desenvolvidas ferramentas lúdicas como jogos, brincadeiras e histórias que auxiliem as professoras a trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula. Busca-se com esse projeto a viabilidade pedagógica de incorporação de práticas pedagógicas afirmativas, antirracistas e dialógicas na ação docente da primeira infância em vista do desafio de compreensão do papel do imaginário e da ludicidade no desenvolvimento humano. Além disso, há a possibilidade de que os estudantes bolsistas (Fundação Araucária) e de pós-graduação vinculados ao Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional (LAPEE-UEL) tenham uma oportunidade formativa implicada na preparação, acompanhamento, execução e análise do projeto com ênfase no empoderamento das professoras pelo ensino das relações étnico-raciais.

57. A importância do acolhimento ao migrante na inserção sociocultural

Autor(es)/Apresentador(es):

Fernando Vanalli | fernandovanalli@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Mariane Ranzani Ciscon-Evangelista | mariciscon@gmail.com
UNICESUMAR

Palavras-chave: Migrantes; Acolhimento institucional e inserção.

Resumo: Os migrantes cresceram exponencialmente em Maringá devido às transformações do cenário político universal. Pensando nisso, em 2021, foi criada na Diretoria de Ações voltadas à Cidadania, a Gerência de Migrantes, para pensar em políticas públicas como, o Centro de Referência e Acolhimento ao Imigrante (CRAI), voltado para garantir os direitos e atender às necessidades de famílias migrantes vulneráveis priorizando as com crianças. São implementadas medidas de assistência e intervenção, atendendo às necessidades de acomodação, alimentação, orientações sobre direitos e serviços. Seu objetivo é acompanhar as famílias levando a uma reintegração social e cultural, para que as capacidades e a qualidade de vida das famílias se traduzam na concretização de seus direitos humanos, além de estimular a autonomia e o controle pessoal dos migrantes. Michele Vatz Laaroussi (2022), destaca que a falta de compreensão entre duas culturas diferentes gera uma tensão linguística, cultural, política, religiosa e geográfica. Ela lembra da importância da mediação intercultural no acolhimento de migrantes e refugiados, pois oferece o desenvolvimento de competências adequadas a diversas demandas. No CRAI já passaram 51 famílias, todas com suas histórias marcantes, destaco uma família de venezuelanos com quatro filhos, violentados no Peru, atravessaram para o Brasil chegando até Rondônia, sendo informados da Gerência de Migrantes em Maringá. Dividiram-se e vieram de carona até Maringá, passaram a noite na praça. Chegando ao meu conhecimento, reuni a equipe desafiando-nos a acolhermos aquela família mesmo sem os recursos, que chegaram posteriormente. Essa família permaneceu três meses no CRAI, hoje são independentes, possuem moradia, pai e filho possuem a própria empresa. Durante o acolhimento, às famílias obedecem a um regimento interno com direitos e deveres, e podem usufruir de regularização documental, acesso à educação, trabalho, saúde, assistência social e psicológica. Sendo assim, a Gerência é de fundamental importância aos migrantes que chegam nessa cidade.

58. A Comunicação Não Violenta como potência transformadora na adolescência: experiência com jovens que cometeram ato infracional

Autor(es)/Apresentador(es):

Izabela Zampier dos Santos Lima Marach | bela_zampier@yahoo.com.br

Palavras-chave: Comunicação não-violenta; Atendimento psicossocial; Adolescência.

Resumo: A Comunicação Não-Violenta (CNV) no atendimento individual e em grupo de jovens e adolescentes que cometeram ato infracional visa promover uma abordagem empática e respeitosa, criando um espaço de diálogo na qual esses jovens possam expressar suas emoções, necessidades e dificuldades sem medo de julgamento. O objetivo principal é apresentar a importância em proporcionar uma forma de comunicação que favoreça a autorreflexão, a compreensão de seus próprios sentimentos e a resolução pacífica de conflitos, com adolescentes que cometeram ato infracional. Será apresentado como relato de experiência o uso da CNV no atendimento psicossocial, que envolve a escuta ativa e o profissional se coloca como mediador e facilitador, ajudando o adolescente a identificar e nomear suas emoções e necessidades. A prática inclui exercícios de escuta, observação e expressão de sentimentos sem culpabilização, além de ações que promovem a responsabilidade pessoal. A discussão sobre o uso da CNV com jovens que cometeram ato infracional destaca a importância de uma abordagem que vá além da punição, enfocando a construção de vínculos de confiança e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, fundamentais para reduzir a reincidência e promover a mudança de comportamento. A CNV contribui para desarmar a hostilidade, facilitando o processo de reintegração e auxiliando no resgate da autoestima e no fortalecimento das relações familiares e sociais. Em suma, a CNV se revela uma abordagem eficaz e transformadora no atendimento psicológico de jovens que cometeram ato infracional, pois permite uma comunicação construtiva e promove a reflexão sobre ações e escolhas, contribuindo para um processo de mudança mais humanizado e eficaz.

59. Ecos do histórico de institucionalização de pessoas com deficiência

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabriela Garcia Juan Tavares | Psicóloga no Setor de Atendimento Psicosocial do Departamento dos Direitos da Pessoa com Deficiência | SGM/PMC | gabtavares@curitiba.pr.gov.br | CRP-08/31507

Isabela Wynnek dos Santos de Souza

Pedro Morais Gomes

Orientador/Co-autor:

Isabela Wynnek dos Santos de Souza | Estudante de Psicologia do 8º período da Universidade Federal do Paraná (UFPR) | isabela.wynnek@ufpr.br

Dharlla Hakim Tarouco Gonçalves | Estudante de Psicologia do 9º período da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) | dharllapsi@gmail.com

Pedro Morais Gomes | Estudante de Psicologia do 10º período da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) | pedromoraismgomes02@gmail.com

Desiree Dias | Estudante de Psicologia do 10º período da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) | desireedias.arq@gmail.com

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Institucionalização; Acolhimento institucional.

Resumo: Os diálogos sobre a inclusão de pessoas com deficiência favoreceram a elaboração de aparatos legais que versam sobre a garantia de seus direitos. Entretanto, na prática, a medida de acolhimento institucional ainda é colocada como principal estratégia protetiva. Essa cultura de institucionalização de pessoas com deficiência prejudica a efetivação do direito à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Sendo assim, este estudo tem como objetivo demonstrar os ecos do histórico de institucionalização de pessoas com deficiência, evidenciando como essa prática perpetua desigualdades e exclusões. Para isso, este trabalho adota uma abordagem qualitativa utilizando-se de revisão bibliográfica e estudos de caso como estratégias metodológicas. Em conclusão, destaca-se o dever ético que a Psicologia possui em assumir uma perspectiva anticapacitista, em defesa do direito à diferença, rompendo com o lugar histórico de institucionalização e asilamento das pessoas com deficiência.

60. Colonialidade e padrões postos como ideal em questão: desafios para a prática multiprofissional

Autor(es)/Apresentador(es):

Andressa Pires Martins Santana | andressapiresmartins@hotmail.com
Silvana Vieira de Oliveira

Orientador/Co-autor:

Silvana Vieira de Oliveira | silvanav2011@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Thais Eduarda Miranda Moreira | thaismm200201@gmail.com
Centro Universitário Cidade Verde

Palavras-chave: Atendimento multiprofissional; Antiracismo; Decolonialidade.

Resumo: O processo de colonização no Brasil, imprimiu tanto nos nativos quanto aos negros aqui trazidos para serem escravizados, a ideia do homem padrão, sendo homem branco, hétero e cristão como o 'ser ideal' aos olhos do mundo e de Deus único, punitivo que só respaldava esse 'ser ideal'. Diante desse ideal, todas as bárbaries foram cometidas e ainda podemos identificar na atualidade (BALLESTRIN, 2013). Esses conceitos afetaram e afeta o povo preto ainda hoje, onde identificamos pessoas negras à margem, com o pensamento de belo, culto e de que tudo relacionado a sua cultura é pejorativo. Na busca por esse ideal e à margem dessa sociedade com seus estereótipos, só resta à essa parcela da população sair da bolha e refutar os conceitos estabelecidos, revisitando a cultura de seus ancestrais, se reconectando com os saberes, valores e crenças, do contrário continuaremos reproduzindo o que foi posto de forma violenta e repassando para gerações futuras esse ideal. Resta ao povo negro, esse lugar de subalternidade onde são considerados, feios, violentos, "cidadão suspeito", hipersexualizados, que só servem para servir e aumentar os lucros do violentador através do encarceramento em massa, que apresenta com uma roupagem a tão velha e conhecida escravidão. Esta compreensão do contexto histórico, econômico e psicossocial faz-se de fundamental importância para atuação das equipes multiprofissionais no atendimento às pessoas e famílias atendidas nas diversas áreas das Políticas Públicas, uma vez que as vivências e histórias pessoais desses indivíduos são atravessadas por tais reverberações e herança histórica-social. Trazemos nosso relato de experiência enquanto equipe técnica do CREAS de um município do Paraná, onde acompanhamos pessoas e famílias em situação de risco e vulnerabilidade. Uma leitura crítica sobre nossa história brasileira, faz-se essencial para uma postura de atendimento horizontal, respeitosa, antiracista e decolonial em defesa intransigente aos Direitos Humanos.

61. Relações de gênero em território popular: liderança feminina e rede de apoio na ocupação Vila Graciosa

Autor(es)/Apresentador(es):

Heloisa Albano Perotoni | heloisaperotoni@hotmail.com

Alice Helena Lescovitz Rodrigues

Orientador/Co-autor:

André Bakker da Silveira | andre.bakker@mail.fae.edu

FAE Centro Universitário

Erik Henrique Gonçalves Comegno | erik.henrique.comegno@gmail.com

FAE Centro Universitário

Mariane Panek | marianepanekpsi@gmail.com

Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR)

Raquel Olímpio de Faria | raquel.televendas@gmail.com

Associação de Moradores da Comunidade Ecológica Chácaras Graciosa

Palavras-chave: Gênero; Território Popular; Liderança Feminina.

Resumo: O Relato de Experiência busca conectar a teoria acadêmica com a realidade de mulheres que equilibram seus papéis como trabalhadoras, mães, militantes e líderes comunitárias. O estudo busca conhecer a liderança de Raquel Olímpio de Faria na Comunidade Ecológica Chácaras Graciosa, em Pinhais (PR). O trabalho foi realizado na disciplina Laboratório de Sexualidade Humana, do 4º período da FAE Centro Universitário, sob orientação da professora Consuelo de Almeida Fernandes e da psicóloga comunitária Mariane Panek e teve como objetivo ouvir e relatar as experiências das mulheres da comunidade utilizando uma abordagem freireana que considera fatores como história, território, meio ambiente, política, raça, classe e gênero. De maneira coletiva, foi organizada uma roda de conversa com o objetivo de criar um espaço seguro para fortalecer os vínculos entre a liderança e sua rede de apoio.



INQUIETAÇÕES TEÓRICAS



1. As Psicologias: Comunitária, da Saúde, Hospitalar e das Emergências e dos Desastres - conversações

Autor(es)/Apresentador(es):

João Eduardo Cordeiro Pereira | joaoeduardocordeiopereira@gmail.com

Palavras-chave: Psicologias; Psicologia das Emergências e dos Desastres; Intervenção Social.

Resumo: Hodiernamente, já se considera maior consenso acadêmica e assistencialmente o conceito de saúde, sua prática e definição em condições mais integrais e universais. Devido, ao empuxo da esfera social inclusive, enquanto determinante de fontes, ou de modos possíveis de tratamento, como uma possível retomada da intervenção baseada na tradição, a depender de cada ótica comunitária, por exemplo. Momento, onde saber e prática psicológicos podem configurar-se importantes atores e desenvolvedores de saúde, ação concretamente vista nas atuais intervenções da Psicologia das Emergências e Desastres. Objetiva-se expor e ampliar a discussão quanto a atual possibilidade e evidência de relações entre as Psicologias Comunitária, da Saúde, Hospitalar, das Emergências e dos Desastres. A partir da proposta teórica-metodológica de Taylor (1987) referente a inovadora classificação de vítimas em tragédias em níveis distintos, associada a subsequente ideação intervencionista chamada por pirâmide das intervenções de saúde mental e apoio psicossocial em situações de emergência (IASC, 2007), buscar-se-á explorar as interfaces entre as Psicologias aqui em questão. Assim, objetivando verificar as maiores convergências teórico-práticas entre elas. Nessa lógica, verifica-se a premência crescente da observação, considerando a intensidade da afetação do meio social multifacetado, tanto quanto da potencialidade do mesmo enquanto motor de tratamento em seu local. Logo, espera-se a ampliação e a cientificização desta perspectiva, assim como a inovação e trocas de saberes. Em suma, felizmente - ao menos parcialmente -, pode-se já verificar-se sim avanços quanto às inter-relações entre os campos de saberes interventores de saúde, assim como entre as especialidades da Psicologia. Fato que torna a ideia da sustentabilidade cultural gradativamente viável, considerando-se o lócus de muitas tragédias e emergências. E também o potencial interventor de seu território e comunidade, podendo serem estes reconhecidos para muito além do que meras vítimas da mesma, almeja-se.

2. Letramento racial crítico segundo a representação feminina na literatura infantil: um olhar para as escrevivências das protagonistas no combate ao “imaginário brasileiro”

Autor(es)/Apresentador(es):

Fernanda Alves de Lima | Fernanda.alves18@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Orientador/Co-autor:

Jefferson Olivatto da Silva | jeffolivattosilva@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Letramento; Étnico-Racial; Literatura.

Resumo: Em uma sociedade na qual a educação tende a priorizar valores hegemônicos em detrimento de outros, corrobora-se para a discriminação racial em processos educacionais infantis. Com o objetivo de investigar histórias infantis e infanto-juvenis que abordem a questão étnico-raciais segundo a representação feminina para um letramento racial crítico, esta pesquisa teve em vista a parcimônia de seus fundamentos no processo de aprendizagem e construção de identidade da mulher negra. Para isso, seguindo a metodologia desta pesquisa qualitativa de natureza básica, foi realizada sua elaboração a partir de etapas de, levantamento bibliográfico de literaturas que apresentassem escrevivências de intelectuais negras, bem como a análise de obras infantis. Em seguida, foi feita a análise crítica da contribuição dessas histórias estudadas em conjunto com as ações no projeto de extensão “O protagonismo das professoras da infância e as relações étnico-raciais”, da UEL, no qual elencamos obras que entrelaçassem a temática étnico-racial e de gênero. Após os levantamentos foram selecionadas 4 histórias representativas deste processo de pesquisa, considerando o ano escolar e estratégias de ensino necessárias para o letramento racial. Para além disso, foram feitas análises através das Constelações de Aprendizagem teorizada por Olivatto (2016) sobre escrevivências. Dito isso, teve-se como resultado que literaturas como, *Cabelindo* de Teles e *Betina* de Nilma Lino, são exemplos de literaturas que expressam questões que abordam a valorização da negritude e ancestralidade, bem como valores civilizatórios afro-brasileiros. Consequentemente, ao falarmos de uma literatura afro-brasileira, a articulação dessas aprendizagens possibilita a pessoa negra ser e sentir-se pertencente à sociedade. Nesses termos, o letramento racial é caracterizado por diferentes elementos que compõem a história infantil, apoiados em símbolos e signos apresentados na literatura, para a construção do imaginário e do desejo de resgatar uma memória ancestral capaz de ser passada ao leitor no contato com a formação lexical da obra. Para o futuro, deixando em segundo plano as marcas e características únicas da criança presente.

3. Decolonizar a socioeducação pelas imagens: um chamamento à Psicanálise

Autor(es)/Apresentador(es):

Bruna Maria de Souza | brunaa_ms@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Rose Gurski | Universidade de São Paulo (USP)

Palavras-chave: Socioeducação; Imagens; Psicanálise.

Resumo: Decolonizar a política socioeducativa, é possível? Pensar numa certa decolonização da socioeducação implica em pensar suas práticas e a própria concepção de socioeducação. A aposta deste trabalho é realizar tal movimento pela via da escuta psicanalítica de imagens feitas por adolescentes que cumprem a Liberdade Assistida (LA). Nesse sentido, a pesquisa psicanalítica tem uma especificidade metodológica: valorizar a transferência do pesquisador com o campo. No caso deste trabalho, isso se deu através do uso dos diários de experiência, um dispositivo de registro da experiência no campo construído a partir das premissas da ética psicanalítica que incluem o registro do que as imagens dos adolescentes evocam no pesquisador. As imagens foram produzidas nas Rodas das Imagens, outro dispositivo trabalhado na pesquisa com o objetivo de escutar os adolescentes em cumprimento da LA. Entendemos o trabalho de escuta das imagens como um modo de decolonizar saberes dominantes e hegemônicos, isso a bem de escutar e repensar estereótipos e julgamentos no campo da adolescência e da socioeducação. O movimento decolonial na socioeducação pode nos ajudar a escutar e considerar muito mais quem a cumpre. É importante que os adolescentes tenham protagonismo na política da qual eles são os beneficiários. É na tentativa de ir à contrapelo da hegemonia de saber sobre a Socioeducação que recorreremos aos diários de experiência. Em seus registros, temos a possibilidade de escutar sujeitos historicamente silenciados não apenas na política socioeducativa, mas em toda a estrutura política brasileira.

4. As raízes da meritocracia: a relação entre o discurso branco e o acesso ao ensino superior

Autor(es)/Apresentador(es):

Isabele da Costa Lourenço | lourencoisabele0@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Mariane Aparecida Vilas Boas Ferreira | mavilasbferreira@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Meritocracia; Ensino Superior; Cotas Raciais.

Resumo: A ideologia que assegura a hierarquia e o não questionamento das estruturas racistas no Brasil repercute nas instituições educacionais de modo implícito por meio de discursos hegemônicos propagados nos meios sociais, resultando na falsa noção sobre o que é ser negro e, conseqüentemente, dificultando a ascensão dos mesmos dentro da sociedade, especialmente no que se refere ao acesso a educação. Diante disso, tem-se como objetivo principal questionar os motivos de interdição do acesso de estudantes negros ao ensino superior público, sobretudo os discursos relacionados ao mito da meritocracia. Além disso, tem-se como objetivos específicos investigar os modos pelos quais estes discursos impactam diretamente no ingresso e permanência das pessoas pretas no ensino, questionar a culpabilização da pessoa preta pelo seu “fracasso escolar” nesse processo, relacionando os impactos causados pela não aceitação de cotas e denunciar a formação em psicologia na Universidade Estadual de Maringá. A pesquisa possui caráter bibliográfico, buscando discutir a relação do ingresso dos alunos negros no ensino superior e a não efetivação das políticas de cotas com a herança escravocrata brasileira, através do estudo de artigos científicos e análise dos documentos referentes às regulamentações de ensino para problematizar de que modo a ideia de meritocracia pode estar construída a partir do modo de subjetivação branco. Os resultados apontam para a necessidade de romper com discursos que propagam ideologias hierárquicas e meritocráticas, que contribuem, através de mecanismos linguísticos, para a exclusão de minorias em espaços tidos como universais. Além disso, as reflexões propostas discutem como a psicologia concebe os cuidados e estudos de autores negros, e como se dá a formação de psicólogos durante a graduação. Em suma, busca-se por meio desta trazer visibilidade às questões raciais no ambiente acadêmico, a fim de propor uma mudança no pensamento hegemônico presente nas Universidades, sobretudo, no curso de psicologia.

5. Notas sobre a descolonização da avaliação psicológica na prática clínica

Autor(es)/Apresentador(es):

Marcos de Jesus Oliveira | oliveiramark@yahoo.com.br

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Psicologia clínica; Colonialidade.

Resumo: O objetivo do presente trabalho é contribuir para os debates sobre a descolonização da avaliação psicológica na prática clínica através de reflexões que ensejem uma práxis liberatória. Para tanto, partimos da hipótese segundo a qual a avaliação psicológica é uma relação social e, como tal, pode reproduzir - e, de fato, reproduz - preconceitos e discriminações de várias ordens. Os argumentos que sustentam a afirmação são apresentados a partir de um conjunto de evidências retiradas principalmente de experimentos em psicologia social sobre julgamentos clínicos e de uma leitura crítica da história da psicologia. Na sequência, aprofunda-se o aspecto já destacado, a saber, a de que a avaliação psicológica na prática clínica é uma relação social, pelo escrutínio das possíveis incidências da colonialidade como uma estrutura de poder que, desde a constituição histórica da psicologia moderna, atravessa e condiciona seu labor teórico. No interior dessa segunda parte da discussão, o conceito de estereótipo será proeminente, pois, na perspectiva pós, de ou contra-colonial, ele é fundador de hierarquias raciais, de diferenças legitimadoras de exclusão, opressão e violência. A título de considerações finais, defende-se que a operacionalização do conceito de estereótipo pode ser uma ferramenta útil à descolonização dos julgamentos clínicos no processo de avaliação psicológica.

6. Psicologia e Anticolonialismo: Uma Prática de Libertação

Autor(es)/Apresentador(es):

Iana Ferreira dos Santos¹ | ianacol@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Nilson Lucas Dias Gabriel² | nldgabriel@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Psicologia Decolonial; Libertação; Justiça Social.

Resumo: Este artigo analisa criticamente o impacto das epistemologias coloniais na Psicologia tradicional e propõe alternativas decoloniais para a construção de práticas psicológicas inclusivas e voltadas à justiça social. Fundamentado nos trabalhos de Frantz Fanon e Ignacio Martín-Baró, o estudo demonstra como modelos eurocêntricos desconsideram contextos culturais específicos, perpetuando exclusão e opressão. A partir de uma revisão bibliográfica e análise interdisciplinar, são discutidas abordagens como a Psicologia comunitária e decolonial, destacando a necessidade de incorporar saberes locais. O artigo conclui que a Psicologia, ao adotar perspectivas críticas e decoloniais, pode atuar como ferramenta de libertação e empoderamento, contribuindo para a superação de traumas históricos e a valorização da diversidade cultural.

¹ Psicóloga. Especialista em Avaliação Psicológica. E-mail: ianacol@gmail.com;

² Psicólogo. Docente – UEM. Mestre em Psicologia. E-mail: nldgabriel@uem.br;

7. Por uma Ética de Experimentação na Pesquisa em Psicologia: Saberes Locais, Relações de Poder e Produção Coletiva

Autor(es)/Apresentador(es):

Ruth Piveta | ruthpiveta@yahoo.com.br

Palavras-chave: Epistemologia; Relações de poder; Saberes localizados.

Resumo: Neste trabalho, discutimos outros modos de produção de saberes na psicologia, tensionando a relação hegemônica do fazer científico. Apostamos na ideia de que pesquisar implica lançar-se em universos discursivos, afetivos e políticos, exigindo deslocamentos epistêmicos e metodológicos, além de uma análise minuciosa dos efeitos das práticas científicas no tecido social. Entendemos a pesquisa como um campo de tensionamento de forças, de problematizações sobre os cotidianos e suas múltiplas conexões. Desde essa compreensão, interrogamos: como produzir relações outras a partir do lugar de pesquisadores? Faz-se necessário deslocar o pensamento dos ideais e das noções explicativas recorrentemente tomadas como incontestáveis, para pensar desde a multiplicidade de vetores que forjam a vida e a subjetividade. Faz-se necessário situar e historicizar o sujeito e suas relações, inclusive quem pesquisa, e experimentar coletivamente formas alternativas de produzir conhecimento, e situar as localizações interseccionais de quem pesquisa, e também de quem ou de que se pesquisa, entendendo que estes lugares estão em constante negociação e compõem as tramas das relações de poder em circulação. Nos alinhamos às discussões das epistemes feministas, das leituras decoloniais e da filosofia da diferença, que nos provocam pensar a pesquisa como espaço de afetações, encontros e saberes localizados e parciais, e nos convocam a propor outras paisagens, em nome da produção de saberes sem pretensões de totalização, desde uma perspectiva parcial, e de uma objetividade e um rigor aliados à impossibilidade de total previsão e de neutralidade. Neste sentido, propomos à pesquisa em psicologia uma ética de experimentação com a intensidade, que afirme a vida enquanto fluxo ininterrupto de conexões e produções. Uma ética que parta da coletividade, da relacionalidade, e da proposição de novas conexões entre teoria e prática, promovendo um rigor alinhado à diferença como constitutiva da vida, considerando que pesquisar é se importar com o mundo que coabitamos.

8. Mulher trans em situação de rua e violência: uma abordagem interseccional das vulnerabilidades

Autor(es)/Apresentador(es):

Mable Vitória Mosconi Andrade¹ | psi.mablemosconi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Tânia Maria Gomes da Silva² | tania.gomes@unicesumar.edu.br
UNICESUMAR

Palavras-chave: Direitos Humanos; Gênero, Promoção da Saúde.

Resumo: O Brasil é reconhecido internacionalmente pela alta incidência de violência à população LGBTQIA+, situação agravada pela subnotificação. Ativistas de direitos humanos têm denunciado as agressões e buscado promover proteção a estes grupos. O objetivo desta pesquisa foi conhecer a experiência de uma mulher trans em situação de rua, em um município de porte médio, no Estado do Paraná, Sul do Brasil. O contato se deu com a ajuda de profissionais do Consultório de Rua (CnR); equipe multidisciplinar de saúde. A abordagem foi qualitativa, exploratória de fonte primária e na modalidade da história oral. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e interpretadas segundo a análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que mulheres trans em situação de rua se encontram numa posição em que aspectos de gênero, sexualidade, classe e território se somam para potencializar vulnerabilidades; que o uso de drogas aumenta a marginalização; que o rompimento dos vínculos familiares e da rede de amigos, potencializam as dificuldades, dificultando a saída das ruas. O trabalho de campo apresentou complexidades éticas e metodológicas que exigiram cuidado dos pesquisadores. Espera-se que este estudo promova um olhar mais humanizado sobre pessoas fora do modelo normativo de sexualidade, especialmente em situação alta vulnerabilidade, como a vivência nas ruas, permitindo ações de acolhimento e cuidado que levem em conta as especificidades dos sujeitos/as.

¹ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da Unicesumar, campus de Maringá. Bolsista do Instituto Cesumar de Tecnologia, Ciência e Inovação (ICETI);

² Doutora em História social. Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. Bolsista produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Tecnologia, Ciência e Inovação (ICETI).

9. Eco-ansiedade na Psique e Desenvolvimento Emocional dos jovens na era do Colapso Ambiental

Autor(es)/Apresentador(es):

Larissa Ferreira¹ | lari.alf@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Thereza Cristina de Arruda Salomé D'Espíndula² | therezad@fesppr.edu.br
Fundação de Estudos Sociais do Paraná (FESP-PR)

Palavras-chave: Eco-ansiedade; Crise ambiental; Infância & adolescência.

Resumo: A emergência de eventos climáticos e desastres ambientais na época presente, também teorizada como Antropoceno, é elemento de crescente preocupação no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial, físico e neurológico das crianças e adolescentes. A partir desta premissa, este trabalho propõe explorar os impactos da exposição ao contexto ambiental contemporâneo, com enfoque nas implicações indiretas sobre a população jovem, utilizando dos recursos disponíveis na literatura até então. A primeira etapa deste estudo visa contextualizar o cenário atual das mudanças climáticas, suas repercussões na saúde mental e o particular perfil de vulnerabilidade dos jovens entre 8 e 25 anos. Nesta etapa, são descritas as respostas comportamentais e eco-emoções identificadas na literatura. Segue-se, então, para a elaboração dos mesmos sobre o subjetivo da criança e do adolescente, dispondo de dados estatísticos e observação. Embora haja limitações na causalidade de respostas mal-adaptativas e práticas ecossustentáveis, os dados explorados evidenciam a importância da ecologia e psicologia enquanto ciências conjuntas para a otimização de políticas de saúde pública e podem indicar respostas emocionais e comportamentais relevantes para a condução de estratégias de tratamento psicológico.

¹ Graduanda em Psicologia pela Fundação de Estudos Sociais do Paraná;

² Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense, especialista em Bioética, e mestre em Filosofia e em Bioética pela PUC/PR. Atualmente parte do corpo docente na Fundação de Estudos Sociais do Paraná – FESP/PR.

10. Relações entre racismo, colonialismo e necropolítica sob a perspectiva crítica da psicanálise

Autor(es)/Apresentador(es):

Thiago Pereira de Carvalho | thiagopereiradec@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Bruno Souto Cardoso | brunoba123@gmail.com

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Willian Mac-Cormick Maron | willian.mccormick@gmail.com

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Palavras-chave: Psicanálise; Racismo; Colonialismo.

Resumo: Temas como racismo, colonialismo, decolonização e valorização de saberes locais têm sido pouco difundidos no campo intelectual, sobretudo dentro da psicologia e psicanálise. Nesse sentido, objetiva-se trazer a discussão em torno desta temática na tentativa de dissolver o atual epistemicídio, utilizando como método qualitativo para a fundamentação da revisão bibliográfica, esmiuçando termos como racismo estrutural, narcisismo das pequenas diferenças, complexo de Édipo e clínica decolonial. Os resultados indicaram que a psicanálise tradicional, por estar enraizada em uma visão eurocêntrica, possui limitações na escuta de sujeitos racializados, podendo reproduzir exclusões e violências epistêmicas. Destaca-se a necessidade de uma abordagem decolonial que incorpore saberes indígenas e afrodiaspóricos, ampliando o campo clínico, gerando questionamentos sobre a subjetividade construída em torno da humanidade ocidental, possibilitando a desconstrução de hierarquias raciais, para que se promova uma clínica antirracista sensível as individualidades, valorizando diferentes epistemologias e modos de sofrimento psíquico historicamente marginalizados.

11. América Latina: Políticas Públicas e o cuidado em saúde mental

Autor(es)/Apresentador(es):

Marcos Aparecido Vieira Junior | ma.vieira@unesp.br

Natália Aparecida Barzaghi

Orientador/Co-autor:

Natália Aparecida Barzaghi | natalia.barzaghi@unesp.br

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL Assis)

Palavras-chave: Saúde Mental; Políticas Públicas; América Latina.

Resumo: A história da implementação das políticas de saúde mental na América Latina, no seio da reforma psiquiátrica, teve forte influência do Norte global. No ano de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS), com sede em Genebra, na Suíça, e a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), sediada em Washington, nos Estados Unidos, estabeleceram, através de uma conferência ocorrida na Venezuela, a Declaração de Caracas, que trazia uma série de fundamentos com a finalidade de orientar os processos da reforma que se estendia pela região das Américas. Objetivava-se, assim, alternativas ao modelo asilar, salvaguardando os direitos humanos e garantindo a convivência dos usuários em sociedade. Diante do fato de a luta antimanicomial na América Latina ter sido influenciada por muitas das experiências e práticas encontradas internacionalmente, o objetivo da pesquisa em curso é investigar, no cenário latino-americano, a existência de políticas públicas em saúde mental, a fim de compreender os processos históricos, políticos, sociais e culturais que possibilitaram a implementação de práticas da reforma psiquiátrica neste recorte do hemisfério Sul. Para tanto, utiliza-se metodologia de caráter exploratório, tendo como método de investigação a pesquisa documental realizada a partir do recorte dos Estados Partes do Mercosul - Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela – os quais, além da proximidade geográfica com o Brasil, possuem relações de contiguidade econômicas e diplomáticas amparadas pelo bloco. Propõe-se, dessa forma, produzir conhecimento e dar visibilidade aos saberes latino-americanos que por diversas vezes foram silenciados e renegados pelos países do eixo Norte do globo; o desafio a ser enfrentado é o de cada nação firmar seus interesses e compreender qual é o papel que possui na transformação das realidades interna e externa a partir de sua própria história, afastando-se, assim, do viés colonial enraizado.

12. A identidade de homens negros de pele clara: mascaramento de identidade racial e cegueira racial nas demandas psicológicas

Autor(es)/Apresentador(es):

Hugo Vitor | hugvitor.dg@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Hernani Pereira dos Santos | hernani.santos@uece.br
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Palavras-chave: Identidade racial; Mascaramento de identidade; Cegueira racial.

Resumo: Este estudo investiga os desafios enfrentados por homens negros de pele clara, cuja identidade racial é marcada pela invisibilidade e pela negação de sua negritude. O racismo estrutural e o mito da democracia racial no Brasil dificultam o reconhecimento de suas experiências, gerando crises identitárias e demandas psicológicas específicas. O objetivo da pesquisa é compreender como homens negros de pele clara vivenciam sua identidade racial e de que forma essas experiências afetam sua subjetividade e saúde mental, especialmente no contexto terapêutico. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com homens negros de pele clara em acompanhamento psicoterapêutico há, pelo menos, seis meses. A análise baseou-se em autores como Frantz Fanon, Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez, investigando as implicações do mascaramento da identidade racial e da cegueira racial. Os resultados indicam que o mascaramento racial, frequentemente usado como estratégia de sobrevivência, intensifica a desconexão com a negritude e contribui para conflitos internos e sofrimento psíquico. A cegueira racial, por sua vez, perpetua a invisibilidade dessas demandas, inclusive no ambiente clínico, dificultando o reconhecimento e a validação das experiências raciais. Relatos apontam que a falta de escuta racializada nas psicoterapias contribui para a manutenção do sofrimento, enquanto intervenções sensíveis à questão racial favorecem a reconstrução identitária e o fortalecimento da saúde mental. Conclui-se que práticas terapêuticas antirracistas são fundamentais para acolher essas vivências, demandando revisão crítica das abordagens clínicas tradicionais. O reconhecimento das especificidades raciais contribui para o pertencimento social, a equidade no cuidado psicológico e a promoção de uma sociedade mais justa.

13. “Transformações na educação: uma análise do futuro escolar no documentário Escola.Doc”

Autor(es)/Apresentador(es):

Larissa Dias Felix | larissa.felix@edu.umuarama.pr.gov.br

Orientador/Co-autor:

Danielle Jardim Barreto | danyposgeps@gmail.com |
Faculdade Alfa Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Educação; Metodologias Pedagógicas; Escola.

Resumo: O presente estudo apresenta uma reflexão crítica e teórica do episódio cinco do documentário Escola.doc, com direção de Luiz Bolognesi e Laís Bodanzky, que aborda a visão de profissionais, estudantes, e comunidade de como será a escola daqui há cinquenta anos. O objetivo deste trabalho é discutir criticamente, baseando-se em autores como Ilerê Rego Beltrão, sobre modelos de práticas pedagógicas que buscam preparar os alunos para as mudanças que vêm tomando conta de praticamente todo o mundo. O documentário foi apresentado na disciplina de Psicologia e Relações Educacionais, como referência complementar, sendo elaborada uma resenha crítica e esta serve de base para a apresentação do presente trabalho. Segundo Beltrão (2000), a escola funciona como uma máquina de ensinar e aprender, onde, indivíduo, nível e movimento se bem articulados podem ser continuamente aproveitados no processo de escolarização. O episódio traz a visão sobre perspectivas otimistas e algumas nem tão otimistas sobre o futuro da educação, e, dá um destaque a escolas que já estão em funcionamento com novas mudanças que estão dando certo. Beltrão (2000) diz que as mudanças históricas que se lêem ou se vêem na escola dizem muito mais respeito aos aperfeiçoamentos e às sofisticções de seus mecanismos do que a “tendências pedagógicas” que nela possam existir ou ter existido. Logo o uso de celulares e metodologias pedagógicas durante as aulas, devem se aproximar cada vez mais ao perfil dos estudantes com foco no trabalho, na cidadania e na resolução de problemas. Objetiva-se que não tenhamos somente escolas de plataformas e com índices altos, mas também as que saibam construir saberes para e com pessoas e suas complexidades e potencialidades para a vida em sociedade..

14. Os mortos importam: epistemologias alternativas de existência e vinculação

Autor(es)/Apresentador(es):

Vinicius dos Santos Moreira | vih9023@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Adriana Barin de Azevedo | abazevedo@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Epistemologia; Existência; Luto.

Resumo: A pesquisa examina epistemologias alternativas à ciência hegemônica ao explorar os impactos do ultrassom na vinculação gestante-gestado e a relação com o luto caso o conceito venha a óbito. O objetivo principal é compreender como as famílias que perdem bebês antes das 20 semanas de gestação enfrentam o chamado luto invisível e como a estratégia de um suplemento biográfico pode dar continuidade a sua vida. O estudo está amparado por um diário de pesquisa e uma revisão bibliográfica feita em bases de dados eletrônicas: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) e análise das obras de Vinciane Despret. Outras epistemologias encontradas são capazes de nos mostrar que os mortos possuem uma presença ativa no mundo dos vivos, ampliando o enquadramento tradicional para incluir múltiplas formas de conhecimento em relação à existência e ao morto. A ultrassom transforma o conceito em um ser com identidade visual, potencializando a vinculação gestante-feto, mas também expõe o paradoxo institucional de invisibilidade em casos de óbito fetal precoce. Este apagamento institucional reflete uma epistemologia que descarta vivências não alinhadas à sua lógica dominante. Os resultados evidenciam a importância do reconhecimento das múltiplas epistemologias e como cada uma delas podem transformar a relação com os mortos, permitindo que sejam vistos como parte integrante da vida coletiva. Assim, o estudo propõe superar visões reducionistas, ampliando os horizontes epistemológicos e promovendo práticas mais inclusivas e sensíveis perante ao existir-morto.

15. Violência de gênero e racismo estrutural: heranças coloniais e desigualdades interseccionais

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabriela Gomes Leão | psi.gabrielaleao@gmail.com

Palavras-chave: Violência de gênero, Mulheres negras, Interseccionalidade.

Resumo: A violência de gênero é um fenômeno histórico e social, reforçado por discursos normativos que naturalizam sua prática. Este texto aborda como a interseção entre gênero, raça e classe, sustentada pela matriz de poder colonial, perpetua desigualdades estruturais que afetam, sobretudo, mulheres negras. O principal objetivo é analisar, sob uma perspectiva decolonial, como as hierarquias raciais e de gênero estabelecidas na modernidade influenciam a perpetuação da violência contra a mulher, especialmente no caso das mulheres negras, destacando suas vulnerabilidades e desafios. A pesquisa utiliza uma revisão bibliográfica fundamentada em teorias decoloniais, que examinam as relações entre gênero, raça e classe como pilares das desigualdades. A violência contra mulher é interpretada como uma herança colonial, enraizada no racismo e sexismo, que afeta principalmente mulheres negras. Histórica e socialmente desumanizadas, essas mulheres foram submetidas a trabalho exaustivo e abusos, gerando estereótipos que as retratam como fortes, sexualmente disponíveis e subordinadas. Tais imagens perpetuam dinâmicas de exploração e violência. Ademais, a pobreza intensifica sua dependência econômica, dificultando a saída de contextos violentos. No mercado de trabalho, elas enfrentam as piores condições, como baixos salários e altas taxas de desemprego, o que agrava sua precarização. Racismo e machismo institucionais também prejudicam o atendimento e a proteção dessas mulheres, muitas vezes submetidas a revitimizações. A sobreposição das opressões de gênero, raça e classe posiciona as mulheres negras como as principais vítimas da violência doméstica e da pobreza. Essa análise ressalta a urgência de políticas públicas integradas que combatam as desigualdades estruturais, promovam equidade e garantam direitos básicos para mulheres negras, possibilitando sua proteção e emancipação social.

16. Graduação e a pesquisa em psicologia: uma análise da branquitude

Autor(es)/Apresentador(es):

Mariana Barros Cunha | mabcun@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Adriana de Fátima Franco | adriffranco@hotmail.com
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Paulo Vitor Palma Navasconi | paulonavasconi@gmail.com
Universidade Estadual Paulista (UEM)

Palavras-chave: Psicologia; Antirracismo; Branquitude.

Resumo: O referido trabalho objetiva analisar as produções bibliográficas sobre os estudos da branquitude nas pesquisas em psicologia e averiguar se e como os estudos raciais se fazem presentes nos cursos de psicologia das universidades localizadas na cidade de Maringá/PR. Fundamentando-nos na teoria Histórico-Cultural, observamos como a psicologia foi hegemonicamente conivente com a manutenção das estruturas sociais que geram desigualdades, e como é recente a discussão que problematiza o papel do branco nas relações raciais. A partir da análise curricular de 7 cursos de psicologia de Maringá e dos ideais expostos em seus websites, notamos como a ciência é construída acerca das temáticas raciais de forma a manter exclusões em alguns momentos e que, apesar de serem encontrados avanços, ainda há muito o que precisamos desenvolver quando a pauta é as pesquisas sobre as relações raciais. A partir de nossa análise bibliográfica, apontamos como a discussão acerca da branquitude é escassa, mesmo que os autores acionem uma postura política e antirracista dos profissionais no caso em que ela se faz presente. Ademais, compreendendo que a ciência não é neutra, fazemos uma análise em que exaltamos as tímidas, porém potentes mudanças em prol de uma consciência racial enquanto observamos despontarem, por outro lado, assuntos como psicodiagnósticos ou empreendedorismo.

17. Fortalecendo laços: A influência dos cuidadores no brincar terapêutico de crianças com TEA

Autor(es)/Apresentador(es):

Isabela Tarosso | b.tarosso@gmail.com

Thayla Moraes dos Santos

Orientador/Co-autor:

Thayla Moraes dos Santos | thayla.santos2014@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Amanda Lima Rubim | amandalrubim@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Mauro Luis Vieira | maurolvieira@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Vínculos Familiares; ABA.

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits significativos na comunicação e interação social, além da presença de comportamentos estereotipados, interesses restritos e alterações sensoriais. Atualmente, uma abordagem amplamente reconhecida no tratamento do TEA é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que foi concebida e consolidada no contexto norte-americano, onde ainda se encontra o principal polo de produção acadêmica e reconhecimento. Embora amplamente difundida no Brasil, a ciência comportamental brasileira carece de uma identidade própria, adotando majoritariamente protocolos e pautas que frequentemente não se adequam à realidade social e cultural do país. Esse cenário resulta em uma lacuna de estratégias, protocolos e formações capazes de alinhar as práticas da ABA às necessidades específicas da população brasileira. Diante desse contexto, a presente pesquisa busca desenvolver um programa de integração familiar no TEA, com foco na criação de estratégias de intervenção mediadas por pais e fundamentadas no brincar, valorizando a inclusão da comunidade no processo de construção do programa. À vista disso, para que as intervenções terapêuticas transcendam os limites do ambiente clínico e se estendam ao contexto domiciliar de cada paciente, é fundamental envolver os cuidadores no processo terapêutico, utilizando o brincar como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem. Para tanto, a elaboração do programa será realizada em quatro etapas: i) revisão da literatura da áreas; ii) grupo focal com comunidade de pais e profissionais; iii) análise de juízes; iv) estudo experimental. Espera-se com esse projeto elaborar um protocolo culturalmente sensível e que fortaleça o papel dos cuidadores no processo de desenvolvimento das crianças TEA.

18. Reimaginando a psicologia: valorizando os saberes indígenas na prática do cuidado de saúde do bem viver

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Lucia Ortiz Martins | analuciaortizmartins@gmail.com

Roberth Miniguine Tavanti

Orientador/Co-autor:

Roberth Miniguine Tavanti | roberth.tavanti@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Cosmologia guarani; Bem viver; Epistemologia intercultural.

Resumo: Este trabalho problematiza como a psicologia em suas perspectivas teóricas e práticas, fundamentadas em epistemologias eurocêntricas, invisibiliza os modos de cuidados dos povos indígenas. O Resumo: propõe uma reflexão sobre a cosmologia da etnia guarani, essencial para o cuidado e o bem viver. A expressão tatarendy´eteí (fogo sagrado) é central na cosmologia guarani, representando práticas de cuidado espirituais que não encontram espaço na formação e nas práticas da psicologia como profissão, contribuindo para o apagamento das subjetividades indígenas. O objetivo é evidenciar como a psicologia desconsidera os saberes indígenas ao analisar a relação entre cuidado espiritual, território e bem viver. A abordagem metodológica é baseada em uma metodologia indígena, fundamentada na cartografia social proposta por Deleuze. Essa perspectiva intercultural permite a valorização da oralidade, o vínculo com o território, a espiritualidade e a coletividade, além de priorizar a circularidade para integrar as experiências vividas pela autora, da etnia Guarani. Os resultados mostram que a psicologia ainda negligencia os cuidados do guarani, como as dimensões comunitárias, espirituais e territoriais. Como explica Xamoi Alcindo Werá Tupã: “quando a noite chega, eu olho bem para esse fogo. Vocês têm televisão: às vezes passa um capítulo bom, às vezes um capítulo ruim. Isso acontece também com o fogo. Eu vejo a imagem passando em cima do fogo”. Esse depoimento reflete como o tatarendy´eteí transcende a materialidade, funcionando como memória e orientação espiritual. A exclusão dessas práticas perpetua a violência colonial, enquanto o tatarendy´eteí, presente na coletividade e entre seres e territórios, questiona a lógica individualista predominante na psicologia. Portanto, é urgente reimaginar a psicologia e reconhecer saberes indígenas na formação e em suas práticas cotidianas, valorizando outros modos de cuidado como uma contribuição epistemológica, teórico- metodológica e prática necessária.

19. Reimaginando a psicologia: valorizando os saberes indígenas na prática do cuidado de saúde do bem viver

Autor(es)/Apresentador(es):

Daisy Cristina Olerich Cecatto | daisy.olerich@gmail.com

Palavras-chave: Neurociência; Transtornos de aprendizagem; Formação docente.

Resumo: Este estudo realiza uma revisão bibliográfica narrativa sobre as contribuições das neurociências para a prática educacional, integrando os Princípios da ciência Mente, Cérebro e Educação (MCE) a uma perspectiva decolonial, tomando como interlocutores privilegiados Mirela Ramacciotti, Leonor Bezerra Guerra, Silvia Rivera Cusicanqui e Lynn Mario Menezes de Souza. As fontes incluem artigos de periódicos indexados e revisões sistemáticas, abrangendo um período de pesquisa de 2000 a 2024, extraídos de bases como PubMed e Google Scholar. Propõe-se a compreender como essa abordagem pode gerar transformação na formação docente, particularmente no atendimento a salas de aula marcadas pela diversidade e pelos desafios trazidos pelos transtornos de aprendizagem. A transdisciplinaridade entre neurociência, psicologia e educação é explorada como ferramenta para desconstruir paradigmas tradicionais e promover práticas educativas inclusivas e humanizadas. Os resultados, derivados da análise crítica das literaturas, indicam que as contribuições da neurociência oferecem caminhos para melhorar a compreensão docente sobre os transtornos de aprendizagem, promovendo estratégias de ensino baseadas em evidências científicas que atendam às necessidades de alunos e professores. Essas práticas demonstram potencial para reduzir o estresse docente e melhorar os índices de inclusão e desempenho acadêmico. A discussão destaca a importância de alinhar a formação contínua de educadores às descobertas neurocientíficas, considerando contextos culturais e históricos que influenciam práticas pedagógicas. Além disso, aponta-se a necessidade de superar abordagens eurocêntricas na aplicação da neurociência à educação, reforçando uma perspectiva decolonial que valorize saberes do sul global. Conclui-se que integrar a neurociência à formação docente requer esforços transdisciplinares para construir um ensino mais inclusivo, empático e eficaz, que contemple a complexidade biopsicossocial de professores e alunos. Recomenda-se a formulação de políticas públicas que incentivem práticas educacionais baseadas em evidências e sensíveis às especificidades de diferentes contextos.

20. Resumo: do livro “Preconceito, indivíduo e cultura”, de José Leon Crochick

Autor(es)/Apresentador(es):

Felipe Ilkiu | felipemontrucchio@gmail.com

Palavras-chave: Preconceito; Violência; Sociedade.

Resumo: O presente trabalho, a ser apresentado no formato de comunicação oral, trata do Resumo: da obra “Preconceito, indivíduo e cultura” (Crochick, José Leon, 2023, 4ª ed., Benjamin Editorial). O objetivo é trazer à tona a problemática do preconceito, que transita também entre os fenômenos de dominação e exclusão sociais. O método utilizado foi a leitura minuciosa, destacando pontos principais; e posterior releitura, permitindo sintetizar e correlacionar as principais ideias trazidas na obra. A partir da leitura do livro, podemos entender que o preconceito é um fenômeno que envolve aspectos individuais em um processo social. O indivíduo se apropria de aspectos da cultura, conforme sua capacidade emocional e reflexiva. E a ideologia de referência vai conversar com suas necessidades. Assim, se de um lado temos uma cultura hostil e ameaçadora, que incentiva a competição e tem suas instituições socializadoras da escola e família em crise (aspectos culturais); de outro lado, indivíduos com o ego fragilizado ou superego excessivamente autoritário acabam incorporando condutas preconceituosas; se filiando a estereótipos reducionistas para explicar o mundo; aderindo a um líder para anular a angústia frente à dissolução do narcisismo; expiando o outro em suas diferenças para sanar as angústias internas e evitar reconhecer aspectos indesejados de si mesmo. Outrossim, se o perigo do preconceito existe, há também maneiras de atenuar ou evitá-lo. Internamente, um bom equilíbrio entre valores, desejos e condutas (configuração do Id, Ego e Superego). E Socialmente, as instâncias socializadoras da família, da escola e mídia estimularem a reflexão, genuinidade e autenticidade das experiências e convívio social adequado e pacífico, colaborativo, cada uma em seu enquadre. Conclusão: o preconceito é um fenômeno complexo, atravessado por diversas áreas do conhecimento. Revisitar conceitos e dinâmicas que o envolvem permite o debate e coletivo, gerando força substancial para combater situações de opressão ou exclusão social.

21. Abordagem multirreferencial: perspectivas para a construção de uma “psicologia mestiça”

Autor(es)/Apresentador(es):

João Batista Martins | jbmartin@sercomtel.com.br

Lucas Braga Martins

Palavras-chave: Psicologia; Abordagem multirreferencial; Epistemologia e Psicologia.

Resumo: A abordagem multirreferencial é uma perspectiva proposta por Jacques Ardoino, professor da Universidade de Vincennes –Paris VIII. A emergência da abordagem multirreferencial no âmbito das Ciências Humanas está relacionada com o reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade que caracterizam as práticas sociais. Sua posição epistemológica se estrutura a partir do reconhecimento do caráter plural dos fenômenos sociais, ou seja, a análise multirreferencial se propõe a uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. Isto significa dizer que o olhar do pesquisador deve estar localizado para além de seu campo de conhecimento, articulando os estudos de sua área com outras formas de inteligibilidade. No que tange a psicologia, tal posição implica numa articulação desta disciplina com outros “saberes”, num processo de “bricolagem”, onde a complexidade dos fenômenos se realiza. Complexificar o pensamento significa respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real, e de saber que as determinações - cultural, social, histórica, antropológica, biológica etc. - que se impõem a todo o pensamento co-determinam o objeto de conhecimento. Tal posição é claramente distinta da perspectiva epistemológica do conhecimento científico tradicional (cartesiano, positivo etc.), e sua necessidade se impõe quando o pensamento simplificador encontra seus limites, suas insuficiências, suas carências. Cabe assinalar, entretanto, que o paradigma da complexidade não “produz” nem determina uma inteligibilidade: ele pode incitar a estratégia do pesquisador a considerar a complexidade de seu objeto, ou seja, a complexidade não está no objeto, mas na maneira que o pesquisador realiza e se implica em sua pesquisa, na maneira como ele aborda os fenômenos: essa perspectiva nos possibilita criar uma “psicologia mestiça”, psicologia que não se encerra em si mesma.

22. Educação, Psicologia Escolar e Valorização da Diversidade: Reflexões sobre a Lei 13.935/2019 e o trabalho do psicólogo em ambientes multiculturais

Autor(es)/Apresentador(es):

Marília Dalla Vecckia Kaczmarek | mariliakaczmarek@hotmail.com

Palavras-chave: Educação; Psicologia Escolar; Valorização da Diversidade.

Resumo: As diferenças culturais se manifestam de formas variadas na vida em sociedade e as questões colocadas por elas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural. No âmbito da educação as diferenças culturais também se explicitam cada vez com maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar. Os estudos teóricos e as pesquisas científicas divulgadas nos últimos anos evidenciam que a Psicologia tem a capacidade de contribuir com o trabalho e a reflexão acerca da importância da diversidade cultural em diferentes ambientes, entre os quais, a escola. Nesta perspectiva, este estudo objetiva a contextualização da escola enquanto um ambiente multicultural, a reflexão acerca da contribuição da Psicologia para com o respeito à diversidade e a análise de como se está a inserção do psicólogo na educação no viés da Lei Nacional nº 13.935 de 11 de dezembro de 2019, a qual determina que escolas da rede básica de ensino público devem ter psicólogos e assistentes sociais em seus quadros. Metodologicamente, define-se como uma pesquisa bibliográfica baseada nas ideias de autores como Candau (2009), a qual defende a cultura como uma mediadora no desenvolvimento humano capaz de contribuir para a constituição do sujeito. Para esta autora, a cultura surge e se dissemina sob a forma de sistemas semióticos e conceituais, práticas e instituições sociais, promovendo determinadas formas de comportamento. A pesquisa também considera que enquanto um ambiente formativo e multicultural, é na escola que comportamento e pensamentos a respeito da cultura e da diversidade são construídos, reformulados e materializados. A atuação do psicólogo neste íterim revela-se necessária e torna-se possível pela implementação da Lei Nacional 13.935/2019, contudo é necessário questionar-se como anda tal implementação.

23. À Sombra da Psicologia: O Xamanismo e a Descolonização do Ser

Autor(es)/Apresentador(es):

Oak Tonet Assad | oaktonetassad@gmail.com

Palavras-chave: Psicologia analítica; Psicologia decolonial; Povos indígenas.

Resumo: A colonialidade impõe um modelo único de ser humano, segregando saberes e práticas que acolhem nossa complexidade. Este trabalho explora o papel do xamanismo na valorização da “sombra”, conceito central de Carl G. Jung que aborda os aspectos inconscientes e reprimidos da psique. Apesar de se opor à marginalização social, a psicologia contraditoriamente falha em superar as epistemologias coloniais que sustentam suas bases teóricas, também responsáveis por manter as minorias à margem. O xamanismo, entendido como um sistema ancestral de conhecimento e cura que conecta o ser humano à natureza e ao sagrado por meio de rituais, símbolos e estados ampliados de consciência, promove o enfrentamento de nossas contradições internas e externas. Essas práticas oferecem um modelo patológico que transcende a visão colonizada da saúde mental, resgatando a integração entre o indivíduo, o coletivo e o ambiente. Fundamentada em uma revisão bibliográfica multidisciplinar de textos sobre psicologia analítica e decolonial, antropologia e xamanismo, esta pesquisa argumenta que uma psicologia mais consciente de sua história colonial deve aprender com os povos indígenas, promovendo abordagens terapêuticas que respeitem a diversidade e honrem as múltiplas formas de ser e existir. Resgatar as tradições ancestrais não é apenas um ato de justiça histórica, mas também uma oportunidade de reconstruir a noção de “ser humano” e o papel da própria psicologia. A cultura ancestral representa uma crítica profunda à sociedade contemporânea, ao expor as limitações e estigmas de suas estruturas, o que explica a constante perseguição dos povos indígenas. Conhecer as tradições originárias é descobrir que “humanidade” não é um conceito fixo, mas que existem infinitas formas de pensar, agir e nomear o que chamamos de Homo sapiens sapiens. Promover a ancestralidade é um passo essencial para construir uma sociedade mais justa, conectada à diversidade e em harmonia com a dialética da alma humana.

24. A noção de psicopatologia de Alfredo Moffatt: contribuições para a psicologia fenomenológica e existencial

Autor(es)/Apresentador(es):

Mateus Santos Stolle Fiquer | mateusstolle@gmail.com

Nilson Lucas Gabriel

Orientador/Co-autor:

Nilson Lucas Gabriel | prof_nilson@unicv.edu.br

Universidade Cidade Verde (UNICV)

Palavras-chave: Alfredo Moffatt; Psicopatologia, Psicologia Fenomenológica.

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC), desenvolvida pelo primeiro autor e orientada pelo segundo autor pela Universidade Cidade Verde (UNICV). O estudo teve como objetivo investigar as contribuições de Alfredo Moffatt para a Psicologia Fenomenológica e Existencial, especialmente no que diz respeito à sua noção de psicopatologia em contextos latino-americanos. A pesquisa abordou os aspectos decoloniais de sua abordagem, que rejeita modelos eurocêntricos e prioriza uma perspectiva pluralista e alinhada às realidades locais. Para tanto, utilizou-se da revisão bibliográfica de obras fundamentais de Moffatt, como *Terapia de Crise: Teoria Temporal do Psiquismo e Psicoterapia do Oprimido*. Os resultados apontam que a psicoterapia do oprimido promove a ressignificação de experiências em contextos de opressão, utilizando técnicas acessíveis e colaborativas. Já a terapia de crise oferece intervenções baseadas na teoria temporal do psiquismo, com foco na promoção da autonomia e no alívio em situações emergenciais. A pesquisa enfatizou ainda a relevância da temporalidade na compreensão da psicopatologia, considerando os aspectos históricos e sociais que permeiam as experiências humanas. A discussão evidenciou que o trabalho de Moffatt contribui para a construção de uma Psicologia Fenomenológica e Existencial mais contextualizada, capaz de atuar na transformação de aspectos constitutivos da saúde mental de populações vulneráveis. O estudo destaca a importância de reavaliar conceitos tradicionais de psicopatologia, incorporando perspectivas que valorizem as especificidades socioeconômicas e culturais da América Latina. Conclui-se que as contribuições de Moffatt são fundamentais para o desenvolvimento de uma prática psicológica fenomenológica e existencial mais ética, inclusiva e transformadora, capaz de atender às demandas locais e contribuir para a emancipação humana.

25. Entre o Sofrimento ético-político e o Bem-estar de Mulheres Ativistas

Autor(es)/Apresentador(es):

Daniela Fernanda Das Neves | daniela.fernanda@uel.br
Isabella Mello Tureta

Orientador/Co-autor:

Isabella Mello Tureta | Isabella.mello@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Sonia Regina Vargas Mansano | mansano@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Ativismo; Grupos terapêuticos; Sofrimento ético-político.

Resumo: A prática do ativismo socioambiental destaca-se como uma atividade que oferece, entre outros riscos, um intenso sofrimento psíquico a seus agentes. Segundo dados da Global Witness (2022), cerca de uma em cada dez pessoas assassinadas por defender o meio ambiente e os direitos humanos eram mulheres. Esse dado explicita a violência pela qual as mulheres engajadas em causas socio-políticas estão expostas diariamente. A partir de um olhar voltado à coletividade, a experimentação de afetos – sustentada em uma dimensão histórica e expressa em um contexto social – é entendida como um instrumento potencializador em coletivos. Nesse sentido, uma vez que as subjetividades se encontram em produção no encontro com o outro, é possível ressignificar o sofrimento ético-político considerando que a participação em lutas políticas pode ser aliada da transformação social. Apresentamos a parte teórica do projeto de extensão denominado “Ativismo e liderança de mulheres em causas sociais e ambientais”, realizado na Universidade Estadual de Londrina, com apoio da Fundação Araucária. Seu objetivo consiste em compreender o papel dos grupos psicoterapêuticos como espaços de acolhimento, fortalecimento do conatus e promoção de ações transformadoras. A revisão bibliográfica e análise teórica foram fundamentadas em autores como Espinosa e Sawaia, privilegiando perspectivas transdisciplinares que integram clínica e política. Assim, o projeto visa abrir um espaço terapêutico grupal para receber mulheres ativistas no contexto brasileiro. Compreendemos os grupos como um espaço em que diferentes afetos podem ser compartilhados e produzidos com vistas a ressignificar os sofrimentos emergentes nas práticas ativistas. O grupo configura-se como um meio de mobilização para que as potências e limites de mulheres engajadas em causas sociopolíticas possam ser identificados e elaborados. Assim, recorrer ao atendimento psicoterápico grupal pode produzir um espaço para compartilhar histórias e discutir estratégias de enfrentamento dos sofrimentos vivenciados, potencializando as mulheres e suas lutas coletivas.

26. Bela, medicada e do lar: a medicalização dos corpos de mulheres na rede de atenção à saúde do SUS

Autor(es)/Apresentador(es):

Luani Akemi Furyama | luani.furyama@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Daniele Ferrazza | daferrazza@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Roselania Borges | roselaniafborges@uol.com.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Psicofármacos; Medicalização da vida; Saúde Mental e Gênero.

Resumo: A medicalização da vida denota a inserção cada vez mais exacerbada do campo biomédico em aspectos relacionados à vida cotidiana. Questões do campo do social e das trocas relacionais do dia a dia, têm se tornado questões consideradas problemáticas e têm sido mitigadas por via das medicações psicofarmacológicas. Ademais, estudos apontam maiores índices de medicalização entre pessoas do gênero feminino, fenômeno que pode estar relacionado às performances determinadas às mulheres no decorrer da história e que culminou no corpo feminino sendo controlado e moldado para ser mãe, educadora, edificadora do lar e que vivencia os impactos de uma sociedade misógina e patriarcal. Diante disso, se faz necessário refletir sobre como os serviços de saúde estão atuando nos cuidados em relação à saúde da mulher, especificamente no campo da saúde mental. Sendo assim, na primeira etapa da presente pesquisa realizada na cidade de Maringá-PR, foram coletados dados sobre a dispensação de psicofármacos entre os meses de janeiro de 2019 a dezembro de 2023 e constatou-se que, no período de cinco anos, os antidepressivos foram os psicofármacos mais prescritos e dispensados nas 15 unidades de saúde responsáveis pela entrega das medicações psiquiátricas da cidade. Além disso, em uma segunda etapa da pesquisa, foram coletados dados de todos os usuários que fizeram a retirada de psicofármacos em uma Unidade Básica de Saúde, no período de Jan/2023 a Dez/2023, e foi possível observar que as mulheres são as principais consumidoras de psicofármacos e que o perfil dos medicamentos retirados se difere entre homens e mulheres. Evidencia-se com a presente pesquisa, ainda em andamento, que processos de subjetivação, assim como, a psicopatologização de sofrimentos subjetivos gendrados são determinantes para a prescrição e o uso de psicofármacos entre mulheres no contexto da sociedade atual.

27. Diagnósticos de transtornos de aprendizagem como uma forma de colonialidade à luz da teoria crítica

Autor(es)/Apresentador(es):

Beatriz Moreira Leite | ra128948@uem.br
Vitória Teixeira de Menezes

Orientador/Co-autor:

Aline Frollini Lunardelli | aflunardelli@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Viviane Cristina Teixeira de Menezes | viviamemezes7@gmail.com
UNICESUMAR

Palavras-chave: Diagnósticos Psicológicos; Colonialidade; Escola de Frankfurt.

Resumo: Os transtornos de neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista e o Transtorno de Déficit de Atenção/Aprendizagem, são definidos como déficits que acarretam defasagens no funcionamento pessoal, social, acadêmico e profissional. No contexto da crescente patologização da educação, os diagnósticos médico-psicológicos de Transtornos de Aprendizagem são utilizados para justificar o fracasso escolar, o que, a partir de uma perspectiva crítica de Educação e Psicologia, reafirma a ordem vigente. Essa patologização ocorre com base em padrões normativos de desempenho e comportamento, utilizados para selecionar aqueles que serão excluídos do processo de aprendizagem, destino normalmente reservado a crianças em vulnerabilidade socioeconômica, majoritariamente negras (Patto, 1997). No Brasil, historicamente, associa-se pobreza a baixo desempenho intelectual, devido à naturalização do não-aprender dessas crianças. Esse contexto, marcado pela escravatura, remonta à colonização que se iniciou em 1530, período cuja ideologia reverbera até a atualidade. Essa influência é conceituada como colonialidade: dimensão simbólica do colonialismo que conserva um padrão de relações de poder e hierarquias raciais, culturais e epistêmicas, visando manter a exploração dos povos colonizados (Quijano, 2013). Este estudo investigou as relações entre os diagnósticos médico-psicológicos de Transtornos de Aprendizagem e a colonialidade, à luz da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (Adorno, 2023), mediante uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, exploratória e teórico-conceitual. Os diagnósticos de Transtornos de Aprendizagem, quando são analisados os marcadores sociais da diferença, como classe e raça, reproduzem estruturas coloniais bárbaras, patologizando comportamentos divergentes das normas e afetando desproporcionalmente grupos marginalizados. Assim, evidencia-se que os diagnósticos atuam como instrumentos de exclusão social, perpetuando hierarquias coloniais que, desde a colonização, sustentam a marginalização de determinados indivíduos e grupos. A pesquisa destaca a necessidade de se repensar a prática diagnóstica, conectando-a às raízes históricas e às lógicas de poder que sustentam desigualdades sociais no Brasil.

28. Psicanálise e decolonialidade: repensando a subjetividade em contextos pós-coloniais

Autor(es)/Apresentador(es):

Anderson Gustavo da Silva | psic.andersong01@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise; Decolonialidade; Subjetividade.

Resumo: A psicanálise, enquanto campo teórico-clínico desenvolvido na Europa, historicamente se estruturou a partir de uma visão universalizante da subjetividade, desconsiderando as especificidades culturais e históricas de sociedades marcadas pelo colonialismo. Este trabalho busca explorar os fundamentos de uma psicanálise decolonial, problematizando a colonialidade do saber e do ser na constituição do sujeito. O objetivo é investigar como a psicanálise pode dialogar com as epistemologias decoloniais, incorporando uma escuta que reconheça os efeitos psíquicos do racismo, da alienação cultural e das estruturas de poder. O método utilizado baseia-se em uma revisão bibliográfica de autores como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Aníbal Quijano e Maria Lugones, além de uma análise crítica das categorias psicanalíticas de subjetivação, desejo e inconsciente à luz da teoria decolonial. A discussão evidencia a necessidade de uma desconstrução da universalidade dos conceitos psicanalíticos, propondo um deslocamento epistemológico que contemple a diversidade de experiências e modos de subjetivação em contextos historicamente marcados pela exclusão. Conclui-se que uma psicanálise decolonial implica um reposicionamento ético e clínico que reconheça as marcas da colonialidade na constituição do sujeito e na prática analítica, abrindo espaço para novas formas de escuta e interpretação da subjetividade.

29. O Racismo Epistêmico na Produção do Conhecimento em Psicologia: por uma formação decolonial

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabriela Beatrice Souza Silva¹ | gabrielabeatricsilva@gmail.com
Universidade UniCesumar

Orientador/Co-autor:

Roberta Mertz Rodrigues²
Universidade UniCesumar

Regiane da Silva Macuch³
Universidade UniCesumar

Palavras-chave: Epistemicídio; Étnico-racial; Colonialismo.

Resumo: A epistemologia é um conceito eminente no âmbito acadêmico, pois estrutura a construção dos saberes ao longo da história das sociedades, contribuindo para o embasamento das formações de nível superior e conduzindo a produção e a divulgação do conhecimento científico. Dentro destas propagações teóricas, é possível de se localizar uma falta da disseminação de conhecimentos produzidos por sujeitos que historicamente foram subalternizados, especialmente por pessoas negras, sendo este fenômeno uma das características do conceito de epistemicídio. Nesse sentido, se faz necessário demonstrar como o contexto histórico no qual a Psicologia surgiu contribuiu para o epistemicídio de autores negros, e aprofundar os motivos que ocasionaram a ausência de divulgação dos conhecimentos científicos produzidos por pessoas negras. Elucidando como o racismo, o etnocentrismo e o sistema colonial nos campos dos saberes científicos e do poder, atuaram para atribuir à si a autoridade de produção do conhecimento científico considerado válido. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica de produções teóricas que tratam sobre racismo, colonialismo e do período histórico do surgimento da psicologia. Os resultados encontrados demonstraram a prática do racismo por omissão dentro dos cursos de graduação em psicologia em algumas instituições de ensino superior do Brasil, enquanto consequência de uma herança epistemológica que inicialmente utilizou exclusivamente do positivismo para validação científica da psicologia, baseando-se em aspectos universais que se apoiaram no etnocentrismo por meio da valorização da europa ocidental, não sendo suficiente para abarcar as especificidades da população negra, o que consequentemente gerou a desvalorização da cultura e dos conhecimentos produzidos por tal população. Com isso, demonstra-se a urgência da transformação das universidades, através da democratização destes locais que necessitam serem ocupados pelos diferentes sujeitos que existem na sociedade, para que a produção do conhecimento científico não esteja restrita à uma lógica hegemônica que ainda se faz presente nos dias atuais.

¹ Autora e apresentadora; Acadêmica do curso de psicologia Universidade UniCesumar - Campus Maringá-PR; Bolsista PIBIC8/ICETI-UniCesumar;

² Co-orientadora; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde Universidade UniCesumar - Campus Maringá-PR. E-mail: robertamertz12@gmail.com;

³ Orientadora; Docente no curso de Psicologia Universidade UniCesumar. E-mail: rmacuch@gmail.com

30. Mulheres ativistas e mídias digitais: mapeando ações

Autor(es)/Apresentador(es):

Carine Silva de Almeida | carine.silva.almeida@uel.br

Orientador/Co-autor:

Sonia Regina Vargas Mansano | mansano@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Clara Souza Lula Sanches | Clara.sanches03@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Gabriela Emy Arai | Gabriela.arai0@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Mulheres; Ativismo Socioambiental; Política.

Resumo: A ação de mulheres ativistas é recorrente em nosso país e ganha espaço significativo nas mídias. Vislumbrando isso, a presente Iniciação Extensionista objetivou compreender a ação política de mulheres em causas sociais e ambientais no estado do Paraná, mapeando suas intervenções nas mídias digitais. O trabalho aliou-se à Psicologia Social na interface com autores da área política. Jordan (2002) define o ativismo como uma solidariedade baseada na causa compartilhada e no desejo de transgressão para mudar normas excludentes evocando mudanças coletivas. Baltazar (2004) conceitua a militância como a participação política crítica, voltada à conscientização popular e à promoção de valores inclusivos, tomando em consideração o contexto histórico, cultural e político. Já a liderança é exercida especialmente em contextos microsociais, como comunidades e instituições, buscando atender de modo situado demandas urgentes. Lopes (2021) assinala que as teorias clássicas tendem a vincular tais práticas a homens brancos de status socioeconômico elevado, excluindo outros grupos. Apesar disso, as práticas de liderança feminina têm grande relevância para a sociedade atual. Com base nessas definições e adotando uma perspectiva metodológica documental com foco em mídias de domínio público, mapeamos as mulheres líderes, ativistas e militantes que atuam no Paraná, buscando evidenciar ações locais e desafios regionais. A internet foi utilizada para acessar informações sobre essas experiências. Como resultado mapeamos, no decorrer do ano de 2024, 59 casos de mulheres ou grupos liderados por elas nas seguintes causas: feminismo (14); negritude (12); LGBTQIAPN+ (8); direitos humanos (6); direito à terra (5); defesa dos animais (4); artes (4); educação (3) e etnias (3). Concluímos que as causas defendidas geram benefícios tanto para as mulheres envolvidas quanto para a sociedade. Por fim, cabe destacar que essas ações ainda demandam políticas públicas eficazes, campanhas de conscientização e o engajamento efetivo da população.

31. Decolonialidade e Psicologia: repensando sexualidades e gêneros dissidentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Eduardo Henrique Ferreira¹ | eduardo.h.ferreira@unesp.br

Orientador/Co-autor:

Fernando Silva Teixeira Filho² | fernando.teixeira@unesp.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP - Assis)

Palavras-chave: Dissidências de Sexualidade e Gênero; Estudos Decoloniais e de Sexualidade e Gênero; Prática Psicológica e Decolonialidade.

Resumo: Nos últimos anos, os estudos decoloniais têm desafiado os pressupostos eurocêntricos que dominaram as ciências humanas por séculos. A perspectiva decolonial propõe repensar a construção do conhecimento, conferindo centralidade a temas antes marginalizados, como sexualidades e identidades de gênero dissidentes. Este é o foco da nossa pesquisa. Analisar como a discussão sobre sexualidades e gêneros dissidentes foi abordada no campo da psicologia, utilizando como objeto 52 edições selecionadas do Jornal do Federal. A pesquisa é qualitativa, com base em análise bibliográfica e documental. Inicialmente, avaliamos 60 edições do Jornal do Federal, aplicando os critérios de seleção que reduziram o corpus para 52 edições. Os dados indicam que o debate sobre sexualidades e gêneros dissidentes sob uma perspectiva inclusiva começou a ganhar espaço no meio profissional a partir dos anos 2000. Esse movimento está diretamente relacionado à Resolução CFP nº 01/99, que regulamenta a atuação de psicólogos/as/gues em questões de orientação sexual. A pesquisa evidencia a relevância da legislação na promoção de práticas inclusivas e demonstra que discussões sobre sexualidades e gêneros dissidentes ainda são recentes. Repensar esses temas sob a ótica da decolonialidade é essencial para uma prática psicológica mais humana e inclusiva.

¹ Psicólogo, mestre em Letras Estrangeiras Modernas pela Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Assis). E-mail para contato: eduardo.h.ferreira@unesp.br.

² Psicólogo, Professor Dr. Adjunto ao Departamento de Psicologia da FCL “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Assis). fernando.teixeira@unesp.br.

32. Identidade com Raízes: A Influência da Ancestralidade e da Umbanda

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabriella de Oliveira Frank | psicologagabriellaof@gmail.com

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Umbanda.

Resumo: A identidade é constituída por histórias, culturas e raízes ancestrais que moldam tanto indivíduos quanto comunidades. A Umbanda, como uma expressão religiosa afro-brasileira, incorpora influências ancestrais, valores fundamentais como respeito, amor e caridade. No entanto, sua trajetória foi marcada pela marginalização histórica, fruto de preconceitos, exclusões sociais, dificultando o reconhecimento de seus princípios e de seus praticantes. No âmbito da ancestralidade, a Umbanda é apresentada como uma narrativa de conexão com raízes profundas, evidenciando a importância de resgatar e valorizar tradições que influenciam comportamentos, identidades e valores culturais. Analisar como a ancestralidade e os valores da Umbanda influenciam a construção da identidade individual e coletiva, destacando sua relevância cultural, histórica e espiritual. Compreender de que forma os valores da Umbanda fortalecem a identidade cultural e individual; examinar os impactos do silenciamento histórico sobre a expressão da identidade umbandista e explorar a relevância da valorização da ancestralidade na reconstrução de identidades coletivas em contextos afro-brasileiros. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica de estudos recentes, disponíveis nas plataformas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). A seleção considera publicações em português dos últimos cinco anos, alinhadas ao tema, com o objetivo de reunir contribuições teóricas e empíricas pertinentes. A pesquisa discute como a ancestralidade e os valores da Umbanda moldam identidades individuais e coletivas, promovendo uma conexão profunda com raízes culturais e históricas. A Umbanda é apresentada como um espaço de resgate e reafirmação de identidades, desempenhando um papel essencial em um contexto cultural diversificado. A valorização da ancestralidade é apontada como elemento crucial para o fortalecimento da identidade coletiva e para a preservação da diversidade cultural brasileira, contribuindo para o reconhecimento e o enfrentamento de preconceitos.

33. Complexo racial e Histórias infantis: Diálogos entre a psicologia analítica e a educação

Autor(es)/Apresentador(es):

Luiz Henrique dos Reis Souza | luiz.henrique.reis@uel.br

Orientador/Co-autor:

Jefferson Olivatto da Silva | jeffolivatto@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Vivian Yuki Manchini Ogawa | vivian.yuki.ogawa@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Complexo; Racialidade; Histórias Infantis.

Resumo: Os complexos, segundo Jung (2013), são imagens que carregam uma forte carga emocional inconsciente que é incompatível com as atitudes habituais da consciência, esses núcleos ideo-afetivos comumente se originam de trauma ou choques emocionais que separam uma fração da psique como forma de defesa (Jung, 2021). Segundo Brewster (2020) em resposta ao sofrimento gerado pelas violências raciais desenvolve-se, na psique do indivíduo, um complexo que incorpora as associações pessoais e coletivas que se vivencia desde a infância a respeito do racismo. O objetivo desse trabalho é pensar e discutir pela ótica da psicologia analítica como as histórias infantis podem ser utilizadas para evidenciar o complexo-racial, resgatando a experiência dos povos originários e os valores civilizatórios da população afro-brasileira. Para isso foi utilizada uma revisão bibliográfica sobre o tema e a análise e confecção coletiva de histórias infantis com temáticas voltadas para a discussão etnico-racial no laboratório de psicologia escolar e educacional da Universidade Estadual de Londrina (LAPEE-UEL). Evidenciou-se que, na psicologia junguiana, os complexos não são necessariamente patológicos, eles indicam um conflito que ainda não foi assimilado conscientemente, dessa forma sua integração envolve sua vivência afetiva para além da compreensão intelectual de suas polaridades (Silveira, 2003). Dessa maneira, pensamos na utilização das histórias infantis como meios de enriquecimento cultural e letramento étnico-racial, tendo em vista que essas são poderosas expressões do inconsciente coletivo e seu aparato simbólico (Franz, 1981). Segundo Brewster (2020), o contato com as histórias permitiria um enriquecimento cultural do complexo do Ego o tornando capaz de se proteger de atos destrutivos e autodestrutivos vindo de um sofrimento com fundo racial. Portanto, essas histórias são capazes de auxiliar o processo educacional como meios de integração do complexo racial e, conseqüentemente, promovendo um ensino racializado e afirmativo, resgatando a cultura de povos que foram historicamente apagados.

34. Mulheres em usos de substâncias psicoativas: cuidado no âmbito da Atenção Psicossocial

Autor(es)/Apresentador(es):

Beatriz Boza | beatrizboza27@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Daniele de Andrade Ferrazza | daferrazza@uem.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Substâncias Psicoativas; Gênero; Políticas Públicas.

Resumo: O problema do uso de substâncias psicoativas é culturalmente relacionado ao consumo realizado por homens, levando a uma sub-representação das mulheres nos estudos sobre a temática, o que contribui para uma lógica de cuidado voltada ao público masculino. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as particularidades vivenciadas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa do estado da arte de publicações de livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos disponibilizados em bases de dados com os seguintes indexadores: mulheres usuárias de substâncias psicoativas; gênero; Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas (CAPS Ad). No total, foram analisadas 20 produções científicas, a partir do ano de 2004. Os resultados da pesquisa foram divididos em cinco eixos temáticos, de acordo com o material analisado: (1) perfil sociocultural de mulheres usuárias de substâncias psicoativas; (2) introdução, acesso e manutenção do consumo de álcool e outras drogas; (3) barreiras de acesso aos serviços de saúde e permanência no tratamento; (4) efeitos e consequências derivadas do consumo e (5) mulheres usuárias de substâncias psicoativas e em situações de violência de gênero. Concluiu-se ser necessária uma perspectiva de gênero no atendimento às mulheres usuárias de substâncias psicoativas, para compreender as vulnerabilidades que impedem a busca por tratamento, assim como, as relações de poder que determinam diferentes modos de acesso e consumo entre os gêneros, visando fundamentar políticas públicas e práticas de Redução de Danos que considerem as interseccionalidades na construção do cuidado.

35. Funk Superação, Ancestralidade e Resistência: Um Olhar Decolonial na música “A Dança” de MC Hariel

Autor(es)/Apresentador(es):

Marina Heitzmann Hara | marina.heizmann@uel.br

Mariana de Araujo Fregolente

Orientador/Co-autor:

Mariana de Araujo Fregolente | mariana.araujo@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Maria Eduarda Fialho Roza | maria.eduarda.fialho@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Funk; Resistência; Ancestralidade.

Resumo: As composições do Funk trazem narrativas com vinculação histórica às periferias e favelas, as quais evidenciam a luta dessas populações por sobrevivência e dignidade. Como ferramenta de denúncia, os músicos brasileiros MC Hariel e Gilberto Gil compuseram a música intitulada “A Dança”, no intuito de criticar o sistema político-social vigente e celebrar um diálogo de esperança para as futuras gerações. Nesse viés, através de uma análise crítica de conteúdo sob a ótica decolonial, o presente trabalho visa demonstrar que a música é um exemplo de como o Funk pode ser uma ferramenta de resgate da ancestralidade, que promove pertencimento à história e ímpeto para resistir às narrativas hegemônicas. No trecho “Com um montão de engravatado o samba atravessando” evidencia-se como a arte tem o poder de desconstruir o projeto hegemônico neoliberal, que deve ser compreendido na dialética entre a dinâmica de mudança material e discursivo-ideológica, que transforma a realidade e impõe suas verdades como únicas (GENTILI, 1996). Logo, o verso “Minha ideologia é o nascer de cada dia” pode ser apresentado como saída ao projeto aludido, ao ser interpretado como uma forma de valorização do viver que enfatiza o tom de sua própria singularidade. Assim, o Eu lírico rejeita o *modus operandi* vigente e se torna detentor de sua história ancestral e age, a partir dela, valorizando o cotidiano e a existência em si. Em conclusão, “A Dança”, evidencia a força do Funk como um mecanismo de resistência cultural e retomada da ancestralidade. Os compositores, ao unirem gerações e estilos musicais distintos, criam um espaço de enfrentamento às narrativas hegemônicas e de valorização das histórias marginalizadas. Por fim, a música reafirma o poder da arte em promover pertencimento, valorizar a memória coletiva e inspirar mudanças sociais ao possibilitar a construção de novas formas de ser e existir.

36. Desconstruindo Barreiras: Assistência e Estereótipos de Gênero

Autor(es)/Apresentador(es):

Alessandra Herranz Gazquez | alessandra@attos.com.br
Regiane da Silva Macuch

Orientador/Co-autor:

Regiane da Silva Macuch | regiane@unicesumar.com
UNICESUMAR

Palavras-chave: Assistência; Estereótipos de gênero; segregação ocupacional.

Resumo: Este estudo analisa a relação entre o fator de personalidade assistência, frequentemente associado ao gênero feminino, e a segregação ocupacional em tecnologia da informação. Com base em uma amostra de 752 sujeitos adultos, sendo 215 mulheres e 537 homens, que responderam ao Inventário Fatorial de Personalidade (IFP-II) entre 2010 e 2021, constatou-se que homens e mulheres apresentam níveis semelhantes no fator assistência. Isso sugere que a segregação ocupacional de gênero na área tecnológica é mais influenciada por fatores sociais e culturais do que por características intrínsecas de personalidade. A pesquisa também aborda como os estereótipos de gênero impactam as escolhas profissionais e reforçam desigualdades no mercado de trabalho. Desde a infância, meninas são socialmente associadas a comportamentos de cuidado e assistência, enquanto meninos são incentivados a demonstrar assertividade e liderança. No entanto, os resultados do estudo indicam que esses traços não são exclusivos de um gênero, mas reflexos de construções socioculturais. Os dados foram analisados conforme os níveis do fator assistência (baixo, médio e alto), revelando diferenças mínimas entre os gêneros. Apesar disso, a representação feminina na tecnologia permanece baixa, reforçando a necessidade de iniciativas que desconstruam estereótipos e promovam a igualdade de gênero na área. Conclui-se que a segregação ocupacional por gênero em tecnologia não é sustentada por diferenças de personalidade, mas por normas culturais enraizadas. A superação dessas barreiras é essencial para aumentar a participação feminina e atender às demandas crescentes por profissionais no setor.

37. Estamira: reflexões sobre sofrimento psíquico e determinantes sociais de saúde

Autor(es)/Apresentador(es):

Larissa Dias Felix | larissa.felix@edu.umuarama.pr.gov.br
Karina Fonseca Ramos

Orientador/Co-autor:

Karina Fonseca Ramos | karinafonsecaramos@gmail.com
Faculdade Alfa Umuarama (UniAlfa)
Débora Mendes Baggio | debora@alfaumuarama.edu.br
Faculdade Alfa Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; Desigualdade; Determinantes sociais de saúde; Visibilidade.

Resumo: A compreensão sobre determinantes sociais são fundamentais na leitura do processo saúde-doença e fatores de risco para o adoecimento. Frente a isto, este trabalho toma a história de “Estamira” (2005)¹⁶, retratando a história de vida desta e sua forma de ver o mundo frente à inúmeras exposições, e como estas a conduziram para o sofrimento psíquico. Apresentar uma reflexão teórico-crítica sobre a vivência de Estamira, a partir dos determinantes sociais de saúde e como estes a fragilizaram psiquicamente em decorrência de situações sociais de desamparo, sofrimento e violação de direitos. Método: Como base teórica, tomar-se-á o texto: Determinação social do processo saúde e doença², do qual os elementos da vida de Estamira podem ser dimensionados para uma compreensão de saúde mental enquanto um conceito biopsicossocial. Ceballos (2015) destaca a importância de identificar características sociais, para compreender como a saúde é sensível ao ambiente social. Estamira, mulher, idosa, preta, pobre, trabalhava em um aterro sanitário. Exposta a substâncias tóxicas, sol, chuva, se alimentava dos restos encontrados no local. No decorrer de sua vida, vivenciou violações diversas: abusos, estupros, traições, foi levada à prostituição pelo avô, viveu em situação de rua e dependente de álcool teve sua filha entregue à adoção, agravando seu sofrimento. Após esses episódios, iniciaram crises psicóticas, agravadas pela desvinculação familiar e comunitária. Também retrata o papel da medicalização, e da improficuidade frente à ausência de cuidados territoriais e familiares. Estigmatizada e invisibilizada, vê-se a exclusão operando além do que a condição biológica pudesse explicar. Estamira retrata o cotidiano de mulheres brasileiras pobres e pretas. Ganhou, desconsiderando as condições de vida e adoecimento, o estigma de louca. Estamira existiu, num sistema desigual e opressor. Deslegitimada criou seu próprio mundo de resistência, para continuar a viver mesmo diante de tantas dores e fragilidades.

1 PRADO, Marcos. PADILHA, José. Estamira. 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHISEEXMh4>. Acesso em: 28 Jan. 2025;

2 CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa. Modelos conceituais de saúde, determinação social do processo saúde e doença, promoção da saúde. Recife: [s.n.], 2015

38. O papel da psicologia frente a diversidade étnico-racial na defesa dos direitos das crianças e adolescentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Victoria Caroline Garcia da Silva | vcaroline900@gmail.com

Palavras-chave: Direitos; diversidade; Infância e adolescência.

Resumo: A psicologia desempenha um papel fundamental na defesa dos direitos de crianças e adolescentes pertencentes aos povos tradicionais, considerando suas especificidades culturais, sociais e históricas. A Nota Técnica “Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) com Povos Tradicionais” do Conselho Federal de Psicologia (2019), orienta práticas sensíveis à diversidade étnico-racial, promovendo inclusão e respeito às identidades coletivas. Assim, sendo imprescindível que o(as) psicólogos(as) compreendam as dinâmicas socioculturais desses povos e atuem para garantir a equidade no acesso a direitos. Este estudo tem como objetivo compreender a atuação da psicologia frente à diversidade étnico-racial na defesa dos direitos de crianças e adolescentes pertencentes aos povos tradicionais, destacando estratégias de inclusão e abordagens culturalmente sensíveis. A proposta é contribuir para uma prática psicológica pautada na justiça social e na valorização dos saberes ancestrais. Foram realizadas buscas nas bases de dados Periódicos Capes e Scopus, utilizando os descritores: infância e adolescência, defesa de direitos e diversidade. Além disso, foram revisitadas REFERÊNCIASs pertinentes, incluindo documentos normativos do CFP. A atuação psicológica deve considerar as particularidades socioculturais dos povos tradicionais, evitando abordagens padronizadas que desconsiderem suas especificidades. Costa (2014), destaca que a psicologia deve promover qualidade de vida, combater preconceitos e fortalecer a autonomia de famílias e crianças em situação de vulnerabilidade nas políticas públicas. A escuta ativa, o respeito aos saberes ancestrais e a valorização da identidade cultural são fundamentais para a efetividade das intervenções psicológicas. Ademais, deve-se atuar na sensibilização social para combater discriminações e preconceitos. Portanto, a psicologia possui papel essencial na promoção da igualdade e defesa dos direitos infantojuvenis dos povos tradicionais, sua abordagem deve ser interseccional e pautada na justiça social, garantindo que tenham seus direitos assegurados e suas culturas respeitadas. É necessário um compromisso contínuo para fortalecer as diferentes comunidades que integram nosso país e promover mudanças estruturais inclusivas.





MESAS-REDONDAS



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

1. Quando ouvimos, realmente escutamos? Reflexões sobre a escuta clínica como recurso de cuidado integral na diferença

Autor(es)/Apresentador(es):

Millene Zanoni Dias | millene.zanoni@unesp.br

Julia Andressa Romano Silva

Orientador/Co-autor:

Julia Andressa Romano Silva | juliaaromanoo@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Letícia Cabral Gonçalves Lopes | leticia.cabral.lop@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Marina Lima de Souza | marinalds2014@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Giovanna Serafim Morelli | giovannasmorelli@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Saúde Integral; Escuta decolonial; Práticas clínicas.

Resumo: A mesa-redonda “Quando ouvimos, realmente escutamos?” propõe uma reflexão sobre a escuta como prática fundamental na saúde integral, ultrapassando as limitações dos referenciais tradicionais da psicologia. A saúde integral compreende o cuidado que reconhece o sujeito em sua multidimensionalidade, envolvendo as dimensões física, mental, emocional, espiritual e social. A experiência humana é plural, relacional e conectada aos contextos físicos e simbólicos. Assim, o papel da psicologia é não só de ouvir, mas de aprender a escutar, reconhecendo o outro como sujeito ativo de sua própria história. O objetivo da mesa é promover uma reflexão crítica e decolonial sobre como práticas e saberes podem desafiar modelos hegemônicos, valorizando subjetividades marcadas por raça, gênero, sexualidade e territorialidade. Embasado em pensadores como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, que contestam a fragmentação mente-corpo e destacam saberes integrativos, o debate busca questionar os paradigmas ocidentais que desconsideram a pluralidade das experiências humanas. Cada apresentação oferece uma combinação de reflexão crítica e experiência prática. A primeira discute as lacunas no ensino superior, que ainda prioriza epistemologias eurocêntricas e negligencia a formação de uma escuta plural e contextualizada. A segunda aborda os desafios da clínica com imigrantes, onde a escuta se depara com perdas, deslocamentos e processos identitários. A terceira analisa as práticas em serviços substitutivos ao modelo manicomial, evidenciando a persistência de lógicas que invisibilizam sujeitos. A mesa destaca a escuta como um ato ético e político, capaz de transformar o cuidado e impactar os profissionais. Refletir sobre como ouvimos permite a construção de práticas mais éticas, inclusivas e alinhadas às realidades contemporâneas, promovendo um cuidado integrado e plural, que dialogue com a ancestralidade e a diversidade humana. Ao reconhecer que a escuta é atravessada por valores, culturas e relações de poder, ampliamos nossa capacidade de compreender as múltiplas realidades e histórias que nos atravessam.

2. Gênero e Políticas Públicas de Saúde Mental: enfrentamentos e desafios no cuidado de mulheres usuárias de substâncias psicoativas

Autor(es)/Apresentador(es):

Mateus Alexandre Pratas Rezende | mateusapratas@gmail.com

Daniele de Andrade Ferrazza

Bruna Rocha Pereira

Orientador/Co-autor:

Daniele De Andrade Ferrazza | daferrazza@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Bruna Rocha Pereira | bru.rochapereira@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Gênero; Saúde Mental; Psicoativos.

Resumo: Na história da humanidade o consumo de substâncias psicoativas se estabeleceu como prática comum em diferentes contextos culturais e nas mais distintas civilizações. Na contemporaneidade, no campo das Políticas Públicas de Saúde Mental, o contexto envolvendo psicoativos é marcado por uma complementaridade entre um modelo proibicionista e um paradigma psiquiátrico hospitalocêntrico medicalizante, cujas principais intervenções se caracterizam pelas internações manicomiais, por processos de medicamentação da vida e pela reprodução de violências que marcam diferentemente corpos de mulheres e homens. No entanto, em fins da década de 1980, o movimento da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial Antiproibicionista contribuíram para transformações significativas que culminaram na constituição de serviços substitutivos ao manicômio e que compõem a atual Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Diante disso, o objetivo da presente mesa-redonda é debater sobre as especificidades do uso de substâncias psicoativas realizado por mulheres atendidas em serviços de saúde mental. Nessa perspectiva, a primeira proposta objetiva elucidar o paradigma proibicionista e os diferentes estigmas que são produzidos e incidem diferencialmente em mulheres. Na segunda proposta o intuito é apresentar narrativas de mulheres que tiveram suas vidas atravessadas pelo consumo abusivo de substâncias psicoativas na busca da valorização de seus saberes, historicamente subalternizados. Por fim, a terceira proposta se dirige ao encontro com mulheres atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas com objetivo de problematizar vivências de violência de gênero e destacar potencialidades da atuação de equipes de saúde atentas aos processos de violação de direitos. Espera-se com a mesa-redonda promover debates sobre gênero, drogas e saúde mental, com destaque para problematizações das violências que afastam as mulheres dos atendimentos em saúde mental e sinalizar pistas para uma atenção psicossocial.

3. Não queremos ficar enCAPSulados, nossas vozes precisam existir

Autor(es)/Apresentador(es):

Bruna Rocha Pereira | bru.rochapereira@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Andressa Beatriz Prina Ferreira | andressabpf@gmail.com | CAPS

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial; Cuidado extramuros; Resistência.

Resumo: O movimento da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial no Brasil trouxeram importantes transformações no cuidado oferecido às pessoas em intenso sofrimento, que implicaram no redirecionamento do modelo assistencial e a criação da Rede de Atenção Psicossocial. Nesse processo, foram concebidos os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) com o intuito de promover o cuidado integral e integrado à comunidade, por meio de uma atuação clínica ampliada e politizada, que pressupõe o respeito e valorização das subjetividades e a superação de práticas de isolamento e exclusão social. No entanto, ainda hoje as pessoas atendidas nos CAPS enfrentam diversas formas de segregação e marginalização, sendo marcadas pelo estigma da loucura/doença mental/diagnóstico, que subalterniza e silencia seus saberes e discursos – ainda mais quando analisamos em intersecção com a classe social, raça e/ou etnia, orientação sexual e gênero. O silenciamento e subordinação dos seus discursos ocorre não apenas no campo social e nas práticas de saúde, mas também no âmbito epistemológico e científico. Essas relações de poder desiguais moldam a maneira como os(as) usuários(as) dos CAPS se percebem e se nomeiam, se reconhecendo (e sendo reconhecidos) apenas a partir do saber do outro, afetando sua autoestima, identidade e possibilidades de pertencimento - e no limite, de continuarem a existir. Compreendemos que o papel ético-político do exercício da psicologia não é “dar voz” às pessoas em sofrimento, mas propiciar que essas vozes sejam ouvidas, legitimadas, e integradas aos debates científicos e projetos políticos. Assim, propomos essa mesa redonda com o intuito de resgatar as narrativas de vida e saberes de usuários do CAPS, construindo esse debate com as pessoas atendidas, como forma de subverter o assujeitamento sistematicamente imposto e criar espaços de existência para além dos muros do CAPS.



INQUIETAÇÕES TEÓRICAS

1. “Sou burro mesmo, não consigo aprender”: o sofrimento e os determinantes envolvidos na produção das queixas escolares

Autor(es)/Apresentador(es):

Kettlyn Carla de Souza¹ | kettlyndesouza@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Jacsiane Pieniak² | jacsianepieniak@gmail.com | UEM

Maristela Maximovitz de Oliveira³ | maristelamaximovitz@gmail.com | UNIOESTE

Palavras-chave: Queixas escolares; Capitalismo; Desenvolvimento humano.

Resumo: A proposta desta mesa-redonda intitulada “Sou burro mesmo, não consigo aprender”: o sofrimento e os determinantes envolvidos na produção das queixas escolares, tem como objetivo refletir sobre os paradigmas dominantes que envolvem as compreensões das avaliações psicológicas e educacionais, o aumento do número de laudos e medicalização da infância, bem como a culpabilização que recai sobre o estudante e sua família. Para isso, se propõe a realização de uma análise histórica utilizando a REFERÊNCIAS referência no assunto, subdividindo-a entre as proponentes, ambas farão o desenvolvimento do debate, discorrendo sobre os seguintes temas: As queixas escolares e a medicalização da infância; A estrutura da sociedade capitalista e sua relação com as queixas escolares; A educação escolar, o sofrimento psíquico e o desenvolvimento humano a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural.

¹ Mestranda em Educação pela UNIOESTE, Profa. Universitária do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense, Psicóloga Clínica e especialista em Psicologia Histórico-cultural. Contato: (45) 99836-7311. Email: kettlyndesouza@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela UEM, Profa do curso de pós-graduação em Psicologia Histórico-cultural pela Universidade Paranaense e Psicóloga Clínica. Contato: (45) 99971-7068. Email: jacsianepieniak@gmail.com.

³ Mestranda em Educação pela UNIOESTE e Psicóloga Clínica. Contato: (45) 99907-7543. Email: maristelamaximovitz@gmail.com.

2. Saúde mental e feminismos: dos desafios histórico-epistemológicos à produção de resistência

Autor(es)/Apresentador(es):

Natália Barzaghi | natalia.barzaghi@unesp.br
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis) e Moderadora

Orientador/Co-autor:

Daniele Ferrazza | danieliferrazza@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Mariana Frediani Sant'Ana | marianafs.psico@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Estudos feministas; Luta Antimanicomial; Saúde Mental.

Resumo: A intersecção entre gênero, corpo e saúde mental é complexa e multifacetada. Ao longo dos séculos, o corpo das mulheres tem sido objeto de escrutínio, controle e interpretação por parte das sociedades. As noções de pureza/impureza presentes na antiguidade, passando pela medicina grega que via no útero a fonte de doenças, até a obsessão Moderna pela moralidade e pelos bons costumes, edificam o caminho que, a partir do final do século XVIII, promovem o encontro entre os mecanismos do Patriarcado e os pressupostos teóricos e institucionais do Modelo Manicomial. A proposta ora apresentada parte deste encontro e da necessidade de se pensar especificidades da saúde mental em relação ao feminino, em diálogo com as noções de raça e classe. Para tanto, busca-se a aproximação do fenômeno a partir de três vias: da análise da medicalização do corpo feminino, com destaque para sua constituição histórica, mas também, apontando para os desafios atuais e, sobretudo, para a produção de estratégias de enfrentamento e resistência ao poder psiquiátrico e à lógica manicomial; do estudo sobre a articulação dos processos de resistência epistemológica, que vão sendo construídos, inclusive, a partir das vivências de manicomialização de mulheres, por meio da qual se propõe uma inversão nos processos de produção do conhecimento, buscando retomar saberes tradicionais em seus movimentos; da análise e da divulgação da trajetória e das contribuições de Franca Ongaro Basaglia, como um caso de apagamento histórico e teórico mesmo dentro do movimento antimanicomial, uma mulher que fica mais conhecida no movimento apenas como esposa de Franco Basaglia. Entende-se que além de articular discussões tangentes aos estudos feministas e aqueles do campo da saúde mental, a proposta visa gerar provocações e construir espaço de resistência na medida em que convoca o público a também construir reflexões sobre o tema e, conseqüentemente, novas articulações.

3. Batalhas de rima: potência, empoderamento e letramentos “não convencionais”

Autor(es)/Apresentador(es):

Lilian Caroline Alves de Melo | liliancamelo.lm@gmail.com

Palavras-chave: Mulher negra; Batalha de rima; Rap.

Resumo: Nas culturas africanas que têm fortes raízes na tradição oral, os griots se apresentavam como contadores da história, verdadeiros cronistas sociais. Com o processo de escravização de povos africanos e a travessia pelo Atlântico, essa cultura falada foi trazida para as Américas e preservada. Pessoas cantavam suas dores e sofrimentos nas plantações, mas também suas esperanças, amores e demais emoções, sempre transmitindo suas histórias através da palavra, cantada ou falada. Ao falar sobre como a música se desenvolveu através da fala na diáspora, Cruz, (2019) traz exemplos como o reggae, que se inspira no *rhythm and blues* e nos grupos vocais negros, aproximando Caribe e Estados Unidos. Já no hip hop, há também a presença da oralidade, como se fosse um “canto falado” e que influencia o surgimento dos *Mc’s* no contexto do hip hop nos Estados Unidos e dos *Mc’s* da cena funk carioca. Minha pesquisa de Mestrado tem por objetivo investigar o papel de um grupo de batalha de rimas como um facilitador de fortalecimento da voz de mulheres negras. Por se tratar de uma pesquisa que busca conhecer a história e trajetórias de cada uma dessas mulheres, optou-se pela metodologia da Escrivivência, de Conceição Evaristo, pois a escrevivência se vale das experiências da autora para possibilitar narrativas que tratam da experiência coletiva de mulheres (SOARES; MACHADO, 2007). Quando falamos em trajetória, falamos também em aprendizados não acadêmicos. Aquele saber passado de pai para filho, cultura, histórias. Salientar a contribuição de saberes outros na conduta social “pode evidenciar determinados processos relegados ao desprezo epistemológico.” (SILVA, 2016). Já ao falar de vivência, é fundamental se ter a compreensão de que cada uma dessas mulheres é protagonista da própria história, e é esse aspecto que a presente pesquisa pretende enfatizar. Seus protagonismos serão mantidos, pois sem suas histórias, essa pesquisa não existirá. Também se entende que, ao trazer suas experiências e vivências que serão contadas através de suas próprias perspectivas, outras pessoas que nunca tiveram suas histórias contadas por sua própria ótica podem se sentir representadas.





OFICINAS



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

1. A comunicação não-violenta como técnica de apoio nos atendimentos de jovens e adolescentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Izabela Zampier dos Santos Lima Marach | bela_zampier@yahoo.com.br

Palavras-chave: Comunicação não-violenta; Atendimento psicológico; Jovens e adolescentes.

Resumo: Esta oficina tem como objetivo apresentar a Comunicação Não Violenta (CNV) como uma abordagem eficaz no atendimento psicológico de jovens e adolescentes, especialmente aqueles que enfrentam desafios relacionados a comportamentos agressivos ou conflitos. A CNV, desenvolvida por Marshall Rosenberg, é um método de comunicação focado na empatia, na escuta ativa e na expressão de sentimentos e necessidades de maneira não julgadora, proporcionando um ambiente de acolhimento e compreensão. Os objetivos da oficina incluem capacitar os profissionais a aplicarem os princípios da CNV no contexto terapêutico, promovendo uma comunicação mais assertiva e empática no atendimento a jovens em situação de vulnerabilidade, e desenvolver habilidades para lidar com conflitos de forma construtiva. A justificativa se baseia na necessidade de oferecer alternativas mais humanas e eficazes no processo de conexão com jovens e adolescentes, que frequentemente enfrentam dificuldades para expressar suas emoções e compreender as necessidades alheias. A CNV é uma ferramenta poderosa para fortalecer a relação terapeuta-cliente, oferecendo um espaço seguro para a construção de novas formas de interação. A metodologia da oficina será prática e interativa, envolvendo exposições teóricas, dinâmicas de grupo, exercícios de escuta ativa e simulações de situações clínicas. Serão usados materiais como slides explicativos, vídeos ilustrativos, e flipcharts para anotações e discussões em grupo. Os participantes terão a oportunidade de experimentar a CNV em situações simuladas, refletindo sobre sua aplicabilidade no atendimento psicológico.

2. Construindo espaços seguros na prisão: possibilidades da Psicologia na execução penal

Autor(es)/Apresentador(es):

Cintia Helena Santos | cintiasantos@depen.pr.gov.br

Orientador/Co-autor:

Ana Beatriz Semcovici | est.anasemcovici@policiapenal.pr.gov.br
Universidade Pitágoras

Maria Victoria Miosso Cardoso | est.mariacardoso@policiapenal.pr.gov.br
Universidade Positivo (UP)

Palavras-chave: Círculos restaurativos; Execução penal; Psicologia.

Resumo: A prisão nasce e tem se mantido como espaço de coerção e desenvolvimento de incapacidades, ainda que existam muitos regramentos que determinem uma função de reinserção social além da punição. Neste cenário, a atuação da Psicologia foi sendo marcada por uma visão classificatória pareada com atividades de ajustamento. O objetivo desta oficina é partilhar com os participantes a experiência de ofertar Círculos Restaurativos aos 1200 homens que cumprem pena em regime fechado na Penitenciária Estadual de Londrina II. Composto por uma psicóloga e duas estagiárias, o setor de Psicologia da unidade oferta círculos e atendimentos individuais baseados no entendimento da Justiça Restaurativa e práticas de comunicação não violenta. Os Círculos são uma proposta de Kay Pranis baseada no resgate da ancestralidade, onde os conflitos eram tratados nos grupos e através das relações, e se configuram pela construção de um espaço onde todos igualmente tem vez e voz para trazer suas histórias, valores, vulnerabilidades e potencialidades. O respeito radical a fala de cada um, sem julgamento ou aconselhamento, tem possibilitado construir espaços seguros que convidam o melhor de cada um, um processo de empoderamento da própria história, além de contextualizar as relações e construções sociais que culminam e perpetuam na prisão. A oficina será a realização de um Círculo Restaurativo com 30 pessoas que poderão experienciar a potência de um espaço seguro para o estabelecimento de relações mais respeitadas consigo, com os outros e com as coisas, inclusive com a construção de um fazer em Psicologia efetivamente comprometido com a garantia de direitos e promoção de saúde previstos em nosso código de ética.

3. Cartas para os Meus EUs

Autor(es)/Apresentador(es):

Danielle Sousa Pacheco | daniellepsipacheco@gmail.com

Palavras-chave: Autenticidade.

Resumo: Recentemente os benefícios das cartas terapêuticas estão sendo propagados em diversas publicações técnicas e não técnicas. As cartas terapêuticas são usadas para promover a reflexão, o desenvolvimento pessoal. Elas podem abordar uma variedade de temas, como emoções, relacionamentos e objetivos. Na Vivência Cartas para os Meus Eus, iremos convidar os participantes a escrever cartas para diferentes versões de si mesmo. Serão utilizados na oficina papel e caneta, disponibilizados pela apresentadora.

4. Psicologia, realidade brasileira e movimentos sociais: conhecendo a experiência da OcupaDHC

Autor(es)/Apresentador(es):

Talitha Coelho | talithapccoelho@gmail.com

Fábio Lopes

Orientador/Co-autor:

Fábio Lopes | fjolopes2@uem.br

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Palavras-chave: Círculos restaurativos; Execução penal; Psicologia.

Resumo: Há dois anos, teve início uma ocupação urbana no município de Paiçandu. Cerca de 250 famílias de trabalhadores - em sua maioria mulheres, imigrantes venezuelanos e haitianos, 570 crianças - se organizaram para lançar mão de uma alternativa já bastante conhecida na história do subdesenvolvimento brasileiro: decidiram enfrentar a precariedade das instalações irregulares e ocupar um conjunto de prédios abandonados há quase uma década por uma construtora. Desde então, formou-se uma rede de apoio composta por psicólogos, estudantes extensionistas e pós-graduandos da UEM e demais faculdades da região, reunindo educadores, sociólogos, artistas, arquitetos, médicos e outros voluntários. Em meio à diversidade de desafios, apoiadores e moradores acumularam experiências que permitiram avançar na consolidação das forças organizativas e solidárias daqueles que ousam enfrentar o sistema, resistindo às acusações de invasão, e se reconhecem enquanto trabalhadores auto associados em uma luta justa e dignificante. A ideia é que este Encontro Paranaense de Psicologia permita aos participantes demonstrar sua solidariedade a esta comunidade, comemorar seus dois anos de existência, cujo o lema escolhido para festa é “mais que um teto”, realizando uma oficina de apresentação desta história in loco, com enfoque nas intervenções da equipe de Psicologia contra o feminicídio, o racismo e a xenofobia. Os participantes poderão conhecer melhor o cotidiano de um espaço revitalizado que se tornou um exemplo de vivência solidária com atividades de mutirão semanais para cuidados com as áreas comuns (higienização e infraestrutura) e um referência de luta humanitária por priorizar a promoção de uma infância digna para as crianças e a segurança para mulheres que já estiveram em situação de violência que são acolhidas a pedido do poder judiciário. Convidamos todos os interessados a participar desta oficina, que será realizada na quinta 13 de fevereiro, as 14hs (data e hora à confirmar), e a se envolverem nessa importante iniciativa.

INQUIETAÇÕES TEÓRICAS

1. O Normal e o Psicológico: Uma Contraposição Teórica

Autor(es)/Apresentador(es):

João Carlos Orquiza | joao.carlos56@cs.up.edu.br

Palavras-chave: Normal, Psicológico; Pressões naturais; Pós- agricultura; Pequenos grupos, Ocitocina; Número de Dunbar; Saberes indígenas; Fragmentação social; Construção humanocêntrica; Harmonia social.

Resumo: Orlando Villas-Bôas, em seu testemunho registrado no documentário Don Quijote de la Selva (1998), observou: *“Nós encontramos uma sociedade estável, tranquila, uma sociedade onde ninguém manda em ninguém. [...] Na nossa sociedade moderna comandada por processos econômicos, produtivos e comerciais, não temos a menor semelhança com humanos em seu ambiente natural”*. Essa declaração sintetiza o contraste fundamental entre o “normal” humano — evidenciado por sociedades indígenas equilibradas — e o “psicológico”, uma construção artificial decorrente das pressões hierárquicas e econômicas introduzidas no pós-agricultura. Este ensaio explora a transição histórica e biológica que moldou as condições humanas, destacando como o advento da agricultura e das hierarquias institucionais fragmentou o equilíbrio social e emocional que definiu 96% da história da espécie. Referências antropológicas, como as de Gallois e Scott, e estudos biológicos sobre a ocitocina e o número de Dunbar, fundamentam a análise de que o “psicológico” é um desvio adaptativo das pressões naturais. Além disso, a obra *O Preço da Vida*, de Orquiza, é utilizada para demonstrar como o ciclo econômico contemporâneo transforma a energia humana em recurso mercantil, amplificando as condições artificiais que sustentam o “psicológico”. O ensaio conclui que a psicologia moderna deve abandonar a visão humanocêntrica do “psicológico” como norma e redescobrir o “normal”, representado pelas dinâmicas naturais de pequenos grupos humanos em equilíbrio. Para avançar, é essencial integrar abordagens biológicas e antropológicas que priorizem a harmonia social e emocional. Este ensaio, contudo, se limita a apresentar premissas críticas fundamentais que questionam o paradigma psicológico contemporâneo, sem oferecer soluções definitivas, e espera-se que essas reflexões sirvam como ponto de partida para que o meio acadêmico desenvolva alternativas fundamentadas no “normal” humano.



PÔSTERES



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

1. Tradições que Cuidam: Diálogos entre Benzedeiras e a Assistência Social no Município de Rebouças-PR

Autor(es)/Apresentador(es):

Daniel Nazar Kengerski | danielnazken@hotmail.com

Orientador/Co-autor:

Elis Daiane Ribeiro Sava | cras@reboucas.pr.gov.br
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)

Palavras-chave: Benzedeiras; Empoderamento comunitário; Assistência Social.

Resumo: Esse projeto tem como intuito, promover um espaço de sustentabilidade cultural ao assegurar que futuras gerações tenham acesso aos conhecimentos e práticas ancestrais das benzedeiras, preservando a continuidade cultural e fortalecendo a potência comunitária. Por meio do empoderamento comunitário, a ideia é revitalizar as tradições locais e valorizar saberes tradicionais como ferramentas essenciais para o bem-estar, reconhecendo as benzedeiras como agentes de cuidado com papel histórico e contemporâneo, lideranças em suas comunidades por seus saberes e “poderes” de cura (GORZONI, 2005). O método inclui um diagnóstico inicial para mapear benzedeiras ativas, rodas de conversa com profissionais do CRAS para compreender suas experiências, criando um ambiente de colaboração e respeito mútuo, uma vez que esse espaço servirá também para a troca de conhecimento e capacitação dessas mulheres, tornando-as aptas a conhecer e propagar a proteção de direitos, utilizando dos seus serviços para orientar a população sobre os acesso aos equipamentos da Assistência Social, em especial, às populações mais vulneráveis (justamente aquelas que historicamente procuram os “benzimentos”). Durante a execução, serão realizados encontros comunitários, oficinas, benzimentos coletivos e eventos, acompanhados de monitoramento contínuo para mensurar os impactos sociais e culturais. Além disso, o projeto propõe recontar narrativas ao incorporar histórias e experiências de grupos historicamente marginalizados promovendo aos profissionais e demais participantes, projetando inclusive, a possibilidade de parcerias para criação e confecção de materiais educativos que fomentem essas reflexões sobre seu próprio fazer e projetando uma prática mais inclusiva e acolhedora, tendo como alvo a comunidade. Esse trabalho reflete a necessidade de aproximar políticas públicas das práticas culturais, criando um diálogo que respeite a diversidade e amplie o acesso a serviços mais humanizados, reafirmando a importância de reconhecer as benzedeiras como protagonistas do cuidado comunitário e da promoção de modelos inclusivos e participativos de empoderamento comunitário. Palavras-chave: Benzedeiras, empoderamento comunitário, Assistência Social.

2. Relato de experiência em Psicologia no CAPS

Autor(es)/Apresentador(es):

Mara Rúbia Dias Godoy Viana | mara.rubia.dias@uel.br

Nicolle Teodoro de Souza

Palavras-chave: Saúde mental; Políticas Públicas; Centro de Atenção Psicossocial.

Resumo: O CAPS é um serviço comunitário que integra a rede de serviços de atenção psicossocial do SUS. Tem como principal objetivo acolher pessoas com transtornos mentais severos e persistentes no em um determinado território. Este trabalho objetiva relatar a experiência de estágio supervisionado em Psicologia Ênfase I, realizado no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), situado na região de Londrina-PR, no ano de 2024. No contexto acadêmico, a RE adota os princípios do rigor acadêmico-científico explicativo, por meio de uma aplicação crítica e reflexiva, fundamentada em bases teórico-epistemológicas. As percepções adquiridas no campo de atuação foram registradas em diários de campo e debatidas em supervisões acadêmicas. A fundamentação teórica deste trabalho se ancora nos princípios do movimento institucionalista e da clínica político-institucional. Entre as atividades realizadas no serviço, destacam-se: reuniões interdisciplinares, acolhimentos, realização de oficinas terapêuticas, diagnóstico institucional, discussão de casos e orientações às famílias. Dentre os resultados advindos da experiência de estágio salientamos a importância de práticas profissionais interdisciplinares e em rede. Percebemos também que as práticas clínicas visam não atender, somente, às necessidades clínicas dos pacientes, mas também as questões sociais, familiares e emocionais que impactam sua saúde mental, além de orientar nos momentos de crises dos usuários, nas atividades de suporte, auxiliando no enfrentamento, autocuidado, na socialização e no cuidado integral e no acolhimento/atendimento multidisciplinar, partindo da perspectiva teórica da Análise Institucional, ajudando na análise das normas, discursos e relações entre profissionais, usuários e familiares sobre o cuidado oferecido. Concluímos que, uma instituição CAPS não é vista apenas como um local físico, mas como um conjunto de processos e interações que estruturam o bem estar de uma comunidade ao todo, promovendo o exercício da cidadania e promovendo a inclusão social dos usuários e de suas famílias.

3. Reflexões sobre as possibilidades para a atuação do psicólogo escolar: questionando paradigmas dominantes

Autor(es)/Apresentador(es):

Estela Marins Bittencourt | estelamb.ipi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Danielle Jardim Barreto | danyposgeps@gmail.com
Faculdade Alfa Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Psicopatologização Educacional; Formação Profissional.

Resumo: Este trabalho descreve um relato de experiência realizado na disciplina de Psicologia e Relações Educacionais, explorando a crítica e a desconstrução de saberes instituídos psicopatologizantes, ainda agenciados no campo da Psicologia em territórios de escolarização no contexto de cidades interioranas do estado do Paraná. Discutir as práticas, desafios e possibilidades de atuação da psicologia escolar diante das mudanças históricas e críticas que o campo enfrenta. Revisão bibliográfica sobre o tema psicologia escolar como base para a elaboração da entrevista semiestruturada a psicólogas com experiências na educação básica da rede pública de ensino. A psicologia escolar, limitada ainda a diagnósticos clínicos e aplicações de testes, enfrenta críticas referentes às práticas hegemônicas e psicologizantes que ainda predominam nas instituições escolares brasileiras. Patto (2022), destaca a necessidade de uma abordagem crítica e social, que se afaste de práticas reducionistas e naturalizantes, propondo uma atuação multidisciplinar e coletiva, que considere as realidades sociais, culturais e históricas dos alunos. Os resultados das entrevistas apontaram a necessidade de enfrentar as barreiras institucionais, políticas e econômicas, mesmo após a promulgação da Lei 13.935/2019, que exige a presença de psicólogos nas escolas públicas. Este trabalho considera que se faz urgente que a formação em Psicologia esteja atualizada e crítica, buscando a experiência realística, através de estágios e extensões em ambientes de escolarização regular, pois, o que estamos percebendo hoje é um aumento significativo de estabelecimentos públicos e privados de atendimentos terapêuticos especializados a pessoas com deficiências ocultas e a crescente militarização e privatização de escolas públicas em nosso estado, nos dando a ver o retorno de práticas psicológicas educacionais voltadas exclusivamente para o psicodiagnóstico, intervenções específicas individualizadas e a culpabilização de famílias e da já desmascarada cientificamente- carência cultural como dispositivos causadores do mal desempenho escolar, em todos os níveis de escolarização.

4. Reinventar a escola: um desafio complexo e necessário

Autor(es)/Apresentador(es):

Estela Marins Bittencourt | estelamb.ipi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Danielle Jardim Barreto | danyposgeps@gmail.com

Faculdade Alfa Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Descolonização; Reinvenção Educacional; Protagonismo; Psicologia Escolar.

Resumo: Este trabalho apresenta questionamentos sobre os códigos dominantes nas relações escolares, sendo este território marcado pelas lógicas de controle e homogeneização. Buscando a construção do pensamento crítico na formação em Psicologia. Objetivos: Refletir sobre os desafios e caminhos para a transformação da escola diante das demandas contemporâneas. Como modalidade prática da disciplina de Psicologia e Relações Educacionais, analisou-se criticamente o documentário *Educação.doc*. As instituições escolares, historicamente, perpetuam as lógicas de controle e padronização, favorecendo a formação de subjetividades disciplinadas e mecanizadas, favorecendo certos tipos de saberes e excluindo outros. De acordo com Foucault, “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.” (Foucault, 1987, p. 168). A escola pode controlar corpos e mentes, promovendo um disciplinamento que busca tornar os mais úteis e obedientes. Esse processo está relacionado à vigilância constante e à normalização dos sujeitos, ajustando-os às exigências e aos interesses econômicos e políticos. Em Patto (2022, p. 244), acessamos o processo de que, “onde quer que existam relações de poder, existe a possibilidade de questioná-las”, neste sentido, a psicologia escolar pode contribuir com uma atuação crítica e transformadora, buscando caminhos revolucionários. O reconhecimento de saberes locais e a abertura a novas formas de aprendizagem, como o modelo colaborativo aluno-professor e o uso da internet, promovem horizontes inovadores, protagonismo do sujeito envolvido e construção de relações horizontais baseadas em trocas de experiências mútuas. Essas novas formas práticas desafiam o enclausuramento físico e epistemológico da escola, incentivando uma educação dinâmica, cooperativa e transformadora. O episódio do documentário demonstra como práticas educacionais permanecem enraizadas em uma lógica disciplinadora que molda os corpos e os saberes. Se faz necessário um esforço coletivo para superar práticas coloniais, mudanças estruturais, políticas e culturais, visando um ensino-aprendizagem crítico e conectado às realidades locais.

5. Análise Crítica de Linha na Pipa: Reflexões sobre Educação Contextualizada e Inovação Pedagógica

Autor(es)/Apresentador(es):

Karina Fonseca Ramos | karinafonsecaramos@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Danielle Jardim Barreto | danyposgeps@gmail.com
Faculdade Alfa de Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Disciplinamento; Tédio; Mudanças.

Resumo: O modelo educacional brasileiro se iniciou na colonização, com a intenção de tornar os povos originários em “pessoas civilizadas”, enquadrando-os nos padrões sociais dos colonizadores, mais tarde, reproduzido nos processos de escolarização, com o intuito de tornar pessoas aptas aos interesses capitalistas. O presente trabalho baseia-se numa resenha crítica do documentário *Escola.doc*, com direção de Luiz Bolognesi e Laís Bodanzky, buscando compreender possibilidades para atingir uma educação contextualizada à realidade dos estudantes. Expõe uma análise crítica do episódio Linha na Pipa, do documentário *Escola.doc*. O documentário foi apresentado na disciplina de Psicologia e Relações Educacionais, como referência complementar, e como base para a confecção de uma análise teórica de um episódio escolhido pelos acadêmicos individualmente. Destacamos a fala de ex-alunos, que relatam, que os conteúdos apresentados em aula são desconectados de suas realidades, expostos de forma autoritária, com diversas regras e normas que tornam o aprendizado maçante, confirmando o que Foucault (1999), afirma sobre a disciplina, que adentra indivíduos, através de um método que separa e individualiza para melhor controlar. Rocha (2000), declara que o método utilizado pela escola para *pedagogizar*, é responsável por despertar o tédio nos alunos, que naturaliza padrões de produção de conhecimento e formatos de relações. No episódio analisado, músico Emicida, fala sobre uma professora que viu sua dificuldade e transformou seu modo de ensinar, preparando um material acessível a seu entendimento, ilustrando uma prática que Beltrão (2000) desenvolve conceitualmente quando nos, afirma que a obrigatoriedade da leitura extrai sua alegria, sendo necessário adotar práticas que despertem interesse e prazer pela leitura. Conclusão: Conclui-se que através de invenções metodológicas, posição crítica e ética, é possível transformar realidades. Assim, é necessário inovar os métodos de ensino, sendo preciso que essa mudança aconteça desde a formação e que seja estimulada no decorrer da profissão.

6. Teatro e diálogo: uma jornada de aprendizado, conexão e construção de um Conhecimento Plural no Colégio Anita Garibaldi. Relatos de uma atividade extensiva

Autor(es)/Apresentador(es):

Izadora Souza | izasophiadesouza2@gmail.com

Prof. Dra. Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva

Orientador/Co-autor:

Bárbara Jeske | barbara23jeske@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Heitor Ghellere Slovinski - slovinskiheitor@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Heloisa Piacentini de Oliveira | heloisapdeoliveira@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Palavras-chave: Psicologia escolar; Habilidades Sociais; Processos Grupais.

Resumo: A psicologia escolar enfrenta desafios significativos na promoção de práticas de apoio à saúde mental em um contexto marcado por desigualdades sociais e culturais. Nesse cenário, as habilidades sociais e as relações interpessoais emergem como fundamentais para a formação de cidadãos críticos, além de contribuir para a decolonização de saberes. Desse modo, essa abordagem propõe uma reavaliação das práticas educacionais que frequentemente hierarquizam conhecimentos e excluem vozes de grupos historicamente marginalizados. Neste sentido, a atividade extensiva realizada, como componente prática curricular da disciplina de Processos Grupais, no Colégio Municipal Anita Garibaldi de Toledo, em parceria com o Circo da Alegria, buscou valorizar saberes locais e comunitários. A proposta consistiu em dinâmicas interativas e criativas, com o objetivo de promover empatia, relacionamento interpessoal e altruísmo. Ademais, a iniciativa foi motivada pela necessidade de integrar as crianças no ambiente escolar, estimular a comunicação e abordar questões essenciais para o desenvolvimento intercultural. Ressalta-se ainda que, a atividade foi estruturada em quatro etapas. Primeiramente, discutiu-se o conceito de empatia com um grupo de 15 crianças de 10 a 11 anos, proporcionando uma base conceitual. Em seguida, pequenos grupos criaram encenações teatrais que abordaram três emoções centrais: conflito, suporte e alegria. Após as apresentações, conduziu-se um diálogo aberto, em que os alunos compartilharam suas impressões e reflexões. Por fim, as crianças escreveram frases e palavras que representassem seus sentimentos e aprendizados. Os resultados demonstraram impactos significativos tanto na formação dos participantes quanto na dinâmica grupal. Em síntese, entende-se a formação em psicologia como um caráter plural, considerando as diversas formas de vida e a vivência dos indivíduos. Para isso, é essencial estabelecer contato com a comunidade, aproximando-se de sua realidade e materialidade, assim como evidenciado pela prática supervisionada.

7. Resgatando Histórias Silenciadas: A Valorização das Narrativas Femininas na Privação de Liberdade na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina/PR

Autor(es)/Apresentador(es):

Isadora Francisca Moura Doi | isadora.mouradoi@uel.br

Orientador/Co-autor:

Ana Laura Campos dos Santos | analaura.santos.campos22@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Caroline de Oliveira Costa | caroline.oliveira@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Sandra Barbosa de Souza | sandra.barbosa@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Larissa Cristina Figueiredo Ramiro | larissafig97@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Nathália Torresin de Carvalho | nathalia.torresin@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Margarida de Cássia Campos | mcassiacampos@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Patrícia Fernandes Paula-Shinobu | pfpaula@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Letícia Nhan de Almeida Araújo | leticianhanpsi@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Direitos Humanos; Privação de Liberdade; Reinserção Social.

Resumo: Iniciado em 2023, o projeto de extensão “Grades em Transgressão: Novos Horizontes de Inclusão e Inovação Social para Mulheres”, vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL), atua na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, Paraná, promovendo a reinserção social de mulheres privadas de liberdade. Tem como objetivo apresentar as ações de inclusão e reinserção social destas mulheres, buscando promover a humanização no cumprimento de pena, o fortalecimento e a formação educacional, o acesso à assistência social, saúde, inclusão profissional e política, dignidade humana, equidade de gênero e raça, auto estima, empoderamento e inovação social. O projeto integra ensino, pesquisa e extensão, envolvendo graduandos e profissionais recém-formados em articulação com parceiros locais e institucionais. As ações incluem levantamentos socioeconômicos, rodas de conversa, oficinas e minicursos, promoção de redes de apoio e incentivo à remição de pena por leitura. A equipe realiza visitas quinzenais à Cadeia Pública e reuniões regulares para planejamento, avaliação e ajuste das atividades, sempre respeitando as vivências das mulheres atendidas e buscando uma abordagem humanizadora e participativa. Por meio de atividades educativas, culturais e formativas, o projeto articula oficinas temáticas, criou uma biblioteca e estabeleceu parcerias institucionais para assegurar direitos e fomentar a inclusão social. As iniciativas abrangem educação, saúde e cidadania, com enfoque em questões de gênero, racialidade e empoderamento, destacando o papel das iniciativas extensionistas na redução das desigualdades e na promoção da dignidade humana. O sistema carcerário, construído sobre bases escravocratas e coloniais, perpetua ideologias opressoras que afetam especialmente as mulheres, submetendo-as a violências interseccionadas por raça, classe e gênero. Nesse sentido, o projeto possibilita proporcionar momentos de reflexão crítica e dialógicas para as mulheres encarceradas por meio educativo-político-artístico-cultural-recreativo, possibilidade de ressignificação.

8. Memórias Compartilhadas: Resgate de Memórias e Resignificação com um grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

Autor(es)/Apresentador(es):

Elis Daiane Ribeiro Sava | cras@reboucas.pr.gov.br

Daniel Nazar Kengerski

Orientador/Co-autor:

Daniel Nazar Kengerski | danielnazken@hotmail.com
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)

Palavras-chave: SCFV; Envelhecimento/Reminiscência; Vínculos Sociais.

Resumo: Este estudo apresenta um relato de experiência do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Idosos do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Rebouças, no Paraná. Partimos do entendimento de que o envelhecimento é um processo biológico e natural. No entanto, a idade avançada tem sido associada a estereótipos negativos, que limitam as possibilidades e as expectativas das pessoas idosas. Diante deste cenário, o SCFV é uma iniciativa da Proteção Social Básica do SUAS, que visa prevenir e fortalecer vínculos, promovendo o desenvolvimento integral dos usuários e auxiliando-os a superar vulnerabilidades. Ancorados em uma perspectiva bourdieusiana, compreendemos as estruturas sociais e as práticas individuais de forma relacional (Bourdieu, 2004). Diante disso, o objetivo deste estudo foi analisar os impactos da utilização da reminiscência em encontros do SCFV para idosos. A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, análise de fotos e aplicação de entrevista coletiva. Este estudo traz algumas análises sobre o processo de envelhecimento no município e a função do SCFV, na resgate da autoestima e na melhoria da qualidade de vida dos participantes. Compreender as estruturas sociais que moldam a experiência do envelhecimento, bem como a importância das raízes culturais desses agentes, é fundamental para entender como o SCFV pode efetivamente resgatar a autoestima e a melhoria da qualidade de vida. Os resultados indicaram que a prática promoveu a expressão de emoções, a troca de experiências e o fortalecimento dos laços afetivos através da narrativa de histórias entre os participantes, contribuindo para criar um senso de comunidade e pertencimento, estreitando os laços entre si. Concluímos que, ao proporcionar um espaço para a troca de memórias, promovemos uma sociedade mais humana e conectada, que valoriza a história e a cultura de seus cidadãos.

9. O que floresce pelo movimento estudantil: relato de experiência em um centro acadêmico

Autor(es)/Apresentador(es):

Gabrielly Lavagnoli | gabriellylavagnoli@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Sophia Silva Colmenero de Oliveira | sophia100515@hotmail.com
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) - Câmpus Toledo

Palavras-chave: Centro Acadêmico, Pertencimento Estudantil, Movimento Estudantil.

Resumo: Com 18 anos de trajetória, o Centro Acadêmico de Psicologia de Toledo PUCPR (CAPTO) consolidou-se como um espaço de luta pela democratização do ensino, fortalecendo laços na comunidade acadêmica e no diálogo com a sociedade. Tem sido um agente ativo na construção de iniciativas que ampliam o acesso ao conhecimento, fomentam a participação estudantil e reafirmam seu compromisso com uma formação crítica e engajada. Fazer parte do CAPTO proporciona uma vivência plural e enriquecedora, contribuindo para uma formação acadêmica, profissional e humana mais sólida e transformadora. Objetivos: Relatar o impacto do CAPTO no curso de Psicologia da PUCPR e nos estudantes, com ênfase nos membros do Centro Acadêmico. Relatar o impacto do CAPTO no curso de Psicologia da PUCPR e nos estudantes, com ênfase nos membros do Centro Acadêmico. Foi realizada uma pesquisa documental, centrada na trajetória e valores do CAPTO, aliada à análise de relatos de experiências de duas integrantes. A organização dos dados seguiu os princípios da Análise Temática, permitindo a identificação de elementos centrais que caracterizam a atuação e impacto do Centro Acadêmico ao longo de seus 18 anos de existência e, em especial, na trajetória acadêmica, profissional e pessoal das autoras. O CAPTO aprimorou sua atuação na comunidade acadêmica e externa, mantendo-se alinhado aos valores de defesa dos direitos humanos e respeito à pluralidade. O movimento estudantil potencializou o ensino, promovendo eventos como as Semanas Acadêmicas, que se tornaram o maior evento do curso. Recentemente, intensificou sua atuação no fortalecimento de vínculos, auxiliando na recuperação da identidade e sensação de pertencimento pós- pandemia. Além disso, a experiência no CAPTO proporcionou o desenvolvimento de habilidades como liderança, organização e networking, além da criação de laços afetivos fundamentais ao movimento estudantil. O CAPTO impulsiona o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes, oferecendo experiências enriquecedoras que vão além da sala de aula e proporcionando desafios e oportunidades únicas aos seus integrantes.



INQUIETAÇÕES TEÓRICAS

1. Os sonhos e a pandemia: perspectivas de análise dos afetos emergentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Luísa Paiva Pagani | analuisapagani@gmail.com

Palavras-chave: Sonhos; Perspectivismo; Pandemia.

Resumo: Experiências coletivamente traumáticas, como foi o caso da pandemia de COVID-19, que escancaram o embate constante entre a vida e a morte, têm impactos significativos nos modos de subjetivação, manifestando-se também na vida onírica. A presente pesquisa tem por objetivo conhecer quais os impactos da pandemia sobre as produções oníricas dos brasileiros. Sua organização terá dois momentos: primeiro buscará aporte teórico em autores contemporâneos brasileiros da psicanálise e da perspectiva ameríndia, procurando levantar perspectivas de análise acerca da elaboração dessa catástrofe e seus desdobramentos afetivos. Na sequência serão levantados em documentos de domínio público relatos de sonhos sobre a pandemia e seus impactos no cotidiano relacional. Ao final da pesquisa será possível conhecer parte dos desdobramentos afetivos advindos da pandemia pela via do sonho. A presente pesquisa será realizada através da metodologia qualitativa, a fim de apreender algumas das questões afetivas e relacionais dos sonhos durante a pandemia. Tal metodologia visa a problematização e análise das complexidades da vida humana na produção de conhecimento, obtendo respostas sempre parciais e localizadas em um tempo histórico e cultural específico. Por essa via, o estudo dos sonhos e seus afetos por meio da metodologia qualitativa pode corroborar numa composição ainda latente dos afetos emergentes na pandemia e nas possibilidades de elaboração dessa catástrofe que marcou nossa sociedade histórica, econômica e culturalmente. Tendo em vista a direção a novas possibilidades de se relacionar com o afeto e com o mundo, necessárias à manutenção da vida e das relações, a pesquisa questiona: podem os sonhos ter caráter modificador na vida de vigília do sonhador? De que maneira? Podemos compreendê-los melhor diante da multiplicidade cultural e subjetiva a que temos acesso?

2. A periodização do desenvolvimento humano a partir da psicologia histórico-cultural

Autor(es)/Apresentador(es):

Estela Marins Bittencourt | estelamb.ipi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Débora Mendes Baggio | psicologadeborabaggio@gmail.com
Faculdade Alfa de Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano, Psicologia Histórico Cultural, Mediação.

Resumo: Este Resumo: apresenta uma análise sobre o desenvolvimento humano a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento, que contrapõe-se a teorias psicológicas clássicas, baseadas em critérios cronológicos. A Psicologia histórico-cultural destaca a importância dos aspectos culturais e sociais no desenvolvimento, enfatizando a relação entre condições concretas de vida e o desenvolvimento humano. Ampliando a noção de historicidade, subjetividade e psiquismo ao oferecer uma compreensão abrangente do processo de humanização. Analisar a periodização do desenvolvimento humano sob perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, as atividades dominantes, as crises e as mediações sociais que constituem os diferentes períodos e o processo de humanização, enfatizando a ação do contexto cultural, histórico na construção do psiquismo e subjetividade. Revisão bibliográfica da periodização do desenvolvimento humano nas obras de Vygotsky e Leontiev. O interesse pelo estudo da infância e seu desenvolvimento é recente. Por muito tempo, fatores biológicos, hereditários e naturais foram considerados os principais determinantes desse processo. Em contraposição, a psicologia Histórico-Cultural considera o desenvolvimento humano como mediado por multideterminantes sociais, culturais e históricos, entrelaçados aos fatores biológicos. Integrando o conceito de atividades dominantes, moldadas pelo contexto social e cultural, a teoria questiona marcos universais que padronizam o desenvolvimento humano e anulam as diversidades culturais. Vygotsky e Leontiev oferecem uma perspectiva inovadora ao incorporar as mediações sociais e culturais, ampliando a compreensão e valorização dos saberes culturais. O desenvolvimento humano é um processo espiral e dialético, marcado por períodos de estabilidade e crises para a construção da personalidade e das funções psicológicas superiores. A mediação desempenha um papel importante na internalização e transformação das funções elementares em complexas. Na periodização histórico-cultural, destaca-se a importância do contexto cultural, reconhecendo que cada período resulta de uma construção histórica, determinada por contradições entre os processos biológicos e culturais.

3. Mulheres com endometriose e violência institucional: Quem pode falar da dor?

Autor(es)/Apresentador(es):

Giovana Assis | giovana.pereiradeassis@uel.br

Bruna Poletto Ribeiro

Orientador/Co-autor:

Bruna Poletto Ribeiro | bruna.polettoribeiro@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Pedro Henrique Silva Santos | pedro.h.santos@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Mulheres; Endometriose; Violência institucional.

Resumo: A endometriose é uma doença inflamatória crônica caracterizada pela presença de tecido semelhante ao endométrio fora da cavidade uterina, causando dores pélvicas e outros sintomas que podem ter como consequência a infertilidade. Estima-se que a doença afete cerca 6,5 milhões de mulheres brasileiras (BRASIL, 2022). Nesse contexto, é necessária uma rede de assistência integral à mulher envolvendo o acesso à informação e serviços de saúde qualificados para a desmistificação de estigmas e integração de saberes biomédicos, culturais e sociais. No entanto, observa-se nos serviços de saúde públicos a banalização da dor dessas mulheres, que demoram a ter o diagnóstico e tratamento necessário, vivendo situações de violência institucional em uma circunstância de vulnerabilidade. Nessa pesquisa, definimos violência institucional como ações ou omissões praticadas por instituições prestadoras de serviços públicos, que resultam em tratamento desumano, negligência ou discriminação contra os usuários (SOCIAL.ORG.BR, 2004). Nesse viés, temos como objetivo investigar como o saber biomédico em uma lógica colonial e normativa contribui para a vivência subjetiva de violação, não só do corpo, mas da subjetividade dessas mulheres, que tem o saber sobre si questionado, refletindo dessa forma sobre o papel do psicólogo nesse processo de adoecimento. Para tanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica, buscando em bases de dados análises sobre o trabalho com mulheres com endometriose que subvertem o posto dentro do sistema público de saúde. Nesse panorama, podemos observar como o dispositivo de gênero perpassa essas práticas institucionais, que desde suas proposições se ancoram em uma perspectiva generalista e fragmentada do corpo feminino, que dá enfoque majoritariamente ao materno e negligencia outras facetas da vivência feminina (CASTRO; FRANCO, 2018). Por fim, conclui-se que a psicologia, ao articular-se com esses saberes, pode atuar como uma ponte para o reconhecimento da subjetividade e dor dessas mulheres, promovendo práticas mais humanizadas.

4. A Construção da Subjetividade na vivência da Pessoa em Situação de Rua

Autor(es)/Apresentador(es):

Danielle Araujo de Souza Amaral¹ | daniellearaujo.psi@gmail.com

Orientador/Co-autor:

Débora Mendes Baggio² | psicologadeborabaggio@gmail.com
Faculdade Alfa de Umuarama (UniAlfa)

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua; Subjetividade; Exclusão-social.

Resumo: Os processos históricos e sociais que produzem a população em situação de rua consolidados pela desigualdade social, operam pela concentração de riqueza e manutenção da propriedade privada, que exclui contingentes populacionais de recursos básicos e exposição a situações de risco, vulnerabilidades e violências, materializadas na subjetividade destes. O objetivo deste trabalho é lançar olhar para o processo de constituição da subjetividade de pessoas em situação de rua e o sofrimento psicossocial decorrente desta vivência. Revisão bibliográfica subsidiada pelo arcabouço teórico da psicologia histórico-cultural. Num processo dialético e relacional, a humanidade se organizou de diversas formas, passando por crises, superações e transformações, a mais recente: o capitalismo. Para sua manutenção, este cria e dispõe de instituições normatizadoras, moralizadoras, disciplinadoras e punitivas, como o Estado, família, escola e religião, que operam pela lógica branco, hetero e burguesa, para produção de sujeitos ditos aptos. Analisando o processo de colonização, podemos identificar a relação entre a força destas instituições e a resistência dos povos originários à elas, o que os coloca à margem e sujeitos a situações de vulnerabilidade social, como a situação de rua. Compreendendo a subjetividade enquanto reflexo ideal do mundo real, e tomando a prerrogativa de que sua construção acontece na dialética sujeito-ambiente, o psiquismo é determinado por condições objetivas de vida. Na rua, a constituição se dá pela marginalidade e desumanização, obscurecendo as potencialidades. Na defesa do sujeito enquanto “potencialidade de desenvolvimento mediado pelas intersubjetividades e atividades”, a Psicologia não pode compactuar com reprodução de determinismos e omissões frente ao fenômeno da população em situação de rua. Devendo em suas teorias subsidiar a compreensão de “quais os ingredientes psicossociais que sustentam os discursos dos excluídos no plano intra intersubjetivo e o que custa a exclusão a longo prazo em termos de sofrimento”.

¹ Apresentadora: Psicóloga pela Universidade Paranaense (UNIPAR); E-mail: daniellearaujo.psi@gmail.com;

² Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade UniALFA de Umuarama,
E-mail: debora@alfaumuarama.edu.br

5. Os sonhos e a pandemia: perspectivas de análise dos afetos emergentes

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Luísa Paiva Pagani - analuisapagani@gmail.com

Palavras-chave: Sonhos; Perspectivismo; Pandemia.

Resumo: Experiências coletivamente traumáticas, como foi o caso da pandemia de COVID-19, que escancaram o terror da morte, têm impactos significativos nos modos de subjetivação, manifestando-se também na vida onírica. A presente pesquisa tem por objetivo conhecer quais os impactos da pandemia sobre as produções oníricas dos brasileiros, com foco na população ameríndia. Sua organização terá dois momentos: primeiro buscará aporte teórico em autores contemporâneos brasileiros da psicanálise e do perspectivismo ameríndio, procurando levantar perspectivas de análise acerca da elaboração dessa catástrofe e seus desdobramentos afetivos. Na sequência serão levantados em documentos de domínio público relatos de sonhos tidos durante a pandemia e seus impactos no cotidiano relacional. Ao final da pesquisa será possível conhecer parte dos desdobramentos afetivos advindos da pandemia pela via do sonho. A presente pesquisa será realizada através da metodologia qualitativa, a fim de apreender algumas das questões afetivas e relacionais dos sonhos durante a pandemia. Tal metodologia visa a problematização e análise das complexidades da vida humana na produção de conhecimento, obtendo respostas sempre parciais e localizadas em um tempo histórico e cultural específico. Por essa via, o estudo dos sonhos e seus afetos por meio da metodologia qualitativa pode corroborar numa composição ainda latente dos afetos emergentes na pandemia e nas possibilidades de elaboração dessa catástrofe que marcou nossa sociedade histórica, econômica e culturalmente. Tendo em vista a direção a novas possibilidades de se relacionar com o afeto e com o mundo, necessárias à manutenção da vida e das relações, a pesquisa questiona: podem os sonhos ter caráter modificador na vida de vigília do sonhador? De que maneira? Podemos compreendê-los melhor diante da multiplicidade cultural e subjetiva a que temos acesso?

6. Uma História de Esperança

Autor(es)/Apresentador(es):

Rebeka Pessoa de Almeida | rebeka.almeida@uel.br

Isadora Ribeiro Bonani

Orientador/Co-autor:

Isadora Ribeiro Bonani | isadora.bonani@hotmail.com

Pós-Graduação em Saúde Mental e Relações étnico-raciais: Perspectivas Contracoloniais e Afrodiaspóricas | Instituto Parentes

Palavras-chave: Necropolítica; TekopViolência e Resistência no filme: “Preciosa: Uma História de Esperança” orã; Resistência.

Resumo: O filme Preciosa: Uma História de Esperança (2009), narra a trajetória de Claireece Preciosa Jones, uma adolescente negra, gorda e analfabeta, grávida pela segunda vez em decorrência de abusos sexuais cometidos pelo pai. O enredo evidencia a interseção entre violências de gênero, institucionais, econômicas, racismo e gordofobia. Este ensaio analisa o filme a partir dos conceitos de “necropolítica”, de Achille Mbembe, e “tekoporã”, de Suely Rolnik. Mbembe (2016), define a necropolítica como o poder de determinar quais vidas merecem proteção e quais são passíveis de descarte, estruturando regimes de opressão como a colonialidade, que se refere à persistência das hierarquias coloniais nas sociedades contemporâneas, reproduzindo desigualdades raciais, econômicas e políticas. No filme, esse necropoder se manifesta na exclusão sistemática da protagonista por instituições que deveriam garantir seus direitos. A escola, por exemplo, atua como um dispositivo de controle, apresentado na percepção de Preciosa sobre sua própria condição: “Há algo errado com essas provas. Estas provas me fazem parecer uma ignorante. Fazem parecer que eu, minha mãe e toda minha família parecemos idiotas. Um bando de negros, sujos e feios. Que serão eliminados. [...] Às vezes eu quero morrer. Eu levaria numa boa, eu acho” (Preciosa, 2006). A protagonista sofre a subjetivação de seu corpo como eliminável. No entanto, a narrativa também ilustra a potência de “tekoporã”, conceito guarani que, segundo Rolnik (2022), expressa um modo de existir em composição com outros corpos de maneira boa e bela. Esse princípio se manifesta quando Preciosa ingressa em uma escola alternativa, onde ressignifica sua história e constrói novas relações, rompendo com o ciclo de violência. Assim, o filme não apenas expõe a engrenagem necropolítica que captura corpos subalternizados, mas também traz à tona a resistência que emerge dos encontros potentes, nos quais o *tekoporã* se manifesta como força vital e criação de novos mundos.

7. Violências banalizadas em nome do amor: uma análise crítica sobre a monogamia

Autor(es)/Apresentador(es):

Emily dos Santos

Orientador/Co-autor:

Ana Priscilla Christiano | ana.christiano@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) - Campus Londrina

Emily dos Santos | emily.psicoo@gmail.com

Palavras-chave: Violência; Monogamia; Colonial.

Resumo: Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) 83,7% dos casos de feminicídio foram praticados por relacionamentos constituídos a partir da lógica monogâmica ocidental, modelo considerado sinônimo de amor e cuidado, o que evidencia sua naturalização nas sociedades ocidentais. Dessa forma, o presente trabalho buscou analisar a relação entre a imposição da monogamia e as violências praticadas contra às mulheres, a partir de uma metodologia qualitativa bibliográfica, onde as análises críticas inspiraram-se numa metodologia histórica-dialética. Observou-se que, desde o que é descrito como surgimento da monogamia, ela carrega consigo a inferiorização, exploração e violência contra as mulheres (Dabhoiwala, 2013; Engels, 1884 [2019]; Núñez, 2023; Poster, 1979; Vassalo, 2022), sendo imposta no Brasil pela cultura ocidental através do projeto colonial que perdura até os dias atuais (Del Priore, 2005; Moreira, 2018; Núñez, Oliveira e Lago 2021; Núñez, 2023), sendo expresso por importantes mecanismos de controle social, como a religião cristã e a legislação brasileira, contribuindo para sua romantização e naturalização, em especial, no campo da psicologia, uma vez que a psicologia brasileira, inserida nesse contexto, é marcada pela colonização, reproduzindo a ideologia monogâmica, mesmo àqueles corpos que não são favorecidos por essa estrutura, ou fogem à lógica dominante dessa cultura. Por outro lado, Núñez, Oliveira e Lago (2021) ao defender considerações guarani sobre uma perspectiva não monogâmica, citam que essas se baseiam na relação cultivada com a terra e com a vida, onde as noções de propriedade privada e hierarquia não seguem a lógica ocidental, logo, a comparação, a competição e o sofrimento não se apresentam da mesma forma. Portanto, considerando que a monogamia, fazendo parte do projeto colonial, carrega, em sua estrutura marcas de inúmeras opressões, se faz necessário o cultivo de perspectivas ancestrais de modos de relacionamento, que não carregam consigo essas marcas coloniais.

8. Witral-Tear Mapuche e seu artesanato como ferramenta terapêutica

Autor(es)/Apresentador(es):

Ananda Maquehue | nandamaquehue@gmail.com

Palavras-chave: Witral-Tear Mapuche; Povo Mapuche; Artesanato Indígena; Ferramenta terapêutica; Psicologia Indígena.

Resumo: O presente estudo sobre o Witral- Tear Mapuche como ferramenta terapêutica, tem o objetivo de evidenciar o artesanato indígena possibilitando um resgate de identidade, através de sua cultura, tradições, de seus costumes, de seu artesanato que é uma prática ancestral, que vai desde sustento econômico, passando pelo lugar de pertencimento, ancestralidade, continuidade e divulgação da cultura, chegando até a questão da visibilidade, tão importante para os povos indígenas. A pessoa indígena que não consegue manter costumes tradicionais e práticas de sua cultura por diversas situações que envolvem as consequências do processo da colonização, pode apresentar dificuldade de reconhecer suas raízes, sua ancestralidade, seu lugar de pertencimento, sua identidade como indígena, resultando em adoecimento psíquico. Para a população indígena, e suas diversas etnias e culturas, o artesanato é algo muito presente em seus costumes e tradições fazendo parte de seus trabalhos manuais. A presente revisão narrativa realizou pesquisa bibliográfica explorando os tópicos Psicologia e Saúde mental no contexto indígena; Povo Mapuche: Origem, cosmovisão, cultura, identidade; Witral: o artesanato, o desenvolvimento, a cosmovisão, e a prática do Tecer para o povo Mapuche; Trabalho manual e artesanato indígena; e Arteterapia e o artesanato no witral como ferramentas terapêuticas: correlações de saberes. Estes tópicos, somados, permitem analisar o papel do artesanato e o processo de desenvolvimento no witral como um caminho para o resgate e reconhecimento da identidade indígena e sua resistência. Sendo assim, uma ferramenta terapêutica na promoção da saúde mental e bem-estar.

9. Enlaces entre escrita feminina e experiência analítica: um fazer ancestral

Autor(es)/Apresentador(es):

Maria Clara Iwai Baracat | mariaclara.baracat@uel.br

Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto

Orientador/Co-autor:

Raíssa Mendonça de Carvalho | raissa.mendonca002@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto | segattolivia@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Palavras-chave: Escrita feminina; Ancestralidade; Psicanálise.

Resumo: A posição feminina se inscreve no campo discursivo enquanto construção, passando por deslocamentos ao longo do tempo. Logo, se apresenta uma proliferação incessante de afirmativas e negativas sobre o feminino, delimitando uma posição do sujeito-mulher, marcada enquanto lugar de possibilidade única: a constituição da família, de forma passiva e controlada. Historicamente, mulheres em variados contextos buscaram maneiras de construção de mundos outros, dentre elas a escrita marcadamente feminina. Neste trabalho, objetivou-se explorar aspectos emergentes do enlace entre psicoterapia e escrita feminina enquanto ferramenta subjetiva e sublimatória de recuperação de narrativas. Metodologicamente, tencionamos a verificação do fazer analítico e simultaneamente ancestral da escrita feminina, em consonância com aquilo que se apresenta nos processos clínicos vivenciados e estudados pelas pesquisadoras. A recusa por ouvir mulheres instigou novas práticas psicológicas, artísticas e de produção de subjetividade. A abertura de Freud à escuta de mulheres apresentou limites, já que as reais necessidades das mulheres não foram inteiramente atendidas. Insatisfeitas em ocupar a posição de “Outro do discurso”, a escrita foi sendo construída dentro de uma política de subjetivação discursiva, uma vez que os escritos se produziam, mas não circulavam como os dos homens. Em defesa do pulsional e da diferença, a escrita feminina se afirma enquanto ancestral, pois o poder de transmissão da herança material, afetiva e simbólica transcende o genealógico e se coloca como um recurso identificatório de si e do outro, remontando e reafirmando a mulher como ser desejante. A escrita como um recurso simbólico denuncia as violências sofridas, onde, na impossibilidade de falar, o escrever se torna uma ferramenta para que sejam ouvidas, podendo servir como recurso psicoterapêutico. Conclui-se que, o resgate de narrativas femininas é importante ao passo que promove as mulheres um espaço de subjetivação e de elaboração singular, as fortalecendo enquanto sujeitos que se reconhecem enquanto desejantes.

10. Análise do filme “Uma História de Amor e Fúria” a partir do Pensamento Decolonial

Autor(es)/Apresentador(es):

Ana Paula Kürten | anakurten@ufpr.br

Joanneliese de Lucas Freitas

Orientador/Co-autor:

Joanneliese de Lucas Freitas | joanne@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Palavras-chave: Pensamento Decolonial; Fenomenologia Crítica; História do Brasil.

Resumo: O trabalho analisa o filme “Uma História de Amor e Fúria” (2013) sob a ótica do Pensamento Decolonial e da Fenomenologia Crítica, com o objetivo de desconstruir a narrativa hegemônica da história do Brasil e revelar as estruturas de poder que perpetuam a colonialidade. O filme, uma animação adulta, acompanha a trajetória de um guerreiro indígena imortal, Abeguar, que reencarna em diferentes personagens ao longo da história brasileira, sempre ligado ao seu amor por Janaína. A análise examina como o filme retrata a história do Brasil, focando em eventos e figuras historicamente marginalizadas, e conecta esses eventos à persistência da colonialidade no país. A narrativa fílmica, com seu protagonista imortal que vive através de diferentes épocas, serve como metáfora para a resistência contínua contra a opressão. O trabalho utiliza conceitos noções de poder a partir da colonialidade a metáfora de “Anhangá” trazida no filme como representação das forças de dominação, explorando a relação entre amor, luta e resistência na construção da identidade brasileira.

11. Psicologia nos Processos de Educação Escolar e Saúde Indígena na Terra indígena Rio das Cobras/PR

Autor(es)/Apresentador(es):

Ayla Krig Si Wollinger Fernandes | aylawollinger@gmail.com

Norma da Luz Ferrarini

Francine Rocha

Orientador/Co-autor:

Norma da Luz Ferrarini | normadaluzf@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Francine Rocha | francine.rocha@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Palavras-chave: Psicologia Intercultural; Atuação profissional; Povos indígenas.

Resumo: A Psicologia, enquanto campo do saber e da prática profissional, tem historicamente negligenciado as especificidades do trabalho com povos indígenas. Apesar da ampla diversidade sociocultural dos povos originários no Brasil, há uma escassez de estudos e materiais que abordem a temática, resultando em lacunas na formação e atuação de profissionais da Psicologia. Esse contexto gera um desamparo tanto para os próprios indígenas quanto para os psicólogos(as) que buscam trabalhar com essa população. A presente pesquisa é demanda da autora, que é indígena Kaingang e graduanda em Psicologia na UFPR. Tem como objetivo investigar a relação entre a Psicologia e a população indígena na Terra Indígena de Rio das Cobras/PR, identificando desafios e oportunidades, através da presença da psicologia atuando nos contextos da educação escolar e da saúde indígena, e assim, compreender as possibilidades para práticas que sejam adaptadas às suas especificidades culturais ante o que é ensinado na Psicologia, quando se exige um diálogo com epistemologias e cosmovisões dos povos indígenas. Os métodos qualitativos utilizados são Etnografia e Estudo de caso, com entrevistas semiestruturadas realizadas na Terra Indígena. Foram conduzidas duas entrevistas exploratórias e seis semi estruturadas, respeitando princípios éticos e culturais, com profissionais da educação escolar e da saúde (física e mental), tanto indígenas quanto não indígenas. Os dados apontam para uma atuação limitada da Psicologia no contexto indígena, marcada pela falta de recursos humanos, financeiros e materiais. Os profissionais entrevistados demonstram uma compreensão variada sobre a Psicologia e sua relevância para os povos indígenas, evidenciando tanto a necessidade de maior presença de psicólogos(as) nesses territórios quanto a urgência de capacitação adequada para que a atuação seja ética e respeitosa às especificidades culturais.





APRESENTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

1. Autoconhecimento através do questionamento intrínseco

Autor(es)/Apresentador(es):

Danielle Sousa Pacheco | daniellepsipacheco@gmail.com

Palavras-chave: Desenvolvimento Pessoal; Autenticidade.

Resumo: Os livros da autora abordam a busca pela autenticidade humana através da investigação intrínseca, sem fórmulas, respeitando a multiplicidade de contextos e a complexidade humana. Os livros estão disponíveis no Amazon. A psicóloga já participou da Bienal do Rio de Janeiro, da Bienal de São Paulo e da Bienal da Bahia.

Resumo: Estranho Novo Mundo

Sabe aquele momento que a sua mente parece que vai explodir, de tanta vontade de dividir com os outros o que você está sentindo, pensando e vivendo? Então, esse livro é fruto de um período que aprendi muitas coisas e desaprendi muitas outras. Ele é feito para ser uma conversa sincera, de coração aberto. É sobre uma busca por uma vida autêntica e com mais significado. **ESTÁ PRONTO PARA ESTA JORNADA?**

Resumo: Meu Novo Eu

Sabe aquele momento que você não se percebe mais como antes? Assim como o primeiro livro da autora, O Estranho Novo Mundo, esse livro chama a leitora para um momento de questionamento, de discursões de como a vida pode ser mais autêntica e com significado se nos dedicarmos a deixar a transformação inerente em todos nós, agir.

E quem sabe assim, encontrar, um Novo Eu.

Está preparada para essa nova jornada?

2. “Morri, renasci, de cinzas trancheiras revivi: Jake Bright em A FALECIDA”

Autor(es)/Apresentador(es):

Beti Clarão Anderman Mazalotti | beticlarao@gmail.com

Palavras-chave: Transgeneridade; Trans não binária; Transição de gênero.

Resumo: Nesse show, Jake Bright, o drag queer de Beti Clarão, performa trazendo à tona reflexões sobre transgeneridade, não binariedade, neurodivergência e luta antimanicomial, tudo isso por meio de uma experiência musical. O som de Jake, marcado por rimas ácidas e refrões chicletes, problematiza o padrão normativo e reivindica a liberdade dos corpos dissidentes.

Segue a setlist do show:

- 1) Boyceta Biológico (1min45s)
- 2) Fala mal (4min04s)
- 3) Transfóbico de merda (1min56s)
- 4) Boyceta de vestido (2min58s)
- 5) B não é de biscoito (2min42)
- 6) Não binária futurista (2min30s)
- 7) Saúde antimanicomial (2min44s)
- 8) Vamo emboycetar (2min35s)
- 9) TDAH (não vou me odiar) 5min
- 10) A falecida (2min28s)

O título do show é uma referência à música “A falecida”, que fala sobre a minha transição de gênero e a minha relação com o meu eu anterior a ela. Essa relação passado/presente dialoga diretamente com o tema do evento, tendo em mente que a história das pessoas trans deve ser contada por uma perspectiva decolonial e que o futuro, além de ancestral, seja também transcestral. O tempo previsto do show é de 30min, sendo ele preenchido pela performance das músicas presentes na setlist. Grande parte delas estão presentes no Spotify e YouTube, 2 são inéditas. Irei cantar as músicas e interagir com o público, no modelo show de Rap. Caso seja necessário reduzir ou aumentar o repertório, me sinalizem que é bem tranquilo pra mim, sou super flexível. O valor proposto para o show é de 1.000 reais caso seja 30min. Caso seja possível acrescentar outras músicas e aumentar o repertório, proponho o valor de 2.000 para 1 hora de show. Só peço que me sinalizem qual opção é a ideal, eu topo ambas (:

3. Deixe a dor sair

Autor(es)/Apresentador(es):

Andressa Beatriz Prina Ferreira | andressabpf@gmail.com

Palavras-chave: Sofrimento; Resistência; Arte.

Resumo: APRESENTAÇÃO CULTURAL NA MODALIDADE ARTES DE RUA - SLAM

A apresentação será a performance ao vivo de um slam, com textos produzidos pela autora a partir de suas vivências, as quais refletem a respeito da violência de gênero, exclusão social, sofrimento mental e políticas de tratamento. A apresentação nesse congresso se propõe a construir saberes acerca da loucura e do cuidado em saúde mental a partir das narrativas de quem experiência esses fenômenos, para que possa ter seus saberes legitimados e decolonizados, podendo falar por si e não ser apenas objeto das falas dos especialistas.

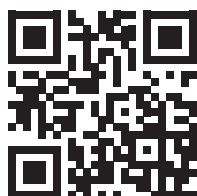
Tempo de duração: 15 minutos.

Termo de autorização

Autorizo o Conselho Regional de Psicologia do Paraná a divulgar imagens da presente obra/trabalho, submetido ao XVIII Encontro Paranaense de Psicologia em suas redes sociais e outros veículos de comunicação.

Informamos ainda que o vídeo não foi carregado na página do evento pois só são suportados arquivos de texto (.pdf, .txt, .doc, .docx, .odt). Nos colocamos a disposição para enviar o vídeo de outros modos que forem necessários a essa submissão.

Acesse o link da apresentação:



bit.ly/42Rpu9D

4. Alívio

Autor(es)/Apresentador(es):

Oak Tonet Assad¹ | oaktonetassad@gmail.com

Palavras-chave: Expressão; Arte; Poesia.

Resumo:

Invade a alma a todo segundo
Cada detalhe desse mundo
Seja hostil ou carinhoso
Logo, me vejo ansioso!!!

O coração quer falar
Mas como desconhece...
O que cantar?
Se o tumulto me entorpece...

Por meio de muitos instrumentos
Pincel, agulha, piano
Corre um mar de sentimentos
Profissional ou mediano

nada inporta a perfeição

Para a cura também digo não,
Não sei quem é louco ou são!
Mas de uma coisa tenho certeza
Arte é minha natureza!

Ela me deixar existir
O Eu vejo surgir
Em passos rápidos ou lentos
Dou forma aos pensamentos

Toda confusão tem seu lugar
E cada um, seu jeito de pintar
Abstrato ou coerente
Desprender-se da corrente

Da arte surge o bem-estar
E também lança o mal no ar
Deixa viver o controverso
Nos opostos Eu imerso

Viva na Arte!
Ser Humano ou Ser Animal
Viva toda parte!
Demoníaca ou Angelical.

Oak Tonet Assad

Sobre a obra e sua relação com o tema do evento:

A partir da minha vivência como pessoa não-binária e não normativa aos padrões sociais estabelecidos pelo colonialismo e capitalismo, escrevi o poema *ALÍVIO*, refletindo sobre como a arte se demonstra um lugar seguro para minha alma em meio a uma sociedade ideológica que a marginaliza e tenta destruí-la; como um espaço de expressão, liberdade e conexão com a subjetividade. A arte, além de refúgio, é, para mim, um meio de autoconhecimento e uma forma de afirmar a complexidade de minha identidade – que não cabe em caixas.

No contexto do XVIII Encontro Paranaense de Psicologia, o poema se alinha ao eixo temático “Decolonizar Saberes”, ao provocar uma reflexão sobre a necessidade de ampliar nossa compreensão da saúde mental e suas patologias para além das abordagens tradicionais. Busco, por meio do poema, valorizar a arte como um caminho legítimo para o bem-estar psicológico, conectando-se com a ideia de integrar saberes não hegemônicos e reconhecer formas de expressão e cura que vão além dos modelos clínicos convencionais, saberes inconscientes e ancestrais, que nos conectam com a natureza, os animais e nossos aspectos obscuros, “demoníacos”.

Ao questionar padrões estéticos e normativos, o poema dialoga com a proposta do evento de desafiar paradigmas estabelecidos, incentivando uma Psicologia mais inclusiva, aberta às pluralidades culturais e às múltiplas formas de subjetivação.

Tempo de duração: entre 3 e 8 minutos.

¹ CRP-08/42360 | Contato: oaktonetassad@gmail.com | (41) 99104-2478. Atuação: Atendimento clínico online em Ponta Grossa – PR. Instituições: Graduado em Psicologia na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) em 2024; Mestrando da Universidade de São Paulo (USP) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM).

3. Cultura Hip Hop, Ancestralidade e a Luta Antirracista: conexões entre as batalhas de rima, o coletivo Freestyle D Rua e a Psicologia Paranaense

Autor(es)/Apresentador(es):

Robertth Miniguine Tavanti | robertth.tavanti@gmail.com

Ligia Maria Nascimento Braga

Orientador/Co-autor:

Ligia Maria Nascimento Braga | ligia.maria.nascimento@uel.br |

Universidade Estadual de Londrina

Palavras-chave: Hip Hop; Arte-Cultura; Psicologia.

Resumo: Programação Oficial - As práticas desenvolvidas ao longo do evento contemplarão diversas expressões artísticas e performáticas da Cultura Hip Hop, promovendo interação, criatividade e reflexões sobre os temas escolhidos para o EPP Maringá. Entre elas, destaca-se a **rima improvisada**, que consiste na criação espontânea de rimas realizadas em tempo real a partir de temas sugeridos pelo público ou relacionados ao contexto do EPP Maringá. Essa atividade não apenas estimula a criatividade, mas também reforça o vínculo com o público. Além disso, haverá a **batalha de rima**, uma competição de improvisação em que os integrantes do grupo Freestyle D Rua demonstrarão esse estilo artístico, proporcionando uma apresentação dinâmica. Outra prática presente será a **poesia falada**, que inclui a performance de textos e poesias autorais criados pelo grupo Freestyle D Rua, bem como um espaço aberto para que o público participe, compartilhando suas próprias criações ou recitando textos de sua escolha. Por fim, a **discotecagem** será conduzida pelos DJs Damião Milianos e Cleópatra, que apresentarão performances musicais utilizando técnicas de mixagem e selecionando músicas alinhadas aos temas propostos pelo EPP Maringá.

4. Brinco

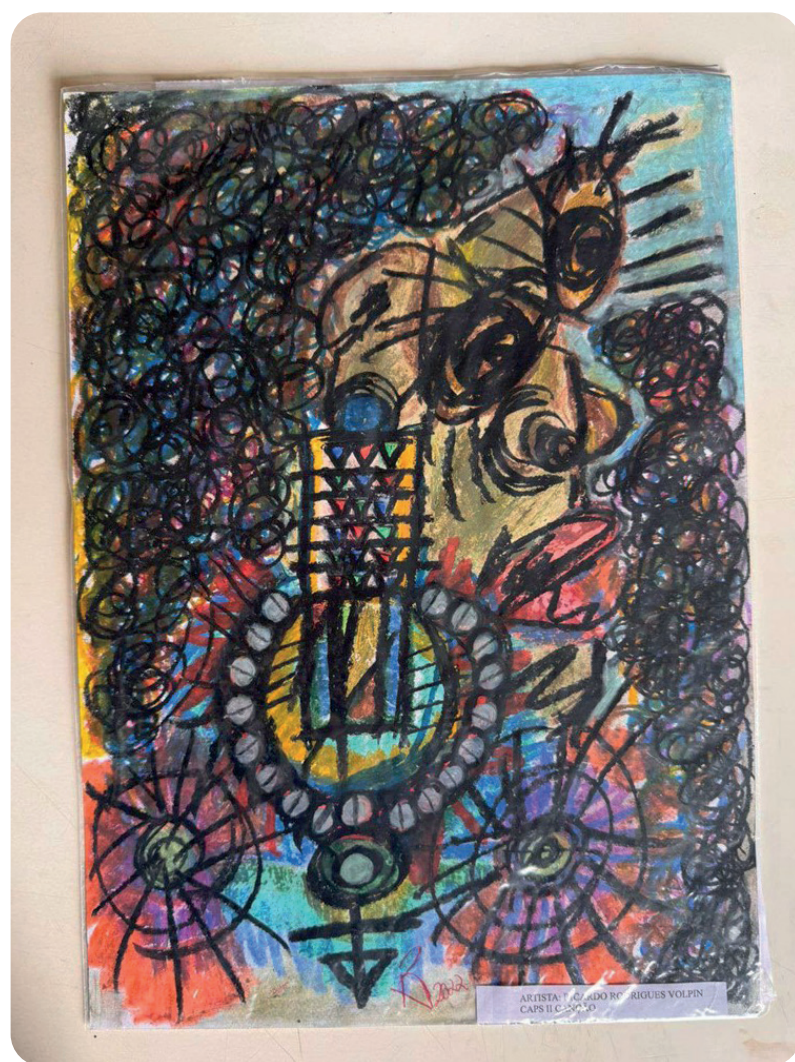
Autor(es)/Apresentador(es):

Ricardo Rodrigues Volpin | capsiiicancao@gmail.com

Palavras-chave: Gênero; Subjetividade; Experimentações.

Resumo: Pode um corpo masculino, experimentar e exercer sua feminilidade? Um brinco, uma brincadeira, uma brecha para existir para além do olhar violento do outro.

- I – Nome da pessoa autora: Ricardo Rodrigues Volpin
- II – Instituição: Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II Canção)
- III – Dados para contato: capsiiicancao@gmail.com
- IV – Título da obra/trabalho: Brinco.
- VI – Autorizo o Conselho Regional de Psicologia do Paraná está autorizado a divulgar imagens da presente obra/trabalho, submetido ao XVIII Encontro Paranaense de Psicologia em suas redes sociais e outros veículos de comunicação.



5. A força do amor

Autor(es)/Apresentador(es):

Ricardo Rodrigues Volpin | capsiiicancao@gmail.com

Palavras-chave: Resistencia; Amor; Arte.

Resumo: A força do amor. Em tempos de ódio, resistimos amando.

Autorizo o Conselho Regional de Psicologia do Paraná a divulgar imagens da presente obra/trabalho, submetido ao XVIII Encontro Paranaense de Psicologia em suas redes sociais e outros veículos de comunicação.





INQUIETAÇÕES TEÓRICAS

1. Rotina(s): distanciamento entre demandas e o ativismo periférico de mulheres brasileiras

Autor(es)/Apresentador(es):

Juliana Cassé¹ | ju.casse@gmail.com
Aline Aparecida Vertes Borba²
Ana Clara Mendes Pereira³

Orientador/Co-autor:

Aline Aparecida Vertes Borba | aavertes@gmail.com
Instituto de Ensino Superior Santo Antônio (INESA)
Ana Clara Mendes Pereira | anaclaramendespereira709@gmail.com
Instituto de Ensino Superior Santo Antônio (INESA)

Palavras-chave: Mulheres; Feminismos; Audiovisual.

Resumo: O audiovisual é fruto de uma atividade proposta pela disciplina de Psicologia Social e Comunitária I, e foi concebido sob orientação da professora Juliana Cassé da Silva. A obra reflete a análise artística das estudantes Aline Aparecida Vertes Borba e Ana Clara Mendes Pereira do 2º Semestre do Curso de Psicologia do Instituto de Ensino Superior Santo Antônio - INESA sobre o Livro “Parece que piorou: Crônicas do cansaço existencial.” da autora Bruna Maia. O objetivo é pautar a necessidade de abertura dos horizontes epistêmicos da Psicologia para compreender a realidade das mulheres brasileiras, a partir de outras estéticas e formas de resistência. Historicamente, a ciência psicológica se propôs a conhecer e objetificar fenômenos a partir de paradigmas coloniais, eurocêtricos, hetéro-patriarcais, classicistas e imperialistas. Não obstante à significativa contribuição no combate à desigualdade de gênero, as teorias feministas europeias e estadunidenses – tidas como “clássicas”, amplamente difundidas no Brasil e desenvolvidas também no campo teórico da Psicologia – acabam por ratificar a visão do norte global, ao adotarem um modelo solipsista de análise das problemáticas que envolvem as mulheres. Partindo de questões comuns e diversas, como “relações de trabalho e emprego”, “relacionamentos” e “políticas públicas”, a segunda parte do trabalho, apresenta mulheres periféricas que expostas às inúmeras formas de violência, resistem em comunidade, pela escrita e pela força de suas ancestrais. Aqui, resgatam-se nomes, rostos, trajetórias e lutas de mulheres brasileiras como Carolina Maria de Jesus que, com seu “Quarto de despejo” na década de 60 conseguiu ultrapassar Sartre em número de livros vendidos e, mesmo assim, continuam restritas aos cursos de extensão e de literatura negra/ afro-brasileira.

Termo de autorização

O Conselho Regional de Psicologia do Paraná está autorizado a divulgar imagens da presente obra/trabalho **“Rotina(s): distanciamento entre demandas e o ativismo periférico de mulheres brasileiras”**, submetido ao XVIII Encontro Paranaense de Psicologia em suas redes sociais e outros veículos de comunicação.

Acesse o link da apresentação:



bit.ly/4iR4i8t

¹ Psicóloga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e docente do curso de Psicologia do INESA – Instituto de Ensino Superior Santo Antônio, em Joinville/SC. E-mail para contato: juliana_silva@santoantonio.edu.br

² Acadêmica do segundo semestre de Psicologia do INESA – Instituto de Ensino Superior Santo Antônio, em Joinville/SC. E-mail para contato: aavertes@gmail.com

³ Acadêmica do segundo semestre de Psicologia do INESA – Instituto de Ensino Superior Santo Antônio, em Joinville/SC. E-mail para contato: anaclaramendespereira709@gmail.com

>> Agradecimentos

Com imensa gratidão, dirigimos esta mensagem a todas as pessoas que possibilitaram a realização do 18º Encontro Paranaense de Psicologia (EPP). Cada gesto, presença e contribuição foi essencial para construirmos juntas um evento potente, plural, acolhedor e comprometido com a transformação social.

A participação ativa das pessoas monitoras, autoras, colaboradoras, representantes dos Conselhos Regionais de Psicologia e artistas que integraram as atividades culturais fez deste encontro um espaço vivo de trocas significativas, reafirmando nosso compromisso com uma Psicologia ética, diversa, enraizada em saberes plurais e voltada para o Bem Viver.

O tema que nos guiou — **“Decolonizar Saberes, Resgatar a História e Cultivar o Futuro Ancestral”** — nos convocou a repensar paradigmas, a valorizar saberes locais e a construir uma Psicologia conectada com os territórios e com a multiplicidade de trajetórias que atravessam nossa atuação profissional. Em cada mesa, apresentação, roda de conversa, intervenção artística ou tarefa de apoio, essa proposta foi vivida de maneira concreta e inspiradora.

Sabemos que conduzir processos coletivos verdadeiramente inclusivos é um desafio contínuo. Como autarquia pública, o CRP-PR se fundamenta na participação democrática, na escuta ativa, na transparência e na corresponsabilidade. Combater o personalismo, promover práticas horizontais e valorizar a diversidade são compromissos que sustentam não somente a realização deste evento, mas também toda nossa atuação cotidiana. E foi a soma dos esforços de cada pessoa envolvida que possibilitou atravessar esse desafio com leveza, afeto e potência coletiva.

A todas as pessoas que compartilharam seus saberes e experiências, que atuaram com dedicação e sensibilidade, que acolheram, orientaram, refletiram, cantaram, dançaram, poetizaram ou simplesmente estiveram presentes: nosso mais profundo agradecimento. A contribuição de cada uma e cada um de vocês fortalece a Psicologia como ciência e profissão comprometida com a justiça social e com a dignidade humana.

Sabendo que somos formigas que se uniram para essa linda travessia, agradecemos imensamente por cada passo dado ao nosso lado. Que os aprendizados e afetos vividos neste encontro sigam reverberando nos territórios, nas práticas e nas trajetórias de todas as pessoas envolvidas.

Seguimos juntas na construção de uma Psicologia cada vez mais inclusiva, potente e transformadora.

As fotos do evento, que tanto refletem a beleza dessa construção conjunta, estão disponíveis em:

<https://bit.ly/44ICPGx>



Realização:



2025 © Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR)

Av. São José, 699 - Cristo Rei | 80050-350

Curitiba-PR | Tel. (41) 3500-7996

www.crppr.org.br